



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Clara Urzedo Rocha Motta

Como afiar palavras?

Escrita acadêmica, experiência e subjetividade.

Florianópolis

2023

Clara Urzedo Rocha Motta

Como afiar palavras?

Escrita acadêmica, experiência e subjetividade.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Orientadora: Prof(a). Andréa Vieira Zanella, Dr(a).

Florianópolis

2023

Motta, Clara Urzedo Rocha

Como afiar palavras? :Escrita acadêmica, experiência e subjetividade. / Clara Urzedo Rocha Motta ; orientadora, Andréa Vieira Zanella, 2023.

135 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Escrita acadêmica. 3. Experiência. 4. Subjetividade. I. Zanella, Andréa Vieira . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Clara Urzedo Rocha Motta

Como afiar palavras? Escrita acadêmica, experiência e subjetividade.

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 20 de setembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Simone Zanon Moschen, Dr.(a)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.(a) Danichi Hausen Mizoguchi, Dr.(a)
Universidade Federal Fluminense

Prof.(a) Ana Lucia Mandelli de Marsillac, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Psicologia.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof.(a) Andréa Vieira Zanella, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2023.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Ana, e ao meu pai, Gustavo, agradeço por todo o apoio e confiança; à minha avó Emma, pelos almanaques de palavras cruzadas e à vó Lila pelas constantes e carinhosas perguntas de como estavam meus estudos.

À Andrea Zanella, orientadora querida, que me deu tempo e espaço para percorrer esse trabalho de forma singular, por acolher as derivas e direcionar meu desejo de pesquisa; à professora Lia Vainer Schucman, por me acolher primeiramente no programa, por sua firmeza ética.

À banca de qualificação, Luciano Bedin e Ana Lucia Marsillac, agradeço as contribuições e apontamentos; ao Danichi, por não me fazer esquecer do brilho.

Ao Daniel, pela companhia e sustentação do cotidiano, nosso encontro foi fundamental para a minha apropriação desse percurso de pesquisa, obrigado por sonhar junto; à Moara, minha enteada, pelo privilégio de acompanhar de perto esse contato primeiro com as palavras, por parecer saber tão melhor sobre tudo aquilo que pesquisava.

Ao grupo de orientação: Orlando, Letícia, Larissa, Milena, Marina, Daniel, Jair, João, Maria Vitória, Denise e Ana Paula, pelas leituras atentas, trocas e cantorias.

À Bruna e Camila, amigas preciosas construídas ao longo desse trabalho.

À Silvia Cunha, por sempre me lembrar do trabalho que estava fazendo, obrigada por fazer da ilha do desterro um território possível.

Ao grupo de supervisão: Paloma, Carol, Gabriel, Belle e Sandra, por darem sustentação à clínica que era tecida simultaneamente a essas palavras

E, fundamentalmente, agradeço a todos aqueles que toparam a proposta de seguir comigo nesse percurso de experimentação, afiando e desafiando palavras; esta pesquisa é uma produção nossa.

Sei que dizer algum dá conta do acontecimento. Palavra alguma, seja ela falada, escrita, consagrada, repudiada, inventada, nada diz tudo. Por isso várias, muitas. Na sabedoria de um povo está dito que "o sopro que sai da boca do homem, a palavra, é a energia, é a potência que move o universo". No livro de outro povo está escrito: "No princípio era o verbo". Nas duas afirmativas é a palavra o princípio.

Conceição Evaristo

RESUMO

Este trabalho discute as condições de possibilidade de a escrita acadêmica vir a ser um lugar para a experiência, em seu sentido profundo de formação e transformação de si, no atual cenário universitário brasileiro. Para tal, foram realizadas oficinas estéticas de escrita com estudantes de pós-graduação *stricto sensu* do campo de estudos da subjetividade. Intituladas *A palavra afiada*, as oficinas tinham como objetivo a ativação de certa natureza poética da linguagem mediante exercícios lúdicos de escrita. Após a realização de duas edições da oficina, uma presencial, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e outra realizada de forma online, foram destacados pontos nodais de análise acerca das vicissitudes da escrita, da escrita acadêmica e da experiência de coordenação de oficinas estéticas de escrita na universidade, abordados ao longo de três artigos que compõem o corpo da dissertação. Nesse ínterim, a impossibilidade da escrita, a infância, a ficção, o fora da linguagem, a experiência do bloqueio e a questão da autoria foram alguns dos pontos discutidos entretecidos ao pensamento de Roland Barthes, Michel Foucault, Jorge Larossa, Marguerite Duras e Elena Ferrante. A partir da experiência com as oficinas e o diálogo com a literatura, compõem-se argumentos para a escrita da pesquisa acadêmica enquanto experiência limiar – zona de transição e ultrapassagens – permeada de negociações entre práticas criativas e exigências institucionais.

Palavras-chave: Escrita acadêmica; experiência; subjetividade.

RESUMEN

Este artículo discute las condiciones de posibilidad de que la escritura académica se convierta en un lugar para la experiencia, en su profundo sentido de formación y transformación del yo, en el escenario universitario brasileño actual. Con este fin, se llevaron a cabo talleres de escritura estética con estudiantes graduados *stricto sensu* del campo de los estudios de subjetividad. Titulados *A palavraafiada*, los talleres tenían como objetivo activar una cierta naturaleza poética del lenguaje a través de ejercicios de escritura lúdica. Después de dos ediciones del taller, una presencial, en la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), y la otra realizada en línea, se destacaron puntos nodales de análisis sobre las vicisitudes de la escritura, la escritura académica y la experiencia de coordinar talleres de escritura estética en la universidad, abordado a lo largo de tres artículos que conforman el cuerpo de la tesis. Mientras tanto, la imposibilidad de escribir, la infancia, la ficción, el exterior del lenguaje, la experiencia del bloqueo y la cuestión de la autoría fueron algunos de los puntos discutidos entrelazados con el pensamiento de Roland Barthes, Michel Foucault, Jorge Larossa, Marguerite Duras y Elena Ferrante. A partir de la experiencia con los talleres y el diálogo con la literatura, se componen argumentos para la redacción de la investigación académica como una experiencia umbral – zona de transición y adelantamiento – permeada por negociaciones entre prácticas creativas y requisitos institucionales.

Palabras clave: Escritura académica; experiencia; subjetividad.

ABSTRACT

This paper discusses the conditions of possibility of academic writing becoming a place for experience, in its deep sense of formation and transformation of the self, in the current Brazilian university scenario. To this end, aesthetic writing workshops were held with *stricto sensu* graduate students from the field of subjectivity studies. Named *A palavraafiada*, the workshops aimed to activate a certain poetic nature of language through playful writing exercises. After two editions of the workshop, one face-to-face, at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and the other held online, nodal points of analysis about the vicissitudes of writing, academic writing and the experience of coordinating aesthetic writing workshops at the university were highlighted, addressed throughout three articles that make up the body of the dissertation. In the meantime, the impossibility of writing, childhood, fiction, the outside of language, the experience of blockade and the question of authorship were some of the points discussed interwoven with the thought of Roland Barthes, Michel Foucault, Jorge Larossa, Marguerite Duras and Elena Ferrante. From the experience with the workshops and the dialogue with the literature, arguments are composed for the writing of academic research as a threshold experience – zone of transition and overtaking – permeated by negotiations between creative practices and institutional requirements.

Key-words: Academic writing; experience; subjectivity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz de divulgação da oficina presencial.....	28
Figura 2 – Cartaz de divulgação da oficina online.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: DA INFÂNCIA À PESQUISA: A RELAÇÃO COM AS PALAVRAS	11
1.1 PROBLEMÁTICA DE PESQUISA.....	19
1.2 OBJETIVOS.....	21
1.2.1 Objetivo Geral.....	21
1.2.2 Objetivos específicos.....	21
2 METODOLOGIA	22
2.2 ENSAIO: ENTRE O EXPERIMENTO E A EXPERIÊNCIA.....	22
2.3 PESQUISA INTERVENÇÃO: BRINCANDO COM AS PALAVRAS	25
2.4 OFICINA DE LEITURA E ESCRITA: A PALAVRA É UM RIS(C)O!.....	26
2.5 MÉTODO: CAMINHO DE PESQUISA	27
3. DA ESCRITA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	31
3.1 A ESCRITA E A HISTÓRIA.....	35
3.2 A ESCRITA E O PERIGO	36
3.3 A ESCRITA E O REMÉDIO	37
3.4 A ESCRITA E A EXPERIÊNCIA	37
4. ARTIGO 1: ABISMOS NAVEGÁVEIS A BARQUINHOS DE PAPEL: A ESCRITA E SUAS VICISSITUDES	40
5. ARTIGO 2: NO LIMAR DA ESCRITA ACADÊMICA: TENSÃO, PRESSÃO E INVENÇÃO	60
6. ARTIGO 3: A PALAVRA AFIADA: COORDENANDO OFICINAS ESTÉTICAS DE ESCRITA NA UNIVERSIDADE	80
7 CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICE - APOSTILA DA OFICINA	115
ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	132

1 INTRODUÇÃO: DA INFÂNCIA À PESQUISA: A RELAÇÃO COM AS PALAVRAS

Um quarto levemente bagunçado iluminado pelo pequeno abajur torto de luz amarela, as cobertas ora sobre as pernas, ora debaixo da cabeça ou então esquecidas, enroladas ao pé da cama. As pernas para cima escoradas na parede contrariando todas as advertências da mãe sobre o pé sujo. As costas eretas, os joelhos dobrados, depois esticados, depois dobrados de novo, depois a bunda no chão e os cotovelos sobre a cama, todas as curvas inimagináveis da coluna e os olhos vidrados no texto. Todas as posições que deixariam qualquer adulto com torcicolo, mas não se tratava disso e sim de uma criança, uma menina que sentia uma estranha pontada no peito e que descobria nos livros uma boa companhia para atravessar a sutileza de sua melancolia infantil.

Essa menina era eu, varando madrugadas na escuta de uma ou outra história, devorando livros, pois “os prazeres que lhe prometia a noite da literatura eram da ordem do improrrogável” (Pellejero, 2017, p. 75). Sempre tive uma íntima relação com as palavras e um fascínio pelo objeto-livro. Lembro de uma bíblia pequenininha que minha vó me deu, as folhas pintadas de dourado e a capa almofadada, lembro dessa bíblia pequenina que pegava pouco para ler, pois era difícil acompanhar aquele enredo, mas que ainda assim guardava com todo o esmero em um saquinho de São Cosme e Damião de um vinte e sete de setembro qualquer. Quando menina, cultivava diários e escrevia cartinhas para as amigas, não só durante as aulas de matemática que pouco me interessavam, mas também depois do jantar, para presenteá-las nos aniversários. Era ali no encontro mágico com as palavras que podia finalmente habitar o universo fantástico de meu imaginário – cultivava diários e um caderninho onde anotava os sonhos de todas as ordens, os de olhos abertos e os de olhos fechados. Até hoje tenho sempre um punhado de folhas em branco por perto, gosto do som da caneta riscando o papel e do fato de meus pensamentos se organizarem com mais facilidade quando faço algo com as mãos.

O improrrogável que nos diz Pellejero não seria o urgente – uma confusão fácil de ser feita – mas sim aquilo que nos exige uma consumação imediata, uma entrega total e cega (Pellejero, 2017). Esse momento de entrega que nos exige a literatura é de suma importância e interesse para esta pesquisa, uma pequena pérola que trago de minhas memórias infanto-juvenis, essa preciosidade que parece cada vez mais distante, dado o ritmo tão acelerado de tarefas e conteúdo que produzimos e consumimos diariamente. Uma pequena pérola que carrego por perto, pois pressinto que tem algo aí que parece criar

as próprias condições de possibilidade para experiência estética com a leitura e com a escrita. Por ora, tomemos por experiência estética quaisquer tipos de experiência em que entramos de um jeito e saímos de outro, ou seja, qualquer experiência da qual se sai transformado (Vilela, 2012; Foucault, 2010). Especificamente, é esse interesse que povoa o ímpeto da pesquisa: a possibilidade de (se) afetar e de (se) transformar com as palavras que usamos para escrever nossos artigos, dissertações e teses; a forma como traduzimos o caminho sempre singular de uma pesquisa. Por isso, começo com uma história, esta minha com as palavras.

Com o passar dos anos a paixão pela literatura ganhou o mundo e se tornou um grande interesse pelas histórias: aquelas pequeninas que se apresentavam em conversas no transporte público, que apareciam na mesa dos bares, que ouvia de meus professores nos corredores da universidade após as aulas, histórias miúdas de grandes sentimentos, ouvidas em volta do fogão a lenha em uma manhã chuvosa sobre o passado do lugar que costumava acampar com meus amigos no litoral sul do Rio de Janeiro. Era como se aquilo que, durante a infância, me encantava nos livros e me atravessava desperta pelas madrugadas transbordasse aquele amontoado de palavras escritas. Começava, então, a ver aquela mesma matéria viva e pulsante na voz das mulheres mais velhas da minha família, nos jantares com minhas amigas, nos ensinamentos do meu mestre de capoeira, na conversa despreziosa que tinha com o trocador do ônibus e com aquela senhora que se sentou ao meu lado nas barcas em mais uma travessia da Baía de Guanabara. Já dizia Glória Anzaldúa, intelectual norte-americana, em sua belíssima carta às mulheres escritoras do terceiro mundo, que “não há necessidade de que as palavras infestem nossas mentes. Elas germinam na boca aberta de uma criança descalça no meio das massas inquietas. Elas murcham nas torres de marfim e nas salas de aula” (2000, p. 235). Me interessa, portanto, a palavra viva e, se a instituição universitária tornou a palavra essa coisa murcha como nos alerta Anzaldúa, talvez seja preciso deixar a letra acadêmica ser contagiada por outros usos da palavra que usualmente são postos de fora da trama de produção do conhecimento ocidental.

Quando digo “modo hegemônico de produção do conhecimento ocidental” invoco o que Patrícia Hill Collins (2018), filósofa norte-americana, refere como abordagens metodológicas positivistas, caracterizadas pelo distanciamento de sujeito e objeto, pela exclusão das “emoções” e pela falta de lugar dada à ética e aos valores. Essas abordagens acabam por produzir um tipo de saber descorporificado, que supõe “ver tudo de lugar nenhum” (Haraway, 1995, p. 19). Essa pretensa universalidade, que diz do salto do olhar

para fora do corpo marcado – como todo corpo é um corpo marcado pela história –, acaba por fazer da ciência um engenhoso esquema de produção e radicalização de distinções, caracterizando-a como um pensamento abissal (Santos, 2012). Ou seja, um pensamento que, a partir de linhas que delimitam violentamente um dentro e um fora, cria abismos.

Começava a me chamar atenção, portanto, certo aspecto literário da vida, um tipo de costura ou de postura que garantia aos acontecimentos cotidianos uma espécie de *encantamento*, pensando que “encantar é expressão que vem do latim *incantare*, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo” (Simas; Rufino, 2020, p. 03). Algo que se revelava em pequenos lampejos, na trama da cidade, nas ruas, nas conversas, nos ditados populares, nas canções, nos encontros... O que me impressionava era como isso que era aparentemente tão miúdo, colocado na ordem das insignificâncias e das banalidades, apresentava um potencial formativo tão grande. Dei a isso o nome de pequenas histórias. Essas narrativas¹ acabaram por desempenhar em mim o papel de grandes professoras. Assim como aquelas que encontrei em salas de aula, nos congressos acadêmicos, nos grupos de estudo sobre filosofia. E arrisco dizer que quando aprendia nesses espaços formais e consagrados do conhecimento era justamente quando estes conseguiam fazer vazar essas histórias pequeninas, essa matéria misteriosa que se faz próxima à vida. Me interessa assim, ao fazer das palavras de Antonio Candido as minhas, chamar de literatura:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade [...]. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação [...] durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, caso, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. (Candido, 1989, p. 4).

Assim, a literatura que me interessa não mora nos livros e nem mesmo está restrita ao universo do letramento, ela seria uma espécie de véu que recobre as palavras e as

¹ De forma resumida, a narrativa seria uma forma artesanal de comunicação que perdeu lugar mediante o advento da modernidade. Este termo aqui ganha a força de um conceito que será posteriormente trabalhado a partir de comentários de: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: obras escolhidas, vol. I, 2012, Ed. Brasiliense.

coisas, garantindo-lhes uma certa liberdade. E é a partir dessa literatura que quero pensar a escrita e suas muitas políticas; poéticas e políticas. Como se esse véu permitisse que as palavras não sejam tão somente palavras, nem as coisas tão somente coisas; um véu que ao mesmo tempo que ofusca uma realidade, torna outras mais cristalinas – que permite que brinquemos com as palavras e com as coisas, entendendo que não há uma relação determinista entre ambos os termos. Segundo Patrícia Peterle, pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, "a palavra dissolve o objeto, a névoa com seu efeito visual faz com que as coisas que estão presentes numa determinada paisagem possam 'desaparecer', provocando incertezas e dúvidas" (2021, p. 459). Nesta pesquisa pensarei, portanto, a literatura em um sentido ampliado: não enquanto área do conhecimento, nem categoria artística, mas sim enquanto verbo, ação que agencia novos sentidos de mundo.

Importante diferenciar, portanto, a literatura da história da literatura ou da ciência da literatura – que é aquilo da literatura que se transmite e que se ensina. A literatura propriamente dita, essa que é verbo, que se faz sempre em ato, é o próprio ser da palavra – ou aquilo que havia chamado de palavra viva (Barthes, 2012). É nesse sentido que a literatura aparece enquanto uma ampliação de possíveis para a escrita da pesquisa, pois possui uma relação mais próxima com o indizível, o inexprimível daquilo que nos acontece.

Mas que pesquisa é essa? Talvez você esteja se perguntando isso a este ponto e talvez a este ponto eu ainda não saiba muito bem como responder. Talvez eu ache menos interessante responder essa pergunta do que ficar com ela, talvez eu queira apostar na inconclusão enquanto fundamento metodológico e ético de uma pesquisa que quer se fazer próxima à vida (Mizoguchi, 2017): porque parto de um interesse pelas histórias, as que habitam os livros e as que habitam as bocas e corpos dos que aqui circulam. Mas, verdade seja dita, viemos ao que viemos e algumas linhas já foram traçadas, alguns elementos já compõem a cena da pesquisa – elementos esses que não se distinguem do lugar onde falo, da minha história de formação enquanto gente e enquanto psicóloga. E é importante dizer que isso não é algo fortuito, mas sim um posicionamento ético-político, um desejo de praticar aquilo que Haraway irá chamar de saberes localizados (2018).

Logo, o que aqui tento fazer é contar uma história que é minha e deixa de ser, uma história que é minha, mas que pode ser de várias pessoas, contar o percurso que me trouxe até aqui e que me implica a essa temática de pesquisa. Entre os livros comidos nas madrugadas em claro e as histórias de minha adolescência e início de vida adulta, encontro como unidade mínima *a palavra e o seu uso*. Ou seja, a escrita dos textos e da vida, a forma como transmitimos aquilo que nos acontece. E é com essa bagagem que me aproximo do programa de pós-graduação, com essa bagagem e com essa pulga atrás da orelha: de pensar qual uso tem sido feito da palavra dentro dos espaços universitários que se dedicam a pesquisar a subjetividade humana e suas múltiplas implicações com o mundo.

A ideia é pensar esse uso a partir da proposição de oficinas estéticas de escrita como abertura de um espaço e tempo, para se aproximar da experiência de escrita dentro desse campo de conhecimento e para acionar certo “poder de ir até o rabo da palavra” (Rosa, 2015, p. 150), ou seja, poder se demorar nesse passeio pelas letras, buscando uma relação mais prazerosa e criativa com o texto.

Por gosto ou teimosia, me propus um exercício ao longo da formação acadêmica, em especial na escrita do trabalho de conclusão de curso: não abandonaria a literatura para dar conta da enorme carga de livros e artigos científicos que teria de ler para a pesquisa monográfica. Tinha nesse exercício uma aposta epistemológica de que os textos poéticos e literários seriam fortes aliados no empreendimento dessa escrita de fôlego e que carregariam consigo outros saberes preciosos de se ter por perto. Havia nesse exercício uma aposta e uma revolta com o fato de que esse trabalho de ler, pesquisar e escrever elimine uma vontade de ler e escrever por puro e simples prazer e que talvez justamente por isso a escrita acadêmica tenha se tornado uma escrita extremamente burocratizada.

Se, atualmente, a diversidade no pensamento acadêmico se expandiu, a lógica de avaliação da produtividade intelectual se mantém ajustada aos parâmetros de um poder que pouco resiste às palavras de ordem e aos indexes de diferentes procedências, sufocando a criação que o pensar, como uma ação existencialmente coletiva, sempre potencializa. (Linhares, 2016, p.11).

Ao utilizar a palavra burocratizada, refiro-me a uma certa institucionalização do modo de escrever, um modo de escrever típico daqueles que escrevem em um contexto acadêmico regido por normativas metodológicas e epistemológicas fiéis ao projeto de modernidade. A escrita acadêmica, nessa perspectiva, deixa de ser um problema e passa a ser a aquiescência de uma forma pronta, pré-requisito para aqueles que querem vicejar dentro dos muros da universidade.

Galesso, Marcondes e Rego (2020) utilizam o termo *escrita protocolar* para designar essa forma rígida e esvaziada de sentido da escrita típica para o ingresso no ensino superior e dos possíveis desdobramentos disso para a escrita acadêmica. Segundo as autoras, “o dever-dizer se impunha e seu saber-dizer se enfraquecia, tornando a redação de vestibular um espaço de confronto e não de negociação, no qual a língua é cindida” (2020, p. 192). O texto da citação se refere a uma pesquisa realizada com estudantes do terceiro ano do ensino médio e suas experiências com a escrita de redação em processos seletivos para o ensino superior, mas podemos facilmente pensar tais constatações como uma espécie de iniciação ou preparação para a escrita que é exigida e praticada após o ingresso nas universidades.

Tal enrijecimento da escrita se agrava ainda mais diante dos critérios para a avaliação dos programas de pós-graduação adotados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que se baseia predominantemente em indicadores quantitativos e em prazos para conclusão dos cursos. Logo, não há tempo para pensar a escrita, não há tempo para experimentá-la, pois não há tempo a perder com qualquer coisa que possa desestabilizar o que já se convencionou como o mais adequado para figurar nos relatórios e artigos científicos (Linhares, 2016). Diante da pressão crescente por mais produção, somados a falta de investimento no ensino superior e o absoluto descrédito vivido pelas diversas áreas das ciências nos últimos anos, o contexto brasileiro de produção científica torna-se cada vez mais um terreno árido para produções criativas, apesar da resistência e sustentação promovida por aqueles que integram os corpos docentes e discentes das universidades brasileiras. Segundo Silva,

[...] um dos impactos do crescimento dos programas de pós-graduação vem acompanhado, por exemplo, de condições de trabalho precárias, do mercantilismo científico e de competições entre os pares, afetando diretamente a saúde física e mental dos estudantes e do corpo institucional. (Silva, 2021, p. 27).

A autora – que realizou uma pesquisa recente em sua pesquisa de mestrado na UFMG, defendida no ano de 2021 – aponta ainda o silêncio social que perpassa o sofrimento que atravessa o processo de escrita acadêmica, resultando muitas vezes em bloqueios e sentimentos de inferiorização. Podemos pensar que esse bloqueio se dá nos termos da própria forma exigida, ainda que implicitamente, dentro da academia, sendo esta uma forma dura e estanque que acaba por parecer inatingível para muitos daqueles que ingressam nas universidades e nos programas de pós-graduação. Na UFSC, documentos relativos a um projeto desenvolvido pelo Departamento de Psicologia, de acolhimento ao sofrimento psicossocial da comunidade acadêmica, intitulado “Acolhe UFSC”, apresentam um número crescente de procura de estudantes de pós-graduação pelo programa, um reflexo de como a experiência da pós-graduação pode desencadear processos de sofrimento psíquico.²

Recorrendo ao conceito de encantamento proposto por Simas e Rufino (2020), é como se a política de escrita acadêmica hegemônica padecesse de um desencantamento, ou seja, tenha perdido sua potência de enfeitiçar e revirar os sentidos para o mundo. Mais do que um desabafo, isso é algo que tomo como problema: a burocratização da escrita acadêmica e seu afastamento da vida, fazendo das universidades fortalezas isoladas de seu entorno. E gostaria aqui de pensar esse afastamento nos termos da própria escrita, ou seja, como que a forma como se escreve usualmente dentro da universidade não acaba por afastar quem escreve e quem lê; não acaba por afastar o conhecimento e o mundo. Mais do que um desabafo, tinha nesse exercício – o de manter a literatura por perto – uma aposta no pesquisar e escrever sobre e na vida – e também de fazer da pesquisa uma vida possível. É nesse sentido que “para escrever temos de nos entranhar e nos estranhar com a vida” (Linhares, 2016, p. 9).

O problema da burocratização da escrita acadêmica ganha ainda outros contornos quando pensado no âmbito dos estudos da subjetividade, de áreas do conhecimento que se debruçam sobre aquilo que não se vê, sobre a inespecificidade da experiência, que investigam e pesquisam isso que ronda o sujeito e sua relação com o mundo e consigo mesmo. Aposta-se que, para tal campo de estudos, muito tenha a se aprender com a literatura. É nesse sentido que “a escrita literária [...] é uma exigência ou necessidade, e ainda a tentativa de adentrar naquela esfera que não conseguimos tocar, que pressentimos, sentimos, tangenciamos, mas não sabemos como ‘traduzir’” (Peterle, 2021, p. 460).

² Mais informações em: SETIC-UFSC. **AcolheUFSC**. Página Inicial. Disponível em: <<https://acolheufsc.ufsc.br/>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

É certo que, nos últimos tempos, muito tem se discutido dentro dos programas de pós-graduação em ciências humanas acerca da necessidade de fazer o saber acadêmico se encontrar com outros saberes (Simas; Rufino, 2018), e pode-se observar diversos avanços no sentido de incluir vozes silenciadas na trama de produção do conhecimento acadêmico. Um percurso que vem sendo trilhado desde a psicologia social latino-americana, as repercussões do institucionalismo francês no território brasileiro e o advento das pesquisas cartográficas (Passos; Kastrup, 2014), as metodologias do PesquisArCOM (Moraes, 2010), as discussões mais recentes acerca da colonialidade do saber (Quijano, 2005) e todos seus desdobramentos em solo brasileiro e mais inúmeras referências de epistemologias e políticas de pesquisa contra-hegemônica. Entretanto, observo que nem sempre essa virada epistemológica é acompanhada de uma virada narrativa e reflito acerca da necessidade de pensar as políticas de narratividade no âmbito das ciências que se dedicam aos estudos da subjetividade. Nesse sentido, podemos pensar que

[...] a ciência, pelo menos a ciência das ciências humanas, não é um lugar neutro nem é a região das descobertas para além do bem e do mal, como se fossem inanimadas as suas paisagens. É um lugar em que a linguagem constantemente se debate com o objeto da investigação, formando-o ao descobri-lo e construindo-o ao desvelá-lo. (Henriques, 2021, p. 252).

Logo, o que aqui quero fazer é transpor a questão literária por excelência – ou seja, aquela que toma a sua própria forma por objeto (Barthes, 2004; Candido, 1998) – para entretecê-la com a questão da escrita acadêmica no campo dos estudos da subjetividade. É pensar, portanto, a relação entre a forma e o conteúdo das histórias, pensando na importância do pesquisador “transformar-se em escritor para reencontrar os problemas candentes de toda enunciação” (Barthes, 2004, p. 8).

A questão de pesquisa deriva, portanto, de um estranhamento com o modo como as coisas são narradas dentro da universidade. Narradas e escritas. Um estranhamento possibilitado pelo encontro com outras narratividades tais como a literatura, a poesia e os saberes cotidianos expressos em contextos e condições variadas. Estranha-se, então, essa relação que, ao separar o sujeito cognoscente do objeto de conhecimento, parece por se afastar da própria *experiência*. Parece, assim, que há algo da experiência que não ganha passagem nesse enigmático modo de narrar que é praticado dentro dos muros da universidade.

Talvez já seja hora de se afirmar peremptoriamente que o que se pode fazer transcorrer e transmitir nos estudos da subjetividade não é a certeza de um experimento, mas a irrequieta e incômoda passagem política e metodológica

de uma experiência. (Mizoguchi, 2015, p. 202).

É na seara entre o experimento e a experiência, a replicabilidade e a transmissibilidade que esta pesquisa se fundamenta, se debruçando, mais especificamente, sobre as práticas de escrita na interface da ciência e da literatura.

1.1 PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

A presente pesquisa busca analisar a experiência de escrita em cursos de pós-graduação no campo dos estudos da subjetividade. Se debruça, portanto, sobre os mútuos entrelaçamentos entre a escrita, a experiência e os processos de subjetivação. Entende-se aqui a experiência em seu sentido profundo, isto é, enquanto “qualquer coisa de que se sai transformado” (Foucault, 2010, p.289). Para fundamentar esse sentido de experiência, utilizarei o conceito de *Erfahrung* de Walter Benjamin (2012) e as reflexões de Jorge Larrosa (2020) em seu livro *Tremores: escritos sobre a experiência*.

Há, portanto, uma passagem: do vivido para o experimentado, da experiência para a experiência estética, do acontecimento para a criação. Uma passagem que tem como pano de fundo a questão relativa ao que fazemos com isso que nos acontece, os possíveis desdobramentos criativos a partir do contato com a dimensão trágica da vida, que podemos também traduzir como uma implicação ética com a existência e a produção do conhecimento.

Esta questão é de pertinência para certa psicologia social que busca se afastar de leituras dicotômicas da relação entre indivíduo e sociedade, pensando ambos os termos de forma distinta, porém indissociável (Silva, 2004). Se o sujeito e o meio social se constituem mutuamente, trata-se, portanto, de um complexo processo de constituição que seria o objeto de estudo da psicologia social propriamente dito: esse entremeio, esse limiar, essa ponte – que também é o lugar das palavras.

A escrita e a leitura, tendo como unidade mínima a palavra e seus usos, é de interesse da psicologia social, pois está intimamente atrelada a esses processos de mútua constituição. O que fazemos com isso que nos acontece? A importância desta questão se dá pelo fato dela caminhar junto ao problema do um e do todo, dos coletivos e da diferença, do comum e das singularidades. Esta pesquisa busca se demorar nessa passagem, pois entende a importância desses pequenos arranjos criativos nos processos de produção de subjetividade e nas produções coletivas da sociedade.

Desse modo, intenta-se com esse estudo avaliar quais as condições de possibilidade, em meio ao cenário de alto produtivismo acadêmico fomentado pelas demandas neoliberais do contemporâneo (Bedin, 2017), de criar uma relação estética com as palavras que costuramos para compor nossas teses, dissertações e artigos científicos. Ou seja, se há a possibilidade da escrita ser um lugar para a experiência no atual cenário universitário brasileiro. Nesta questão encontra-se de forma implícita uma aposta relativa à importância de pensar a experiência em seu sentido profundo no campo de estudos da subjetividade, tendo em vista que seu objeto não é da ordem do verificável, do visível, do calculável. É nesse sentido que, diante da vastidão daquilo que se estuda – o sujeito e sua relação com o mundo – se faz necessário uma reflexão acerca das práticas de escrita, entendendo que as palavras não são apenas instrumentos, mas também agentes no jogo de produção do conhecimento. A proposta, portanto, é de contaminar a língua acadêmica com outras práticas com a palavra, como a literatura e a poesia, no intuito de recuperar sua infância, tal como nos diz Manoel de Barros (2006), ou seja, sua potência estética, criativa, pensando que o uso poético da língua talvez seja o mais rigoroso para tratar de algo tão inexato e preciso quanto a vida.

[...] problema de escrita: são absolutamente necessárias expressões anexatas para designar algo exatamente. E de modo algum porque seria necessário passar por isto (um outro ou um novo dualismo), nem porque se procederia somente por aproximações: a anexatidão não é de forma alguma uma aproximação; ela é, ao contrário, a passagem, exata daquilo que se faz. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 31).

Essas questões, perpassadas no decorrer do processo de pesquisa, possibilitaram a tessitura de fragmentos para a aposta de práticas de escrita acadêmica que, na interface da ciência e da literatura, facilite a escrita da pesquisa como um lugar de formação propriamente dita para o corpo discente da pós-graduação – assim como uma abertura para modos de escrever que se ocupem de inventar uma linguagem que dê passagem para a experiência, aquilo para o qual por definição nos faltam palavras.

Os resultados serão apresentados na forma de três artigos, em consonância com o Manual do Aluno (versão 2023.1)³ do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGP-UFSC). O primeiro artigo, intitulado *Abismos navegáveis a barquinhos de papel: a escrita e suas vicissitudes*, se debruça sobre

³ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA. **Manual do/a discente**. UFSC, 2023. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14CUR1gtqtkKZqJG7Ig4cVT4oQ-s2IEGf/view>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

as vicissitudes da escrita de forma geral a partir do entrelaçamento da experiência de coordenação de oficinas estéticas de escrita e do contato com textos de renomadas autoras da literatura como Marguerite Duras e Elena Ferrante sobre seu próprio processo de escrever. O segundo, *No limiar da escrita acadêmica: tensão, pressão e invenção*, discorre sobre a escrita acadêmica, seus pontos de confluência e de divergência com a escrita de forma geral, destacando pontos latentes do processo dessa performance específica do escrever. Por fim, o terceiro artigo, *A palavra afiada, coordenando oficinas estéticas de escrita na universidade* se apresenta como um relato de experiência da construção e coordenação das oficinas, explicitando o percurso de experimentação proposto aos participantes e dando passagem para questões emergentes em meio ao processo de escrever sobre a escrita vivido pela pesquisadora.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

- I) Analisar as condições de possibilidade da escrita acadêmica se constituir como lugar da experiência para estudantes de pós-graduação no campo dos estudos da subjetividade.

1.2.2 Objetivos específicos

- I) Recolher fragmentos da experiência de escrita de estudantes de cursos de pós-graduação no campo de estudos da subjetividade;
- II) Analisar as contribuições de oficinas lúdicas com a palavra para a promoção de experiências estéticas com a escrita acadêmica de estudantes de pós-graduação, no campo de estudos da subjetividade;
- III) Analisar as relações entre a escrita e processos de subjetivação para estudantes de pós-graduação no campo dos estudos da subjetividade.

2 METODOLOGIA

2.2 ENSAIO: ENTRE O EXPERIMENTO E A EXPERIÊNCIA

[...] para os bichos e para os rios, nascer já é caminhar.

(João Cabral de Melo Neto)

Como fazer? A interpelação metodológica é também objeto desta pesquisa. Logo, proponho a utilização de recursos metodológicos que consigam abarcar não só a investigação acerca da experiência de escrita, como também a performatização, no encontro com o campo de pesquisa, de outros usos da palavra.

Entende-se que “os dispositivos de controle do saber são também dispositivos de controle da linguagem e da nossa relação com a linguagem, quer dizer, das nossas práticas do ler e escrever, de falar e escutar” (Larossa, 2003, p.102). É nesse sentido que a pesquisa encontra o gesto ensaístico – esse híbrido entre a filosofia e a literatura (Larossa, 2003; Starobinski, 2011) – como aposta metodológica, por pretender aconchegar e borrar as próprias fronteiras entre a literatura e a ciência, imbuída do esforço de pensar as condições de possibilidade da escrita acadêmica ser um lugar para a experiência de formação em seu sentido profundo, ou seja, uma formação não somente para o pesquisar, mas para a própria vida. Assim, a interrogação acerca da epistemologia em ciências humanas há de ser acompanhada de uma operação de problematização da relação entre a escrita e o pensamento. Problematiza-se e abre-se a possibilidade de reaprender a escrever, ou melhor, de aprender a escrever toda vez que se escreve. Assim, “a partir de uma liberdade que escolhe seus objetos e inventa sua linguagem e seus métodos, o ensaio, no limite ideal no qual não faço senão concebê-lo, deveria saber aliar ciência e poesia” (Starobinski, 2011, p. 23-24).

Aproximar o ensaio, um gênero à margem da modernidade (Larossa, 2003), dos métodos em pesquisa científica significa, dentre outras coisas, lançar mão de uma dimensão ética na produção do conhecimento. Ensaiai é sempre um ensaiar-se, um exercício de pensamento que só se faz próximo à vida, em uma estreita relação com a transformação das coisas e de si mesmo. Pesquisa-se, então, não para apreender aquilo que já está no mundo dando-lhe um estatuto de verdade, mas sim para problematizar o instituído e modificar a si e ao mundo em um trabalho crítico com o próprio pensamento. O ensaio aparece, portanto, enquanto forma privilegiada, por ser uma “experiência

modificadora de si no jogo da verdade [...] corpo vivo da filosofia” (Foucault, 2014, p. 14).

O ensaio aparece na escrita desta pesquisa enquanto forma – entendendo que toda a forma possui uma íntima relação com seu conteúdo. Dessa maneira, considero que o exercício ensaístico possibilita a inclusão do próprio processo de escrita como experiência de campo da pesquisa, dando passagem para os impasses vividos no momento de criação do texto, impasses que coincidem com aquilo que foi experienciado ao longo da condução das oficinas, afirmando o escrever como espaço privilegiado para se aproximar das tensões e invenções em jogo na trama da escrita científica.

Para se entrar em caminhos desconhecidos é preciso pedir licença. E como a licença é um gesto e não simplesmente uma formalidade pela palavra, é preciso então reconhecer-se desconhecedor, ou melhor, como conhecedor dos desconhecimentos que é o aprendiz. Falo isso pois acredito firmemente que há também um saber na ignorância – sem sentido pejorativo algum no uso dessa palavra. Para se entrar em caminhos desconhecidos, é preciso pedir licença e é preciso querer aprender. Logo, me interessa a posição do ensaísta como me interessa a posição de aprendiz. Não é à toa que Michel de Montaigne, filósofo e escritor francês precursor do ensaio enquanto gênero da literatura, possui como frase-emblema “que sei eu?”, em tradução livre para o nosso bom português. Sendo assim, o ensaio se apresenta como uma operação de problematização da relação entre a escrita e o pensamento. Problematiza-se e abre a possibilidade de reaprender a escrever, ou melhor, de aprender a escrever toda vez que se escreve, o que significa, também, experimentar uma linguagem afastada do hábito e sair andando em busca de uma relação mais honesta com as palavras.

Dizer que para escrever este texto é preciso aprender a escrever não é tomar as palavras como dóceis, ou inserir seus usos no campo de uma relativização romântica, gramatical, mas, ao contrário, trata-se de afirmar sua força; “a força atuante da palavra” que dá ao texto, ao ensaio a capacidade de agir – ou seja, de transformar-se em verbo – ensaiar-se, ensaiar um pensamento, uma prática, um gesto, uma existência. (Pamplona, 2019, p. 13).

O ensaio, que é exercício – como o ensaio de uma peça ou de uma banda – mas também caminho – como as pegadas deixadas pela caminhante, o rastro de um pensamento da experiência que se encontra em incessante problematização das coisas e

de si – exige a atenção e a humildade de quem desconhece, mas quer conhecer. O suíço Jean Starobinski, ao se questionar acerca da definição desse gênero literário, recorre a certa perambulação etimológica e nos conta que "dizer ensaio é o mesmo que dizer "pesagem exigente", "exame atento", mas também o "exame verbal" cujo impulso liberamos" (Starobinski, 1985, p.13).

Parte-se então desse aparente despropósito, movido de início pela simples urgência de produzir e começar alguma coisa. Dito em outras palavras, começa-se a caminhar sem saber ao certo o caminho, simplesmente pela necessidade de movimentar-se, por não aguentar mais ficar parada. Como na música de Chico César, o caminho se conhece andando e por vezes é bom se perder. Logo, é no próprio percurso, nas andanças e nos desvios, que vão se forjando as questões e se abrindo caminhos para a pesquisa.

Para ensaiar, é preciso então esse compromisso com as forças do presente, esse exercício de atenção para seus detalhes, essa abertura para aquilo que por vezes passa despercebido.

Se trata de desconjuntar o presente, de desnaturalizar o presente, de estranhar o presente, de converter o presente, não em um tema, mas em um problema, de fazer com que percebamos quão artificial, arbitrário e produzido é o que nos parece dado, necessário ou natural, de mostrar a estranheza daquilo que nos é mais familiar, a distância do que nos é mais próximo. (Larrosa, 2004, p. 34).

Assente nisso, entendo aqui que o ensaio – esse tipo híbrido entre a filosofia e a literatura, a ciência e a poesia – apesar de se constituir na e a partir de pressupostos da modernidade, cria um lugar para outros modos de fazer e dizer ciência.

Ensaaiar, nos dirá Starobinski (1985), para além de exercitar e caminhar, é também pesar com as mãos: a proposição de um balanço das coisas e de nós mesmos. Ensaaiar é esse tipo de pesagem manual, artesanal, com marcas. O ensaísta manuseia as palavras assim como o artesão pega, amassa e modela a matéria prima de seu trabalho. O ensaísta manuseia as palavras assim como o narrador manuseia a vida. Tem algo no ensaio que é próximo à narração, às histórias... Talvez algo na margem da experiência e das palavras, ou melhor, da experiência com as palavras, sejam elas escritas ou transmitidas oralmente. Logo, o texto se faz ensaio porque pensa sobre e a partir desse gesto sutil, que é feito com as mãos, com a ponta dos dedos e que não pode furtar-se das marcas deixadas em seu

produto final.

Dito isso, "o ponto está riscado: há que se ler a poética para se entender a política, há que se ler o encanto para se entender a ciência" (Simas; Rufino, 2018, p.16) e saímos caminhando em busca dessas leituras e aprendizados, dessas poéticas-políticas e desses encantos-científicos. Caminhando como quem ensaia e ensaiando como quem caminha; como quem sabe que não há caminho único e que se lança no risco de perder-se ao se desprender do que já está dado para aprender de novo, mais uma vez, de uma outra forma.

2.3 PESQUISA INTERVENÇÃO: BRINCANDO COM AS PALAVRAS

A pesquisa intervenção é um método de pesquisa qualitativa-participativa que busca ampliar as bases teóricas e metodológicas das pesquisas participativas, colocando em cena a própria intervenção, ou seja, a transformação da realidade com a qual se está pesquisando (Rocha; Aguiar, 2004). Trata-se, portanto, de uma inflexão no modo de pesquisar que trabalha de forma concomitante à observação e à intervenção (Zonta, 2018), além de reposicionar o lugar usualmente atribuído ao sujeito e ao objeto nas pesquisas em ciências humanas. Em uma pesquisa intervenção, sujeito e objeto de conhecimento são convidados a se colocar lado a lado (Macerata; Soares; Oliveira, 2019) e é esse encontro, ou seja, o próprio momento da intervenção, o lugar privilegiado para a produção do conhecimento.

Logo, o fundamento de uma pesquisa-intervenção é a troca constante entre teoria e prática, “é o encontro da teoria e da prática numa reinvenção de ambas, em que se objetiva interferir a partir dos acontecimentos que o contexto propicia e junto a eles” (Brito; Zanella, 2012, p. 47). É nesse sentido que tal abordagem metodológica não se pauta em pressupostos duros ou estanques, tendo em vista que o próprio método vai se tecendo no decorrer da pesquisa, no trilhar de um caminho que descobre e redescobre seus objetos e objetivos na medida em que os encontros-intervenções vão acontecendo.

Sendo assim, utilizarei aqui como aporte metodológico não apenas o ensaio – entendendo a escrita como campo de pesquisa no intuito de não tomar as palavras apenas como mero instrumento – mas também a intervenção na forma propositiva de oficinas estéticas de escrita, voltadas para estudantes vinculados a programas de pós-graduação no campo de estudos da subjetividade.

A escolha pelo termo *campo de estudos da subjetividade* se dá pelo fato de que a própria terminologia já implica um posicionamento epistemológico dentro do campo da

psicologia e abarca também outras áreas do conhecimento que são relevantes para a temática da pesquisa. Dentre tais programas de pós-graduação, foram consideradas diversas áreas do conhecimento que possuem linhas de pesquisa acerca da temática da subjetividade, tais como: psicologia, literatura/letras, filosofia, saúde coletiva, educação, ciências sociais, antropologia, entre outros.

2.4 OFICINA DE LEITURA E ESCRITA: A PALAVRA É UM RIS(C)O!

Quem tem vocabulário parco tem que substituir uns termos por miúdas mágicas. Boto rios no bolso. Prendo silêncio com fivelas. Nascem cabelos em parede etc. Faço confiança nesses fazeres de ir descascando a palavra.

(Manoel de Barros)

A oficina estética de escrita foi o dispositivo metodológico de intervenção utilizado na pesquisa. A oficina caracterizou-se como contexto para recolha de informações acerca da experiência de escrita de estudantes de pós-graduação no campo dos estudos da subjetividade, além de fomentar experiências estéticas com a escrita a partir de atividades lúdicas com as palavras. Busca-se aproximar o termo oficina de seu sentido etimológico, ou seja, um espaço que se cria e em que se cria, espaço de sobreposição entre a obra e o fazer;⁴ um espaço de construções artesanais e de artesanias. Desdobrando as considerações apresentadas acerca do ensaio, a oficina de escrita consistiu em um ensaio prático, um lugar de pegar as palavras com as mãos, experimentar seu peso, saborear seu gosto, descascá-las até que elas se tornem outra coisa que não aquilo que já sabemos delas – ou seja, seu sentido conhecido, compartilhado.

Sendo assim, a oficina foi realizada "como uma tentativa de criar um espaço para as participantes se (re)descobrirem na relação com o ler e o escrever" (Zonta, 2018, p. 41). Com uma alternância entre troca de experiências e proposições práticas, os encontros com os/as participantes pretenderam inaugurar um outro tempo, que não esse vazio e homogêneo do progresso capitalista (Benjamin, 2012), investindo, assim, na possibilidade de se produzir experiências de força estética, ou seja, capazes de nos

⁴ WIKIPEDIA. "Oficina". Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Oficina#:~:text=A%20palavra%20oficina%2C%20define%20o>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

subjeter de maneira criativa, diferentemente.

2.5 MÉTODO: CAMINHO DE PESQUISA

A construção da oficina estética de escrita, lócus da pesquisa, se deu através da elaboração de um projeto intitulado *A palavra afiada*. Mediante leituras disparadoras, rodas de conversa e exercícios lúdicos de escrita, a proposta consistiu no debruçar sobre a potência das palavras, ativando a natureza poética da linguagem no intuito de construir uma relação mais prazerosa com o texto.

A elaboração da proposta contou com a minha participação prévia em oficinas de escrita, como a oficina “Brincar com a palavra”, da ONG Casa da Árvore, ministrada pelas psicólogas Luísa Benevides e Melissa Bottrel; a oficina “Escrever para não esquivar”, ministrada por Patrícia Galelli; e a participação no laboratório de escrita do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, também ministrada por Patrícia Galelli.⁵

Após essa imersão, confeccionei uma apostila com amplo material de mediação literária que serviu como disparador de reflexões e ações com o gesto da escrita, assim como o desenvolvimento de exercícios lúdicos com a palavra que visavam a ampliação do regime sensível dos participantes com as artimanhas da linguagem. Essa apostila está integrada no Apêndice desta dissertação.

Os encontros foram tecidos a partir de fios de conversa – trocas e narrativas da relação de cada uma das participantes com a leitura e a escrita ao longo da vida – e fios de escritas individuais e coletivas propostas pela pesquisadora ao final de cada encontro. A ideia era de que as atividades práticas fossem realizadas durante as oficinas, mas que seus desdobramentos transbordassem o recorte temporal ali proposto.

O público-alvo foram estudantes de pós-graduação *stricto sensu* de diferentes programas que integravam linhas de pesquisa relacionadas à temática da subjetividade, tais como a psicologia, literatura, educação, antropologia social, saúde coletiva, geografia, entre outros. A oficina contou uma carga horária total de 8 horas, com quatro encontros, de 2 horas de duração, divididos em momentos de mediação literária, proposições de escrita e compartilhamento das produções. Houve emissão de certificados para aqueles que estiveram presentes em 75% das atividades.

Foram realizadas duas edições da oficina: uma presencial na sala de grupos do

⁵ Tal construção será abordada com maiores detalhes no terceiro artigo da dissertação: *A palavra afiada: coordenando oficinas estéticas de escrita na universidade*.

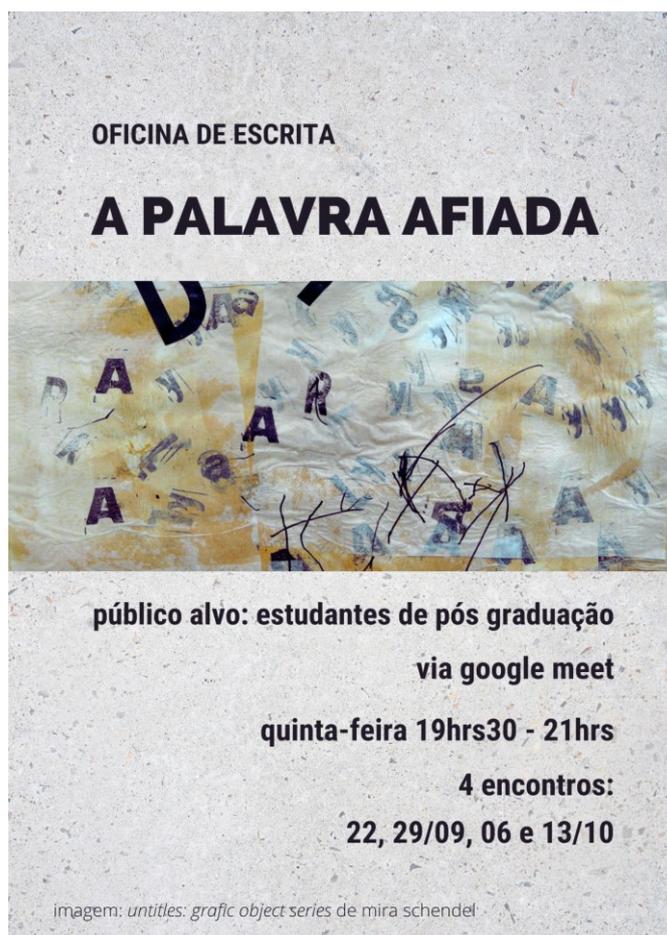
Serviço de Atenção Psicológica do Departamento de Psicologia (SAPSI) da UFSC, e outra realizada de forma online. A divulgação foi realizada via rede institucional de e-mails, entrando em contato direto com os programas de pós-graduação na área das humanidades e via redes sociais. As inscrições foram realizadas via formulário online. Segue o cartaz de divulgação de ambas as edições:

Figura 1 – Cartaz de divulgação da oficina presencial



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 2 – Cartaz de divulgação da oficina online



Fonte: elaborado pela autora.

A primeira edição contou com 13 inscrições e a segunda edição com 18 inscrições. Após a seleção mediante os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa – sujeitos matriculados em programas de pós-graduação *stricto sensu* em linhas de pesquisa que se relacionassem com a temática da subjetividade – formaram-se grupos de 8 pessoas em cada uma das edições realizadas. Para fins de análise, foram utilizados os dados de 10 participantes no total das duas oficinas, referentes àqueles que tiveram uma presença consistente nos encontros – 75% da carga horária total.

Na primeira edição, contamos com a presença de estudantes dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) de Relações Internacionais, Literatura, Educação Física, Saúde Coletiva e História; e na segunda edição, online, com estudantes de Antropologia Social, Educação e Psicologia, vinculados à UFSC e à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a gravação e posterior transcrição e decupagem dos encontros, assim como a utilização de anotações em diário

de campo e as produções escritas dos participantes. Na edição realizada de forma presencial, as produções escritas realizadas em papel foram digitalizadas após os encontros e compartilhadas com os próprios participantes em uma pasta do Google Drive; na edição realizada de forma remota, foi elaborado um documento coletivo e anônimo onde os participantes tinham a possibilidade de escrever simultaneamente.

Após a condução das duas edições da oficina e a leitura do material bibliográfico, foram destacadas categorias que reúnem as múltiplas experiências no percurso da pesquisa: a coordenação das oficinas, o contato com escritos e entrevistas com escritoras e pesquisadores sobre seu próprio processo de escrita e os impasses vividos pela pesquisadora na própria criação do texto. A proposta foi lateralizar a experiência de jovens e renomados escritores, assim como a própria experiência da escrita da dissertação, para problematizar pontos nodais das vicissitudes da escrita, alargando o campo de possibilidades da escrita científica no campo de estudos da subjetividade. Tais pontos foram trabalhados, fundamentalmente, a partir do diálogo com o pensamento de Roland Barthes (2012; 2013), Michel Foucault (2016; 2015) e Jorge Larrosa (2020). A impossibilidade da escrita, a infância, a ficção, a relação da escrita com o fora, a experiência do bloqueio e a questão da autoria foram alguns desses pontos discutidos ao longo dos artigos.

3. DA ESCRITA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Escrever

Não posso.

Ninguém pode.

É preciso dizer: não podemos.

E escrevemos.

É o desconhecido que carregamos dentro de nós: escrever, é isto que se alcança: é isto ou nada.

Podemos falar de uma doença da escrita.

Não é simples o que tento dizer aqui, mas creio que podemos encontrar o nosso caminho, camaradas de todos os países.

Há uma loucura da escrita que existe em si mesma, uma furiosa loucura da escrita, mas não é por isso que ficamos loucos. Ao contrário.

A escrita é o desconhecido. Antes de escrever, nada sabemos do que vamos escrever. E com toda lucidez.

(Marguerite Duras)

“A palavra escrever vem do «lat[im] scribo, is, psi, ptum, ěre, ‘marcar com o estilo (ponteiro ou haste de metal), traçar uma linha, marcar, assinalar, gravar, marcar com cunho, desenhar, representar em caracteres, fazer letras, escrever’ [...]” (Dicionário Eletrônico Houaiss, [s.d.]).⁶

A palavra é uma faca.

⁶ HOUAISS, Dicionário Eletrônico. **A etimologia da palavra escrever**. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-etimologia-da-palavra-escrever/27806>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

Comecei contando a minha história com as palavras. A história dessa menina serelepe, os cachinhos dourados e a pele clara, clara como meu nome, que escrevia diários e hoje arrisca coisas mais graves – o que seria mais grave do que o diário? – como pesquisas e dissertações de mestrado. Fui me forjando gente ao passo que criava vínculos de amizade com esses conjuntos de letras e tudo aquilo que elas me ofereciam: mundos paralelos, personagens, possibilidades inimagináveis de vida, um lugar e um tempo em que podia conversar comigo sem as interrupções sempre tão perturbadoras do outro. A imaginação é um lugar seguro e o direito de brincar com a palavra é algo que nos é roubado desde muito cedo.

Era como se andasse de mãos dadas com as palavras, elas me acompanhando e me guiando nessa estranha tarefa de construir o espaço interno, criando o contorno disso que nos habituamos a chamar de *eu*. Esse contorno poroso e flexível, que era traçado na medida em que entrava em contato com as mais variadas formas de vida, tão verdadeiras quanto ficcionais. E era estranho, pois ao mesmo tempo em que traçava essas linhas, a pele, sentia que ambos os mundos se tratavam tão somente da mesma coisa. A literatura me proporcionava uma espécie de fuga de mim mesma, e era justamente ali, onde me esquecia, deixando-me levar pelas imagens construídas ao longo da leitura, que podia me encontrar com aquilo que era aparentemente distante e forasteiro, mas que ressoava na mais íntima experiência de si. É nesse sentido que o sujeito que escreve habita o entremeio do pessoal e do impessoal (Galli, 2018) e talvez justamente por isso a escrita e a infância mantêm entre si essa íntima relação (Kirinus, 2011; Freud, 1996), atualizando no corpo daquele que escreve este momento primeiro da vida onde tudo é tão outro e tão nosso.

Quero pensar, portanto, a escrita enquanto gesto que constrói uma pequena e passageira ponte imaginária entre mundos, como se ela fosse precisamente esse *entre*, essa zona limiar de ampliação das possibilidades de aprendizado, ação e experiência de mundo.

O princípio é um precipício. Que força é necessária para fazer descer? Que tipo de força é essa que é a força da descida? Que pesa no pescoço e na parte posterior das coxas, que sobrecarrega o joelho, esquinas do corpo, que é um equilíbrio, um estranho equilíbrio entre soltar o peso e o tônus para amortecer a queda? O princípio é um

precipício. O tempo de um passo, um após o outro, o corpo projetado para frente e o pé suspenso: o instante mínimo de desequilíbrio antes de tocar o chão. O instante mínimo de desequilíbrio sem o qual não caminhamos, a deriva da folha em branco do papel.

O princípio é um precipício e começar vem com uma espécie de dor. Uma dor boa. Me lembro de Clarice: “o processo dói. Vir a ser é uma lenta dor boa. É um espreguiçamento amplo até onde a pessoa pode se esticar” (Lispector, 1993, p. 75). Uma dor que também poderia se chamar desafio. E de fato, começar a escrever é sempre desafiador. Penso que, principalmente, por dois motivos: o primeiro diz respeito a uma natureza da palavra que é intrínseca ao corte, isso da palavra que recorta para poder dizer e, assim, pôr em comum, *comunicar*, e o segundo é uma insistência minha em fazer da escrita um problema. Espero que futuramente consiga fazer da escrita um problema sem que isso seja necessariamente problemático. Digo, que o problema que é a escrita não atrapalhe, não obstrua, não se apresente enquanto um empecilho para o ato de escrever. Talvez se trate de dar outra cara aos problemas, de não se assustar com eles, de não se deixar constranger pelos problemas de, pelo contrário, deixar que eles animem e encantem. De ver os problemas mais enquanto abertura do que enquanto impossibilidade.

Mas começar a escrever não é desafiador apenas por essa insistência minha, essa mania, de fazer da escrita um problema. Essa mania que também é um gosto, de passear pelas palavras várias vezes, de talvez mais revisar do que escrever, de ensaiar trocar e saborear sonoridades, de ler com a cabeça e com a boca, de imaginar uma conversação e curtir poder mudar algo aqui e ali no cuidado e na tentativa de fazer com que seja uma boa conversa. Acredito que começar a escrever é desafiador para todos aqueles que escrevem, mesmo os que utilizam uma linguagem técnica, descritiva, mesmo para aqueles em que fazer da escrita um problema é algo distante.

Isso me remete ao primeiro motivo que citei: o fato da palavra produzir um corte. E, nesse sentido, o princípio de uma escrita é sempre uma pequena morte. A vastidão da folha em branco ganha uma direção, é rasurada por um traço e começa a se tornar alguma coisa. Para se tornar alguma coisa, deixa de ser outra, que era nada, mas um nada cheio de possibilidades. Um nada que é o próprio mergulho no oceano disforme da experiência, um nada cheio de vontade de dizer, mas que ainda não diz, um estado de ebulição. E, de fato, a escrita começa muito antes da primeira letra ser grafada no papel. Diante desse nada cheio de coisa ou dessa coisa cheia de nada, escuto ecoar mil perguntas: como começar? O que seria isso; o texto? Como transmitir aquilo que pulsa em mim enquanto questão? Como iniciar uma conversa, essa conversa?

No início de qualquer escrita, situamo-nos em busca de apreensão de um ponto que, como ímã, poderá vir a atrair estilhaços ou fagulhas dispersas em turbilhão. Agimos como um pescador que, diante do lago de tantos peixes, atira seu anzol de costas, surpreendendo-se com as físgadas e as possíveis capturas. (Galli, 2018, p. 261).

O princípio é um precipício e, no fundo, não tem fundo. Por isso é difícil, mas mesmo assim se começa, arriscando contornos e costuras entre as letras e as ideias. O corte corta, mas abre espaço para a criação de um comum: o branco da folha, oceano de mil possibilidades, é uma vivência um pouco solitária e com a ação da palavra se abre caminho para alguma coisa – ainda que não se saiba exatamente o quê – passível de partilha. O corte, mesmo na pele, sempre foi questão de abertura. Nesse sentido, “toda escrita é um ato político na medida em que afirma uma certa partição do sensível que dá forma à comunidade. Ao se escrever, se configura o comum e suas partes” (Kohan, 2016, p. 53).

Algo morre no primeiro traço, nesse princípio que é precipício, algo do contexto não entra no texto, mas isso que morre subsiste e funciona como uma espécie de motor, um arcabouço de mistérios, uma força oculta da escrita. Talvez seja mais difícil pensar isso em relação a artigos científicos, mas pegando como exemplo a experiência literária ou até mesmo o efeito marcante de alguma passagem filosófica, vemos que em cada nova visita ao texto se abre um novo campo de leitura e significados. Como se por entre as folhas marcadas de tinta, se escondesse um universo de coisas inexprimíveis que, num ato de rebeldia, *se exprimem sem se espremerem*⁷.

Tem algo que não se esgota na experiência da leitura, que acaba por denunciar a dimensão inesgotável do próprio ato da escrita. Trata-se da dimensão inexprimível das nossas narrativas, o eco das perguntas tortas que ensaiei formular no início deste texto. Trata-se de um problema da experiência e de suas linguagens ou da falta de uma linguagem que dê conta da experiência, da vida, do mundo. Isso que por vezes apenas a arte parece conseguir fazer; expressar aquilo que não entra no texto, mas que de alguma forma se apresenta em pequenos lampejos, arrepios e olhos marejados. Lembro de Clarice mais uma vez, dizendo que “escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu” (Lispector, 2010, p. 95). O inexprimível do texto e de

⁷ Isso remete à discussão tecida por Costa, L. e Costa, C. acerca da atividade da docência: “um esforço de recuo e retração, ou seja, de inexpressão do exprimível” (2019, p. 179).

nossas histórias não seria aquilo que não se exprime, mas sim aquilo que não se espreme, aquilo que nos faz perguntar a cada palavra escrita: em que língua é possível transmitir aquilo que preciso?

É nessa linha que a língua (inclusive a do pesquisador) não pode deixar de ser um campo de tensões, uma espécie de “batalha” silenciosa e ruínosa em seu próprio interior. É no vacilo, no tropeço, no tremor, que vem à tona e se descobre a potencialidade dos abalos, das cores desbotadas, das sílabas carcomidas, dessa “matéria”, que passa por um complexo processo de “aglutinação”. (Peterle, 2021, p. 462).

3.1 A ESCRITA E A HISTÓRIA

Isso que morre no início da escrita, faz do texto uma obra aberta. Não sei se é apenas isso, mas este é um fato que me interessa: a experiência e a possibilidade de escritura de uma obra aberta. Porque uma obra aberta é uma obra que pode ser reescrita, uma obra que pode ser continuada de uma outra maneira, uma obra que se faça próxima à vida – as cartas dadas e todo um jogo pela frente.

Podemos pensar então em um paralelo entre o texto e a história e refletir que indagar a escrita não é uma questão exclusiva do campo das letras, um capricho narcísico daqueles que escrevem, mas é também colocar em questão a própria escrita da história, ou seja, a maneira como contamos aquilo que nos acontece. A escrita aparece em um sentido ampliado: como costura de diferentes linhas de tempo, tessitura de acontecimentos, como uma certa organização de sentido daquilo que nos acomete coletivamente. Esse amontoado de questões sobre a escrita, a experiência e suas linguagens, me remete à discussão de Walter Benjamin sobre a figura do contador de histórias:

[...] comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens – é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento. (Benjamin, 2012, p. 232).

Ao discorrer sobre essa natureza deslizante do narrador, Benjamin abre caminhos para pensar que a escrita – ou a narrativa, fazendo uma aproximação entre esses dois termos – atualiza o passado, abrindo-o para um presente que arde no momento desafiador de começar a contar uma história. A verdade histórica, nesse sentido, não é da ordem da verificação factual, tendo em vista que a memória possui uma íntima relação com o

esquecimento.

O esquecimento também dá sentido à história. Por que é preciso esquecer? Alguém já disse que a fala e a mudez moram na mesma casa e que de vez em quando uma pisa no pé da outra. O lembrar e o esquecer também coabitam sob o mesmo teto. Às vezes trombam e sangram. (Evaristo, 2020, p. 101).

Nesse ínterim, em meio ao exercício de rememoração que é sempre um gesto de esquecimento, toda lembrança é de alguma maneira uma criação; um gesto ativo e não retroativo, onde não apenas descrevemos o passado, mas o articulamos. Assim, a história é sempre, simultaneamente, uma narrativa, e a escrita, uma política (Gagnebin, 2006).

A hipótese desta pesquisa é a de que o exercício de traçar essa linha paralela entre a escrita e a história – que talvez se apresente mais enquanto uma costura, montagem com inúmeros pontos de contato – contribua para a reflexão acerca da forma e do conteúdo das histórias. De que modo a forma como contamos aquilo que nos acontece não acaba por dar passagem a certas histórias e barrar outras? Ou: se escrevermos de outro modo, será que contaremos outras histórias?

A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Apesar disso, estas últimas não podem ser representadas na luta de classes como despojos atribuídos ao vencedor. Elas vivem nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e atuam retroativamente até os tempos mais remotos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores. (Benjamin, 2012, p. 243).

3.2 A ESCRITA E O PERIGO

Seria a escrita uma coisa bruta e material ou uma coisa refinada e espiritual? Talvez ela se ocupe justamente de fazer esse trânsito, possuindo toda a potência de habitar esse entre-mundos. O momento da escrita seria, portanto, como o momento do perigo, tal como nos alerta Walter Benjamin (2012), em seu célebre texto *Teses sobre o conceito de história*. O perigo seria o entregar-se às classes dominantes, o momento de captura. É nesse sentido que Benjamin define a tarefa do historiador materialista, diz ele que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo” (Benjamin, 2012, p. 243). Demorar-se sobre o desafio do início, estar atento ao que passa pelo corpo para captar os lampejos e assim fazer do texto uma abertura de sentido para o mundo. Fazer com que o murmúrio das dúvidas, da agonia de mais um trabalho, um

artigo, um ensaio, das mil exigências produtivistas de uma vida acadêmica, se produza não só mais uma, mas alguma coisa.

3.3 A ESCRITA E O REMÉDIO

A escrita introduz uma rachadura na inteligibilidade do que é um desdobramento desnecessário e perigoso da voz, um sintoma externo e debilitado da vitalidade da alma, uma droga (*phármakon*) sedutora que debilita a fortaleza e a integridade da memória e os significados que nela habitam. (Kohan, 2016, p.52).

Pensar a escrita enquanto *phármakon* – remontando a crítica de Platão em *Fedro* e a leitura posterior de filósofos, tais como Derrida e Rancière – é pensá-la enquanto veneno e remédio, sendo impossível fixar seu sentido em um desses polos sem a presença do outro. A escrita seria, nesse sentido, uma questão de dosagem. Uma droga. O princípio é um precipício e “o *phármakon* é, enquanto substância, a antissubstância. Ele não tem fundo, identidade, essência” (Kohan, 2016, p. 49). Isso nos faz refletir sobre o fato de que a escrita não está dada, é uma atividade complexa que requer constantes reflexões éticas: se ela é sem fundo, onde e como fundamentá-la? Como dar consistência à escrita? Qual política de partilha inauguro com a forma como escrevo? Como fazer com que as palavras brotem do chão, de solo fértil de modo a encantar o mundo? Como fazer da escrita terra, chão, colo – unidades mínimas da comunidade?

3.4 A ESCRITA E A EXPERIÊNCIA

Walter Benjamin (2012), em *Experiência e Pobreza*, nos apresenta a tese de que a arte de contar histórias se torna cada vez mais rara porque ela parte, fundamentalmente, da transmissão de uma experiência no sentido pleno, cujas condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna. Essa condição de realização se refere, fundamentalmente, a uma relação geracional de fazer viver determinado conjunto de práticas; de transmitir, por meio da figura do narrador, algo que é da ordem da experiência – tal como nos apresenta a parábola do velho no leito de morte que inaugura o texto benjaminiano. Essa relação está baseada em um modo de vida pré-industrial, sendo a artesanaria um fator marcante dessa arte narrativa.

Mas o que seria esse sentido pleno da experiência? A experiência é uma palavra de difícil definição, um conceito escorregadio: e penso que é necessário sustentar essa

natureza fugidia da palavra, que talvez seja preciso “pensar a experiência como o que não se pode conceituar, como o que escapa a qualquer conceito, a qualquer determinação”. (Larrosa, 2020, p. 43). Ainda assim, é preciso cuidar da palavra, de sua força, para que ela não se banalize, podendo dizer qualquer coisa e ao mesmo tempo nada. E me parece que cuidar da experiência é de alguma maneira tentar mantê-la por perto, na tentativa de produzir um outro tipo de saber que se encontre intimamente ligado à singularidade, dimensão artesanal da vida.

Em Benjamin, a experiência em seu sentido pleno seria *erfahrung*, aquilo que diz respeito à dimensão coletiva do vivido; o filósofo coloca este termo em uma relação de oposição a *erlebnis*, que designa a vivência, comentado e articulado a situações de choque que não conseguem ser digeridas e caracterizadas pela ausência de palavras diante de um acontecimento. Logo, está aí assentada “a ideia de que a reconstrução da experiência (*erfahrung*) deveria ser acompanhada de uma nova forma de narrativa” (Gagnebin, 2012, p. 9). Nesse sentido,

[...] não se trata de escrever sobre, mas de escrever na. Escrever na experiência [...]. Escrever desde a experiência teria então a ver com a (im)possibilidade de dizer alguma coisa que é da ordem do indizível? De escrever alguma coisa que é da ordem do in-escrevível? (Ribetto, 2016, p. 59).

Aonde quero chegar com essas fabulações aparentemente despropositadas sobre o ato de escrever? Minha tentativa é a de desnaturalizar a escrita, fazendo dela um problema daqueles que animam e encantam, porque abre possibilidades de sentido para os que trabalham com o ofício da palavra. E aqui se inclui a pesquisa, a educação e também a clínica: espaços onde se lê, onde se escreve, onde se escuta. Trata-se de abrir possibilidades de sentido para os que trabalham com as palavras e os que trabalham com a subjetividade, o que talvez seja a mesma coisa. Isso porque

[...] o ser humano⁸ é um vivente com palavra. E isto não significa que o ser humano tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra [...]. Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavratório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como

⁸ Foi realizada uma alteração no texto original, substituindo o termo “homem” por “ser humano”.

correlacionamos palavras e coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (Larrosa, 2020, p. 17).

A palavra aparece, portanto, como uma unidade mínima de articulação entre a experiência – aquilo que nos passa e que nos acontece (Larrosa, 2020) – e a ação. Uma questão de ordem ética, estética e política. Trata-se então de se aproximar da palavra, da experiência com a palavra, as que teclamos, traçamos e percorremos com os olhos e ouvidos aguçados. Aproximar-se da palavra para interrogar qual a sua força e, assim, deixar a palavra curtir na boca, sentir o contato do ar com a língua, demorar-se sobre este instante na aposta de que isso abra caminhos para outras possibilidades de fazer e dizer no mundo. “A palavra é, ontologicamente falando, fruta da inexorabilidade condição de ficcionar” (Bueno; Zanella, 2021, p. 4) e talvez aquilo que precisemos, nós que trabalhamos diariamente com a palavra, seja resgatar essa dimensão ficcional, que não se apresenta enquanto uma oposição ao real, mas se aproxima com uma dimensão inventiva da vida. Trata-se, por fim, de “viabilizar metodologias que agreguem processos de fabulação e narração na ciência e criar caminhos que ultrapassem a descrição do palpável e do visível” (Bueno, Zanella, 2012, p. 4).

4. ARTIGO 1: ABISMOS NAVEGÁVEIS A BARQUINHOS DE PAPEL: A ESCRITA E SUAS VICISSITUDES

Resumo

Este trabalho é um ensaio sobre a escrita, a experiência e a subjetividade. Nele, pretende-se dar passagem a algumas reflexões acerca das vicissitudes da escrita a partir da compreensão de que escrever é um gesto. Para seu desenvolvimento, são apresentados excertos da experiência de coordenação de oficinas estéticas de escrita com estudantes de pós-graduação no campo de estudos da subjetividade; fragmentos de textos de escritoras que se debruçam sobre o ato de escrever, como Marguerite Duras e Elena Ferrante; e as considerações de Roland Barthes e Michel Foucault sobre a linguagem e a escrita de si. A costura dos fios da literatura, da filosofia e da experiência de campo foi feita mediante o ensaio, entendendo este como gênero híbrido que, na interface da ciência com a literatura, intenta se aproximar da complexidade de determinado objeto. O impossível, a relação com a infância, a verdade ficcional e a comunicação com o fora da linguagem foram os pontos nodais destacados nas análises. Eles possibilitam compreender as vicissitudes do processo de escrever, pois possuem em comum a aposta de que a escrita é atividade tecida em uma íntima relação com a vida.

Palavras-chave: escrita, subjetividade, experiência, infância, ficção.

Introdução

Encontrar-se em um buraco, no fundo de um buraco, numa solidão quase total, e descobrir que só a escrita vai te salvar. Não ter um tema para um livro, não ter ideia alguma para o livro é se encontrar ou se reencontrar diante de um livro. Uma imensidão vazia. Um livro eventual. Diante de nada. Diante de uma espécie de escrita viva e nua, terrível, terrível de superar. Acho que a pessoa que escreve não tem ideia de um livro, tem as mãos vazias, a mente vazia, e dessa aventura do livro só conhece a escrita seca e nua, sem futuro, sem eco, distante, com suas regras de ouro, elementares: a ortografia, o sentido. (Duras, 2021, p. 30).

Marguerite Duras, em entrevista cedida e registrada pelo cineasta Benoît Jacquot em sua casa em Neauphle-le-Château, França, no ano de 1993, nos apresenta fragmentos de seu processo de criação, dando a ver o estilo da autora francesa de fazer da experiência do escrever o próprio material de sua escrita. Ao longo da entrevista, publicada recentemente no Brasil pela Editora Relicário, a autora redige uma espécie de ensaio autobiográfico, discorrendo sobre a fabricação de uma solidão imprescindível à sua escrita, que é para ela uma questão de vida ou morte, de vida e morte. Ela diz que há uma dúvida primordial no gesto da escrita que é condição de possibilidade para a criação dessa solidão e sem a qual ela não consegue escrever. Duras, ao longo dos fragmentos que compõem seu ensaio, vai transmitindo, de pouco a pouco, uma impossibilidade da escrita, assim como a sua insistência em se fazer mesmo diante desse cenário impossível. É assim que a escrita de Duras, a escrita sobre a escrita de Duras, evidencia a complexidade e as vicissitudes do escrever, dando a ver o desafio e a insistência inerente a essa estranha tarefa de dar ao mundo palavras com tom de verdade.

O gesto de escrever é extraordinário, na literalidade da palavra. Não é algo simples isso que fazemos com o mundo: de inventar um terceiro para designar, classificar e generalizar uma experiência; de inventar esse terceiro para dizer de algo que não está presente, de inventar conjuntos de letras para ficcionalizar o mundo, de ver esse conjunto de letras inferindo em nossas vidas e transformando-as. Ítalo Calvino constrói uma boa imagem para pensarmos essa operação nada usual da linguagem: “a palavra associa o traço visível à coisa invisível, à coisa ausente, à coisa desejada ou tímida, como uma frágil passarela improvisada sobre o abismo” (1998, p. 90). Porém, antes do improvisado da passarela, tem-se o encontro com essa fundura e, embora o ato de escrever esteja sempre referido a outras escritas, trata-se sempre da inauguração de um mundo e não simplesmente da recomposição descritiva de aspectos elementares que nos rodeiam. Julio Groppa Aquino compartilha tais reflexões em uma entrevista, ao ser interrogado sobre seu processo de escrita, e conclui: “escrever é então, postar-se diante de um abismo. Ali, treme-se e só”.⁹

O traçado da relação entre a escrita e o nada, situando o início do texto como o encontro com essa dimensão paradoxalmente vazia e efervescente, é fato notável exposto por diversos escritores e pesquisadores. Logo, é diante da ausência e do vácuo que o escritor escreve, ainda que essa ausência seja repleta de estilhaços e fragmentos do

⁹ AQUINO, Julio Roberto Groppa. [s.d.]. Disponível em: <<https://comoeuescrevo.com/julio-roberto-groppa-aquino/>>.

presente, de lembranças, ensejos e experiências que pressionam o sujeito, exigindo-o algum tipo de expressão (Galli, 2018). Roland Barthes (2013), diz que aqueles que se debatem com as travessuras da linguagem possuem um certo fascínio pelas formas de seu vazio, que é, segundo o autor, o contrário absoluto do seu oco. Podemos pensar, talvez, que o vazio é aquilo diante do qual se treme e o oco aquilo que provoca uma certa neutralização das vicissitudes do corpo. A formulação barthesiana de *formas de seu vazio* e a relação de oposição entre este e o oco – ou seja, aquilo que é escavado e, portanto, não possui nada dentro – nos leva a refletir sobre tudo isso que recheia e caracteriza a experiência do princípio da escrita.

Por que esse gesto tão vago, tão fictício e aparentemente narcísico, nos leva ao encontro de uma dimensão tão profunda e conflituosa, que nos parece, por um lado, impossível e improvável e, por outro, obrigatória e necessária? De que modo essa ação supostamente despropositada infere nos mais diferentes aspectos da vida – no trabalho, no amor, na fome, nas ocupações, na sexualidade – dando-lhes uma espécie de benção (Foucault, 2016), operando ligeiras torções e esboçando novos contornos à maneira como vivemos e como dizemos o que vivemos?

Se, ao nos colocarmos diante desse gesto desocupado de traçar linhas no papel, encaramos o vazio e suas formas, aos poucos vamos percebendo também que “de repente aquilo que se pensou que era nada, era o próprio assustador contato com a tessitura da vida” (Lispector, 1994, p. 483). Assim, podemos pensar a escrita como uma espécie de tratamento da vida e é a partir dessa proximidade quase indistinguível do viver e do escrever que delinearemos este texto.

Por conseguinte, iremos nos debruçar especificamente sobre as vicissitudes da escrita e sua relação com os processos de subjetivação, entendendo a primeira como lugar privilegiado para pensar a constituição de uma subjetividade que se dá nos constantes tensionamentos e dobras do dentro com o fora. Interessa-nos, portanto, não o sujeito escritor, mas o fato da escrita do texto (e da pesquisa) tornar-se também uma escrita de si. Isso se dará mediante uma costura da experiência de campo – que consistiu na realização (ou no desenvolvimento) de oficinas estéticas de escrita para estudantes de pós-graduação na área das humanidades – e no contato com a escrita sobre escrita de escritores e pesquisadores como Marguerite Duras, Michel Foucault, Roland Barthes, Elena Ferrante, Julio Groppa Aquino, entre outros. Trata-se, então, de lateralizar a experiência de jovens e renomados escritores para pensarmos a escrita enquanto lugar

para a experiência em seu sentido profundo, ou seja, como catalisadora de processos de singularização.

A experiência aqui trabalhada remete ao conceito benjaminiano de *erfahrung*, conforme seu uso nos célebres textos do filósofo alemão, *O narrador e Experiência e Pobreza* (Benjamin, 2012). Seu núcleo etimológico *fahren* designa atravessar, viajar, remetendo às errâncias e provações de Ulisses, herói da *Odisseia* e fundador do paradigma moderno de caminhar da vida e do pensamento (Gagnebin, 2014). Uma travessia que se encontra intimamente ligada à faculdade de contar e ouvir histórias inseridas em uma temporalidade pré-capitalista e ancorada em uma experiência coletiva. Já o termo vivência, em alemão *Erlebnis*, surgido no século XIX, designa a experiência em seu âmbito individual e se caracteriza por uma rapidez que obstrui a sua capacidade de ser transmitida. É em vista do primeiro termo que pensaremos a experiência, na aposta de instaurar no presente fugidio uma capacidade de nos afetarmos pela forma como contamos nossas histórias.

Sobre a escrita e a subjetividade: breves considerações

No dicionário, a palavra gesto designa: i) movimento com o corpo, principalmente das mãos, dos braços e da cabeça; ii) mímica, aceno, sinal; iii) aspecto, aparência; iv) semblante.¹⁰ Gesto é, ainda, uma flexão na primeira pessoa do verbo gestar, ou seja, dar origem à, criar.¹¹ Seguindo nosso passeio etimológico, vemos ainda que a palavra em português deriva do verbo latim *gerere*, que significa “portar sobre si”. Já no modo figurado, assumiu o sentido de “aceitar um encargo, portar uma obrigação; executar, fazer” – o termo parece vir de uma fonte indo-europeia *gas-*, ligada a *ga-*, “andar”, “fazer andar”, “conduzir” e tornou-se campo fecundo para o desenvolvimento de palavras de diferentes campos semânticos como gerir, beligerante, gestação, gerúndio, progesterona etc.¹²

Pensar a escrita enquanto gesto é, então, trazer para a cena o traçado de uma série de vizinhanças etimológicas que poderão nos auxiliar a pensá-la em suas vicissitudes.

¹⁰ DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS: “Gesto”. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/gesto/>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹¹ DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. “Gesto”. [s.d.]. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/gesto>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹² ORIGEM DA PALAVRA. “Gesto”. [s.d.]. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/artigo/gesto/>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

Fazemos uso dessa tática tendo em vista que “a percepção estética da palavra guarda um saber recôndito que não damos conta de racionalizar” (Kirinus, 2011, p. 27). Recôndito é tudo aquilo que permanece oculto, encoberto e que não se conhece muito bem. Há, portanto, elementos na própria palavra – em sua grafia, seu som e seu sentido – que dá passagem para algo que a explicação não é capaz de acessar, algo que só se obtém por meio de um contato com certa natureza poética da linguagem (Kirinus, 2011). Ao longo do texto, creio que algumas dessas camadas de sentidos postas à tona pela espessura etimológica do gesto irão se alinhar com a escrita enquanto categoria de análise da presente pesquisa. Por ora, iremos nos ater a apenas alguns pontos para fins introdutórios.

O primeiro aspecto que gostaria de destacar é a escrita como exercício de uma manualidade, ou seja, movimento que se faz com as mãos. Elena Ferrante (2023), ao se debruçar sobre os problemas que enfrenta em meio ao seu processo de escrita, diz que esta possui a tarefa de manifestar um pensamento antes de desvanecer. A autora dá ênfase ao verbo manifestar, que é uma ação que se realiza graças à mão. Eis o desafio que faz da escrita uma atividade sempre fadada a uma incômoda aproximação, tendo em vista que ela é demasiadamente lenta, comparada ao ágil e volátil pensamento. Podemos pensar, ainda, que não é somente por uma questão de velocidade que a escrita e o pensamento possuem entre si essa distância íntima, mas pelo próprio jogo da expressão que encontra na linguagem uma via de acesso, mas também uma restrição. É nesse sentido que a escrita está sempre lado a lado com a dimensão inexprimível daquilo que pensamos e experienciamos em vida, uma tentativa torta de apreender algo que escapa a todo instante e para o qual, fundamentalmente, nos faltam palavras.

O segundo aspecto digno de nossa atenção refere-se ao “portar sobre si”, que alude à relação da escrita com a subjetividade, como se tal gesto facilitasse uma espécie de dobra do sujeito diante de si mesmo. O encontro com o nada e o desafio de transpor esse abismo para iniciar-se em uma escrita já nos dava pistas dessa relação: o nada como o encontro do sujeito consigo mesmo, a solidão imprescindível de Duras, o encontro do sujeito consigo mesmo que é o mesmo que dizer com tudo aquilo que o compõe. Importante salientar que a subjetividade, “antes de ser feita de igualdades, é constituída de diferenças contingentes, justapostas, formando um estilo” (Costa; Galli, 2008, p. 515), de tal modo que quando se diz *eu mesmo* ou *si mesmo* é o mesmo que dizer um eu distinto, tendo em vista que o processo de constituição da subjetividade é uma constante de diferenciação e singularização.

O ser humano é enquanto palavra, e é nesse sentido que Jorge Larrosa (2021), nos lembra que atividades aparentemente banais com as palavras não são mero palavratório, mas sim um gesto de correlacionar palavras e coisas, dando sentido ao que somos e ao que nos acontece. Assim, a escrita, além de ser instrumento de inúmeras atividades básicas do cotidiano humano, é também um poderoso empuxo de subjetivação. Empuxo é o nome dado à força exercida por um fluido sobre um objeto mergulhado total ou parcialmente nele¹³, e subjetivação é entendida a partir da produção de diferentes modos de existência ao decorrer do tempo histórico (Mansano, 2009). Nesse sentido, a subjetividade, como já anteriormente introduzida, é algo que se produz incessantemente mediante práticas discursivas, sociais e institucionais. A escrita funciona, então, como essa força do fluido, uma oportunidade de integralização, de composição entre o sujeito e o mundo no qual ele se encontra. Logo,

[...] no interior dos procedimentos de escrita, embatem-se forças superlativas, tanto no sentido da investida unificadora dos modos de subjetivação aí implicados, quanto na direção de uma transfiguração radical desses mesmos modos, tendo em vista a sua multiplicação. (Aquino, 2011, p. 643).

Método

A pesquisa que inspira este ensaio interroga a experiência de escrita de estudantes de pós-graduação no campo de estudos da subjetividade. Para a aproximação com tal problemática, foram propostas oficinas estéticas de escrita para estudantes do campo de estudos da subjetividade, vinculados a programas de pós-graduação *stricto sensu*. No escopo deste artigo, as oficinas foram utilizadas como acesso à experiência desses pesquisadores no campo das humanidades, os quais possuem atividades de trabalho intimamente ligadas à escrita.

As oficinas estéticas são um dispositivo que objetiva intervir no regime sensível de seus participantes, tensionando olhares cristalizados e constituindo olhares outros (Zanella, 2021). Os encontros compreenderam, de modo geral, três diferentes momentos: um momento de mediação literária, com conversas disparadoras e leitura de trechos de prosa e poesia; um segundo momento, de proposição de exercícios de escrita em forma de brincadeiras lúdicas com a palavra; e um terceiro momento, de partilha entre os presentes das produções escritas. Cada encontro tinha uma temática específica que servia

¹³ Definição encontrada em: BRASIL ESCOLA. O que é empuxo? [s.d.]. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/fisica/o-que-e-empuxo.htm>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

como ponto de partida para a exposição de alguns aspectos da escrita, a troca entre os participantes acerca desses temas e a proposição de exercícios lúdicos que tinham como objetivo a ativação de certa natureza poética da linguagem.

Foram realizadas duas edições da oficina, uma presencial, na UFSC, e outra na modalidade online, com uma carga horária total de 8 horas por edição, dividida em 4 encontros semanais de aproximadamente duas horas cada. Obtivemos 31 inscrições que, após passarem pelos critérios de inclusão e exclusão - estudantes de pós-graduação *stricto sensu* em linhas de pesquisas relacionadas à temática da subjetividade – totalizaram 15 participantes, vinculados a programas de pós-graduação de letras, literatura, psicologia, relações internacionais, saúde coletiva, antropologia social e educação. Na oficina realizada na UFSC, participaram pós-graduandos dessa instituição. Da oficina online, por sua vez, participaram estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal de Uberlândia e Universidade Federal de Pernambuco. Para fins de análise, foram utilizados somente informações de 10 estudantes, referentes àqueles que tiveram uma participação consistente na oficina, ou seja, em ao menos 75% das atividades. Estes números englobam as duas edições realizadas no escopo da pesquisa.

Os procedimentos de coleta de dados utilizados foram anotações em diário de campo; a gravação de voz com recurso de um aparelho celular e posterior transcrição e decupagem dos encontros das oficinas; e as produções escritas realizadas em meio aos encontros. As falas e situações que emergiram no processo de desenvolvimento das oficinas e que serão apresentadas ao longo do texto são tidas como produções coletivas resultantes de processos grupais; logo, as especificidades dos participantes não são relevantes para os objetivos desta escrita e, em decorrência, não serão divulgadas.¹⁴

A costura desse emaranhado de fontes se dá em forma de ensaio, na tentativa de dar voz ao objeto em sua complexidade e parcialidade, enxergando o texto como passagem e exercício de hibridização da ciência e da literatura. A escolha pelo gênero parte da constatação de que o ensaio enquanto metodologia de escrita possui “uma espécie de rigor mais sutil e matizado, mas não menos estrito do que aqueles dos pretensos cânones da escrita científica” (Rivera, 2017, p. 14). Assim, a tessitura de trechos de diário de campo, falas do grupo nas oficinas, excertos da literatura e de artigos científicos foi

¹⁴ A participação na oficina foi feita mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), segundo as orientações do Comitê de Ética com Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH). Ver Anexo.

feita mediante um agrupamento por unidades temáticas que se apresentaram enquanto pontos latentes, tanto na análise do material colhido em campo quanto na leitura do material bibliográfico. Desse modo, a relação com a infância, a ficção, a escrita e o fora foram os pontos nodais destacados nas análises. A escrita que se apresenta a seguir, por conseguinte, foi tecida com a liberdade do ensaísta que usa diversas fontes e recursos narrativos tendo em vista a aproximação com seu objeto.

Escreve ensaisticamente quem tenta capturar seu objeto por via experimental, quem descobre ou inventa seu objeto no ato mesmo de escrever, dar forma, comunicar, quem interroga, apalpa, prova, ilumina e aponta tudo o que pode se dar a ver sob as condições manuais e intelectuais do autor. (Bense, 2014, n. p.).

A impossibilidade da escrita

Após uma breve introdução sobre a proposta dos encontros – um passeio de experimentação pelas palavras por meio de práticas lúdicas de escrita que visam uma aproximação e ampliação do contato com a natureza poética da linguagem – comecei a oficina direcionando para o grupo uma pergunta acerca da relação de cada um com a escrita dentro e fora da universidade. De maneira geral, todos os presentes disseram que a escrita possui ou possuía um lugar especial em suas vidas, porém compartilharam a experiência de diminuição ou sufocamento de práticas inventivas e livres de escrita após o ingresso no ambiente acadêmico. Dessa maneira, a experiência atual dos/das participantes com a atividade escrita – agora atrelada quase exclusivamente às solicitações institucionais da academia – vêm acompanhadas de palavras como sofrimento, engessada, tolhida, entre outras.

Entretanto, foi possível observar também uma insistência da ligação com a escrita, mesmo diante desse cenário permeado pelos desgastes e dilemas da escrita acadêmica: *“não é nem que eu goste de escrever, eu meio que preciso. Não sei, é uma coisa que me ajuda a manter a cabeça no lugar. É bem difícil escrever e ao mesmo tempo é mais difícil não escrever”* (transcrição das oficinas, 01 de julho de 2022). Testemunhamos aí uma consonância com a percepção do gesto da escrita como uma obrigação, uma necessidade, uma exigência que o sujeito experimenta ao estabelecer uma certa relação ética com a vida. Dessa maneira, a linha tênue entre o obrigatório e o impossível é um nodo das vicissitudes do escrever, situando esse movimento no paradoxo entre aquilo que é simultaneamente vão e necessário.

A impossibilidade da escrita é, assim, a impossibilidade da total expressão pela via da palavra, sendo inevitável algo ficar barrado nessa esforçada passagem do corpo para o papel. Continuando o exercício de reflexão da relação de cada um dos presentes com a escrita, alguém compartilha que: *“quando era criança eu brincava com as palavras, eu fazia o que queria com as palavras, mas quando você entra na academia você vê que não tem liberdade para fazer o que você quiser”* (transcrição das oficinas, 01 de julho de 2022).

É evidente que a entrada no ambiente acadêmico implica à escrita uma série de regulações e constrangimentos, entendendo este enquanto contexto institucional que visa a produção de um conhecimento científico e que possui, portanto, uma forma de escrita regida, fundamentalmente, por normas e métodos que intentam afastar a possibilidade de equívocos tendo em vista a construção de uma verdade científica válida e fidedigna.

Ainda assim, é possível transpor a sensação relatada pela participante da oficina à escrita de modo geral, entendendo que a palavra, ao entrar em uma construção textual, já se vê permeada de relações inextricáveis de sentido e perde sua liberdade germinal. Dessa maneira, *“a escrita é uma jaula na qual entramos logo, já com a nossa primeira linha”* (Ferrante, 2013, p.83). Tal afirmação traz à tona algumas pistas para pensarmos o abismo em que se encontra o escritor no início de uma nova escrita, onde este se encontra simultaneamente perdido e livre, imerso em um oceano de mil possibilidades. Há algo, portanto, da liberdade e da potência da palavra que se perde no primeiro traço grafado no papel e, desse modo, é imprescindível uma certa familiarização com a jaula, com essas linhas que ao mesmo tempo delimitam e inauguram um espaço, para depois ensaiar formas de escapar pelos buracos das grades.

Barthes (1978, p.13), na aula inaugural do College de France, pronunciada em 07 de janeiro de 1977, destaca a linguagem e, mais precisamente, sua *“expressão obrigatória: a língua”*, como objeto por definição de inscrição do poder, o que justificaria sua ubiquidade e resistência, fazendo com que este reviva das mais diversas formas em um novo estado de coisas. Nesse sentido, a linguagem é uma legislação e, como tal, funciona classificando e obrigando os falantes de um idioma a falarem de determinada forma. *“Assim, por sua própria estrutura, a língua implica uma relação fatal de alienação. Falar, e com a maior razão discorrer, não é comunicar, como se repete com demasiada frequência, é sujeitar: toda língua é uma regência generalizada”* (Barthes, 1978, p. 14). Entretanto, a língua – e eu gosto de língua porque língua é parte do corpo – fracassa em sua tarefa original e não se esgota na mensagem que quer transmitir. Nesse fracasso,

perverte sua própria estrutura, que é a estrutura do poder, irradiando alguma coisa que a excede, uma espécie de resto da produção legislativa de fazer dizer. Logo, é pelo fato da linguagem humana se apresentar como esse lugar fechado e sem exterior, que “só se pode sair dela pelo preço do impossível” (Barthes, 1978, p. 16). Assim se funda a tática barthesiana de trapacear com a língua, fazendo valer esse inextricável jogo de expressão e repressão.

Talvez seja também por essa falha originária que a escrita aparece recorrentemente como uma *necessidade* (e podemos pensar aqui também na polissemia da palavra obrigação, que é um derivado do verbo obrigar, mas também um sinônimo do necessário): pela experiência e constatação que é no interior da língua que se travam as batalhas para combatê-la, que só assim é possível esgarçar os seus limites, fazendo a língua tropeçar nela mesma, deixando escapar algo de uma dimensão inexprimível e, portanto ingovernável, que ganha, nas entrelinhas, uma via de expressão.

Eis uma tarefa da escrita. Ao mesmo tempo impossível e necessária. Impossível porque escrevemos para dar forma a uma infância que em nenhum caso se deixa escrever. Necessária como tarefa política de lembrar e afirmar aquela forma do inumano que é silenciada, negada pela outra forma do inumano dominante. (Kohan, 2015, p. 224).

A escrita e a infância

A relação entre a escrita e a infância é um ponto que merece destaque. Gloria Kirinus (2011), em seu livro *Synthomas de poesia na infância*, estabelece a relação entre a infância e a poesia a partir do fato de ambas exigirem um pacto ficcional que as permite sintonizar com uma natureza prenhe de fantasia. Basta observarmos o quanto as crianças respondem bem aos jogos de surpresas da linguagem e parecem entender a poesia de forma quase intuitiva. Essas surpresas seriam os breves momentos em que algo escapa da impossibilidade do texto e que a palavra excede sua capacidade de simbolização, desvelando algo de sua natureza poética inexprimível.

Desse modo, a infância e a poesia se definem mutuamente como esse lugar – no sentido que o escritor angolano Ondjaki (2007) firma de um ponto cardeal, uma direção, local que podemos sempre retornar – em que a brincadeira e o trabalho estão em estado fusional, ou seja, onde a natureza lúdica do trabalho faz deste uma incessante criação e invenção de si e do mundo. É nesse sentido que

[...] o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética. (Freud, 1996, p. 2).

O segundo encontro da oficina foi dedicado a pensar exclusivamente sobre essa infância da língua, ativando lembranças da iniciação literária de cada participante, ou seja, os primeiros livros que tiveram contato ou aqueles que marcaram intensamente essa fase inaugural com a linguagem. A infância da língua seria, portanto, esse lugar para o qual se deve retornar sempre que se quiser escapar daquilo que classifica, generaliza e, conseqüentemente, reduz a vasta experiência do mundo (Barthes, 1980). Nesse segundo encontro, foi proposto um simples exercício que facilitasse o acesso às palavras em sua forma crua: tratava-se de listar palavras com as quais os participantes tinham uma afeição especial e, depois, discutir quais conexões iam naturalmente surgindo e pequenas combinações fonéticas que abriam todo um campo de possibilidade criativas.

Ainda nas veredas da infância e dos primeiros contatos com as palavras escritas, um participante das oficinas diz:

[...] comecei a me dar conta que eu só gostava de palavras estranhas. Pejorativo foi uma palavra que eu achei no dicionário e achei muito legal. Parcimonioso foi uma palavra que eu tive que procurar no dicionário porque eu queria insultar meus colegas e não queria que eles soubessem. Ai eu falava “parcimonioso” [risos]. (Transcrição das oficinas, 08 de julho de 2022).

Não sei vocês, mas vejo que tem algo da parcimônia em parcimonioso que é de fato uma qualidade pejorativa, pensando que tamanha parcimônia é quase uma falsidade. Brincadeiras à parte, salta aos olhos a curiosidade do olhar infantil para com as palavras e a abertura para surpreender-se com as suas possibilidades – ainda que dribles o sentido estrito das coisas. Ainda, foram muitos os relatos que partilhavam da primeira experiência literária com textos que não são exatamente literatura, como exemplo do dicionário ou da enciclopédia. *“Eu lembro de brincar com o dicionário também. Acho que a enciclopédia dá a sensação de que você está com o mundo nas mãos, né...”* (transcrição das oficinas, 08 de julho de 2022).

A reincidência do dicionário como primeira experiência literária remete ao poema de Carlos Drummond de Andrade (2012, p. 12): *“Penetra surdamente no reino das palavras./ Lá estão os poemas que esperam ser escritos./ Estão paralisados, mas não há desespero,/ há calma e frescura na superfície intata./ Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário”*. Ao se referir à calma do poeta em assuntar e escutar essas palavras em estado

de dicionário, Drummond dá outros contornos ao encontro com o abismo do início da escrita, tendo em vista que não há desespero e sim o frescor de uma linguagem (im)possível ainda não capturada pelas malhas de poder. A afinidade infantil com o objeto do dicionário, como um nascedouro de palavras, corrobora essa perspectiva, afirmando a íntima relação da infância com a poesia, além de firmar o lugar desta última como forte aliada das batalhas travadas no interior da linguagem.

Assim, por meio de simples exercícios, como a redação de uma lista de palavras – para posteriormente observarmos juntos de que maneira uma palavra ia se ligando a outra –, a escrita de fragmentos vividos ao longo do dia em forma de diário ou a escrita de uma cena baseada em uma palavra, onde não se podia utilizá-la para justamente forçar os participantes a usarem outros elementos narrativos para transpassar uma sensação, os participantes foram colocados em contato com a possibilidade de experimentar a escrita como um fazer brincante, afastando-se de todo e qualquer tipo de exigência atrelado à tal gesto e promovendo um retorno a uma relação lúdica com as palavras. A partir dessa possibilidade, muitos compartilharam que havia ali uma “dica avessa” de como escrever, ou seja, mediante as brincadeiras com as palavras os participantes ganharam uma agência, ainda que provisória, com as formas mais ou menos rígidas da escrita.

Desse modo, podemos pensar junto com os jovens e experientes escritores, que “a verdadeira escrita é aquele gesto que remexe dentro do depósito da literatura em busca de palavras necessárias” (Ferrante, 2023, p. 31). Essa palavra necessária funciona como a acuidade poética, uma certa assertividade que se dá justamente pelo fato de conseguir exprimir uma experiência que se recusa a ser totalmente simbolizada. Escrever, assim, pelo além da escrita, como uma lembrança que a língua está viva e não apodrecida, como pelo olhar de uma criança lendo o mundo pela primeira vez.

A escrita e a ficção

Juan José Saer (2012), escritor e ensaísta argentino, situa a ficção em um paradoxo que consiste em recorrer ao falso justamente para aumentar a credibilidade de determinado fato. Dessa maneira, ela – a ficção – é um subterfúgio que aponta em direção ao não-verificável, para dar passagem à certa complexidade do objeto em questão. Assim, a ficção não está situada em uma relação de oposição com a verdade, mas sim lateralizada, buscando dar a esta um outro tipo de tratamento. Kirinus (2011, p. 23) irá dizer da ficção

como uma mentira poética, que, “quem sabe, é a mentira mais verdadeira que existe, por ser inventada, simbolizada na palavra”.

É evidente que esse tratamento à verdade que a ficção busca endossar difere substancialmente da verdade científica erigida no escopo da modernidade ocidental. Ao apontar em direção ao não-verificável, perde-se de vista os critérios de objetividade e neutralidade e há uma aproximação com a verdade subjetiva, que pode ser entendida como a tentativa – ainda que fracassada de partida – de exprimir uma experiência. É assim que “a ficção fia mundos onde a confiança ultrapassa a fidedignidade sem perder a realidade” (Costa, 2014, p. 553). Nesse sentido, as formas da literatura interessam ao campo científico das ciências humanas na medida em que o verificável – pressupostos da escrita científica – implica uma redução abusiva e um empobrecimento, segundo as palavras de Saer (2012), em relação ao acontecimento e à experiência. O que está em jogo, portanto, ao fazer uso de estratégias híbridas de escrita, que mesclam recursos literários e científicos, é pensar não apenas o coerente, mas também o consistente, não apenas o atual, mas também o virtual, entendendo que, em ciências humanas, há, fundamentalmente, uma lacuna posta entre sujeito e objeto de conhecimento – uma lacuna que é também uma correspondência –, sendo essas torções nas políticas de escrita capazes de dar passagem para uma complexidade do objeto que fica barrada em certo modo hegemônico de narrar as histórias dentro da academia.

Em meio aos encontros da oficina, a experiência relatada por uma participante, e confirmada pelos colegas, é interessante para pensarmos esse jogo entre verdade, complexidade e ficção: a de que é mais difícil escrever dentro da academia quando você vai escrever sobre algo que você gosta. Com essa constatação, somos levados a pensar que a afeição e o desejo de falar de algo implica uma exigência de rigor, justamente pela *necessidade* de expressar o intrincamento que compõe determinada questão. Remeto aqui à acepção de gesto citada na introdução do artigo de “portar uma obrigação” e à questão anteriormente exposta da escrita como uma necessidade do sujeito. Logo, para a escrita tornar-se gesto, para a escrita ir para o corpo, é preciso que ela se torne uma questão de gosto.

Assim, quando há uma distância afetiva entre o sujeito que escreve e o objeto sobre o qual ele está pesquisando, torna-se mais fácil escrever dentro dos moldes da escrita acadêmica – ou seja, uma escrita hegemonicamente permeada por regras e prescrições que conduzem o leitor para uma linha de raciocínio inequívoca. Por outro lado, a proximidade afetiva exige daquele que escreve um certo transbordamento em

relação às margens do texto. Segundo uma participante, quando há um envolvimento com o tema, “*ai é muita coisa para falar e fica confuso...*” (transcrição da oficina, 22 de julho de 2022). Portanto, quando a escrita não é somente uma questão de trabalho, mas também uma questão de vida, ocorre o aparecimento dos problemas candentes de toda escritura, que é, por definição, qualquer lugar em que as formas de saber têm sabor (Barthes, 1978). Desse modo, para se engajar em uma prática escritural, será necessário experimentar o gosto das palavras e, para tal, é imprescindível que se tenha um gosto por aquilo que elas procuram designar.

Podemos pensar, ainda, que essa complexidade que a ficção procura tratar é o que implica – na ambiguidade da palavra de designar envolvimento e perturbação – tamanhos desafios na expressão pela via da palavra escrita. Nesse sentido, “com maior ou menor habilidade, fabricamos ficções não para que o falso pareça verdadeiro, mas para conseguirmos dizer o verdadeiro mais indizível, com absoluta fidelidade, por meio das ficções” (Ferrante, 2023, p. 75).

A escrita e o fora

Elena Ferrante (2023) – na publicação *As margens e o ditado: sobre os prazeres de ler e escrever*, que edita uma troca de e-mails em meio à pandemia do que seriam conferências na Universidade de Bolonha – diz de seu fascínio em coletar trechos em que o escritor começa a narrar exatamente a partir do momento que começa a se preparar para realizar a tarefa da escrita. Talvez isso se apresente como uma estratégia para driblar os impasses do início do texto. A autora italiana diz que “a maneira como imaginamos arrastar para fora, por meio da palavra escrita, um ‘dentro’ fantasmático, por sua natureza fugidia, mereceria mais atenção quando se discute literatura” (Ferrante, 2023, p. 19).

Acho esta uma passagem proveitosa para pensarmos o jogo entre o “dentro” e o “fora” que a escrita propicia e inaugura. O uso das aspas ao se referir ao dentro fantasmático, que seria no caso uma espécie de matéria prima da escrita, nos conduz a uma relativização do grau de interioridade desse “dentro”. É conveniente pensar, portanto, que esse “dentro” pode estar posto no sentido de encoberto, escondido, disfarçado, incógnito; algo oculto que ainda não encontrou uma via de expressão. Não se trata, portanto, de arrastar algo do interior do sujeito para fora por meio da escrita, mas de algum outro tipo de operação que nos interessa, particularmente tendo em vista que interrogamos o escrever e suas vicissitudes.

Nesse sentido, se antes afirmamos que a escrita e a vida possuem uma intimidade, ressaltando a primeira como gesto que propicia e fomenta processos de subjetivação, é importante salientar que isso se dá na medida em que as palavras nos colocam em contato com algo que se presente, mas não se conhece – ou seja, da sensação de algo exterior na experiência subjetiva. Assim, a relação entre a escrita e a subjetividade não está calcada no fato desta ser uma atividade solitária, tecida no interior do sujeito, como uma espécie de sofisticação do indivíduo, mas sim porque, ao silenciar de alguma maneira o seu entorno – nesse movimento de contração sem o qual não se consegue escrever –, aquele que escreve cria uma abertura para o encontro com as mais diversas forças do fora. Esse fora é o fora da linguagem, o fora do sujeito, ou, ainda, algo que, mesmo simbolizado, se agita a todo instante em um desassossego constitutivo. Isso me remete ao fluxo incessante comentado por Ferrante (2023) e exposto no início do texto, em que a palavra escrita tenta capturar com as mãos algo ágil e volátil que passa em pensamento.

Isso faz da escrita algo selvagem. Unimo-nos a uma selvageria anterior à vida. E a reconhecemos sempre, é a das florestas, antiga como o tempo. A do medo de tudo, distinto e inseparável da própria vida. Ficamos ferozes. Não podemos escrever sem a força do corpo. É preciso ser mais forte que si mesmo para abordar a escrita. É preciso ser mais forte que aquilo que se escreve. É curioso, sim. Não somente a escrita, o escrito, mas os gritos das feras da noite, de todos, você e eu, o dos cachorros. É a vulgaridade maciça, desesperadora, da sociedade. A dor, ela é o Cristo também, e Moisés e os faraós e todos os judeus e todas as crianças judias e também a felicidade mais violenta. Ainda acredito nisso. (Duras, 2021, p. 34).

É interessante como nesta passagem de Duras ela diz da escrita como algo selvagem – e gosto de pensar o selvagem não como o natural, mas, justamente, como algo que perturba certa naturalidade. É interessante a escrita como algo selvagem, porque estamos habituados a colocar a linguagem como uma espécie de marca civilizatória. Esse hábito, evidentemente, se trata de uma aceção da cognição humana como artifício que ordena e trata dados sensoriais em forma de conceitos transmitidos geracionalmente dentro de uma determinada língua (Biderman, 2009). Nessa perspectiva – da qual buscamos nos diferenciar – as palavras funcionam como etiquetas de modos de cognição em que os conceitos ordenam os dados sensoriais de uma experiência. Porém, se, por um lado, o léxico de uma língua é como “uma fotografia que congela o movimento” (Lenneberg, 1975, p. 375 *apud* Biderman, 2009, p. 91) – tal como a dicionarista Maria Tereza Camargo Biderman alude ao linguista e neurocientista Eric Lenneberg – registrando e classificando elementos do universo, ao nos atentarmos para as vicissitudes

do escrever mediante a experiência de jovens e renomados escritores, vemos que o gesto da escrita é também o encontro com esse movimento.

Com a licença da superficialidade com que passamos pelas densas discussões que ocorrem na interface da linguística e da cognição, o que aqui nos interessa é que, para além da concepção da linguagem como uma representação das coisas, a escrita é, fundamentalmente, uma apresentação do mundo, provisória, parcial, precária, em constante processo de reinvenção. Por conseguinte, se o ato de nomeação é aquilo que especifica nossa espécie, nos diferindo de outras formas de vida do reino animal, é ali nas falhas e nos tropeços da linguagem que ela revela as forças que escapam à sua capacidade de designação e inauguram a possibilidade de novas agências entre palavras e coisas.

Assim, firmamos a escrita como um lugar privilegiado para transformação de si e do pensamento, como um lugar para a experiência propriamente dita. Foucault (2010), na introdução do segundo volume da *História da Sexualidade* exprime tal afirmação de forma notável:

[...] meus livros são, para mim, experiências, em um sentido que gostaria o mais pleno possível. Uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado. Se eu tivesse de escrever um livro para comunicar o que já penso, antes de começar a escrevê-lo, não teria jamais a coragem de empreendê-lo. [...] sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes. (Foucault, 2010, p. 289-290).

Ao nos debruçarmos sobre as minúcias do escrever, observamos que não se trata de um requinte ou um exercício fastidioso de aprimorar certa habilidade linguística de categorizar e determinar uma experiência, mas sim de atravessar o encontro incontornável com algo no sujeito que não cessa de diferir; que é indeterminável e impossível de se categorizar. Nos parece que essa é a dificuldade em jogo na escrita, que caracteriza e infere intensivamente o cotidiano daqueles que escrevem – uma dificuldade que é também uma oportunidade de agenciar novas formas de ver, ouvir e dizer do mundo. É assim que na escrita “a função comunicativa da língua é colocada a reboque de uma força instauradora capaz de engendrar o novo”. (Moschen, Do Ó, 2022, p. 743).

O problema de escrever é, portanto, seguindo as considerações de Deleuze (2008), o problema dessa língua que se debate no interior da língua, que arrasta toda uma linguagem para o limite daquilo que não tem gramática, não tem sintaxe, não tem sentido, que se comunica a todo instante com o seu fora. Nessa perspectiva,

[...] escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. A literatura está antes do lado do inacabamento. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (Deleuze, 2008, p. 11).

Sendo o devir, por definição, aquilo que escapa à sua própria formalização – e pensando que invariavelmente o texto possui uma forma, suas linhas, suas margens e suas demandas – a escrita como caso de devir é encontrar uma espécie de zona de vizinhança com as palavras, aprendendo a habitá-la sem se desesperar com o precipício, jogando o jogo da nomeação sem a pretensão da exatidão e da correspondência, mas tendo em vista a ressonância de composições capazes de provocar pequenas alterações nos modos de ver, sentir, pensar e dizer das coisas.

Considerações finais

No princípio, era o nada. O nada era experienciado como um abismo, um abismo diante do qual se treme e só. Não só, um abismo diante do qual se treme e se inventam pontes a partir de dobraduras, de foras pra dentro e de dentro pra fora. Como aprender a brincar na beira do abismo? Como brincar onde os pés não tocam o chão, onde venta muito, onde não há nenhum apoio, nenhum lugar possível para se segurar?

Em algum momento, cria-se um costume, uma espécie de familiaridade, um estranho conforto e ali, diante do abismo, dobrando essa superfície fugidia, se inventam pontes, aviões e barquinhos de papel. Como se acostuma? Me parece uma questão de necessidade, de que talvez seja mais difícil o conforto da pedra do que o conforto desconfortável, a queda livre passageira que logo cria pequenos artificios flutuantes. É certo que um barquinho de papel não aguenta muito peso e, rapidamente, é preciso uma nova dobradura para que a outra não se rasgue por completo. Talvez a necessidade seja essa convocatória constante de estar produzindo novas e variadas formas, pequenos artificios de sustentação temporária.

Pensar a escrita como gesto é, antes de mais nada, afirmá-la enquanto um movimento – que se faz com as mãos, com a vida e consigo mesmo. Assim, eu parti nesta pesquisa dos impasses vividos pelo escritor no início da escrita para pensá-la em suas

vicissitudes, destacando quatro pontos nodais que articulam a escrita, a subjetividade e a experiência: a impossibilidade, a infância, a ficção e o fora. Ali, no movimento de transpor um pensamento em palavras, dando corpo para um traçado da experiência, dá-se a ver a operação facilitada pelo exercício da escrita que transborda a função comunicativa da linguagem e reposiciona o sujeito diante da capacidade inventiva da palavra.

Mediante a experiência de coordenar oficinas estéticas de escrita para estudantes de pós-graduação, pude observar a persistência da escrita enquanto atividade que faz o sujeito “portar sobre si”, ainda que as regras e solicitações institucionais típicas da linguagem acadêmica sufoquem a experiência de prazer do texto. Já no contato com as reflexões de Marguerite Duras e Elena Ferrante sobre a escrita literária, ficou evidente a importância vital que tal gesto exercia na vida das autoras, colocando-as em contato com questões intrínsecas aos modos de vida.

Por fim, cabe salientar que o presente texto não procura esgotar e nem contemplar a totalidade das questões que entrelaçam a escrita e a subjetividade, assim como as articulações feitas da escrita com as figuras do impossível, da infância, do fora e da ficção. Trata-se, este texto, de uma espécie de mapeamento de problemas que se fizeram candentes na experiência de coordenação das oficinas estéticas de escrita com pós-graduandos no campo de estudos da subjetividade, problemas que encontraram ressonância nos textos estudados, tanto literários como acadêmicos. Eis os limites desta própria escrita, sem pretensão de esgotamento, ciente das lacunas e possíveis que se abrem para outras experimentações. Ao fim e ao cabo, interessa-nos tão somente a capacidade de recolher fragmentos e pequenas costuras, abrindo espaço para se pensar as variadas formas de usar e brincar com a palavra.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. A procura de poesia. In: **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

ANZALDÚA. Glória. Falando em línguas: carta às mulheres escritoras do terceiro mundo. **Rev. Estudos Feministas**, Ano 8, pp. 229-236, Santa Catarina, 2000.

AQUINO, Julio Groppa; GARCIA Silas Sampaio. Uma palavra detestável: do encontro entre literatura, escrita e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e93433, 2020.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

_____. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. **Revista Serrote**, n. 16, 2014. Disponível em <<https://www.revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/>>. Acesso em: 25 mai. 2023

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.

COSTA, Luis Artur. O corpo nas nuvens: o uso da ficção na psicologia social. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014

_____; GALLI, Tania Mara. Da diversidade: uma definição do conceito de subjetividade. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, Vol. 42, Num. 3 pp. 513-519 5, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2021.

FERRANTE, Elena. **As margens e o ditado**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

FOUCAULT, Michel. **O belo perigo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas e Completas de Sigmund Freud** (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAGNEBIN, Jean Marie. Experiência e Transmissão. **Redobra**, n. 14, ano 5, 2014.

_____. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo, Editora 34, 2009.

GALLI, Tania Mara. O túmulo e a palavra: afterlife para prolongar um último toque com a pona dos dedos. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 25, n. 2, p. 259-278, agosto 2018.

KIRINUS, Glória. **Synthomas de poesia na infância**. São Paulo: Paulinas, 2011.

KOHAN, WALTER OMAR. Visões da filosofia: infância. **ALEA**, Rio de Janeiro, vol. 17/2, p. 216-226, jul-dez 2015.

NOVARINA, Valerie. **Diante da palavra**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Lingua Geral, 2007.

RIVERA, Tania. Desejo de ensaio. In: RIVERA, Tania; CELES, Luiz Augusto; SOUSA, Edson Luiz André (Org.). **Ensaio brasileiro contemporâneo: psicanálise**. Rio de Janeiro: Funarte, 2017, p. 11-26.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 8, julho de 2012.

ZANELLA, Andrea Vieira. **ArteUrbe: jovens, oficinas estéticas e cidade**. Curitiba: Appris, 2020.

5. ARTIGO 2: NO LIMIAR DA ESCRITA ACADÊMICA: TENSÃO, PRESSÃO E INVENÇÃO

Resumo

O delineamento deste artigo se baseia na reflexão acerca das vicissitudes da escrita acadêmica, abordando seus pontos de confluência e de divergência com a escrita de maneira geral. Assim, o trabalho objetiva analisar as condições de possibilidade da escrita acadêmica se constituir como um lugar para a experiência, em seu sentido profundo de formação e transformação de si, no atual cenário universitário brasileiro. Para tal, foram realizadas oficinas estéticas de escrita com estudantes de pós-graduação *stricto sensu* caracterizadas como um espaço para a experimentação com a palavra e, conseqüentemente, a construção de uma relação mais fluida e prazerosa com o texto. A experiência do bloqueio da escrita e o conflito entre a autoria e a norma científica são nodos de discussão lateralizados, fundamentalmente, ao pensamento de Michel Foucault e Roland Barthes. A partir da experiência com as oficinas e o diálogo com a literatura, compõem-se argumentos para a escrita da pesquisa acadêmica enquanto experiência limiar – conceito benjaminiano de zona de transição e ultrapassagens – permeada de negociações entre práticas criativas e exigências institucionais.

Palavras-chave: escrita acadêmica, oficina estética, texto, discurso, escritura.

Introdução

Talvez já esteja na hora de abalar uma ficção: a ficção que quer que a pesquisa se exponha, mas não se escreva. (Barthes, 2012 p. 100).

O trabalho da pesquisa acadêmica é um trabalho com palavras. Pesquisar é ler, debater, ver, entrevistar, transcrever, decupar, fichar, resumir, conversar, escrever. Seja de modo individual ou coletivo, fazer pesquisa é mergulhar e trabalhar com esses conjuntos de letras e sons, esse sistema sofisticadíssimo de codificação do mundo que chamamos de linguagem. Mesmo diante de tantos recursos tecnológicos, o cotidiano de estudantes e pesquisadores é fundamentado prioritariamente ou exclusivamente nas

palavras, seja nos processos de aquisição, divulgação, avaliação ou produção do conhecimento científico (Franco, 2019). Esse cenário se intensifica na área das humanidades, em que até mesmo as atividades de campo tais como grupos, oficinas, entrevistas, formulários, entre outros procedimentos e dispositivos de produção de informações, são todos intermediados de forma constitutiva pela linguagem – que desde os princípios da história tem-se apresentado enquanto esse artifício gregário de classificação e conexão entre humanos (Barthes, 1977).

Independentemente da complexidade e da profundidade daquilo que foi vivido em campo, é a produção textual final que materializa a pesquisa no campo das ciências humanas e, conseqüentemente, a capacidade do pesquisador de traduzir sua experiência em palavras. Compreende-se essa tradução como a criação de fato da pesquisa, uma espécie de integração que exprime a produção do conhecimento propriamente dita. A essa prática, corpo e arremate final da pesquisa, damos o nome de escrita acadêmica – é precisamente a ela que nos dedicamos neste artigo, ensaiando uma aproximação e reflexão acerca das vicissitudes dessa performance específica do escrever. Podemos definir, provisoriamente, a escrita acadêmica como aquela que é “propositalmente arranjada para produzir efeitos de verdade” (Vilella, 2013, p. 214). E se qualquer forma de escrita, seja ela poética, literária ou mítica, é verdadeira enquanto enunciado, ou seja, enquanto força significativa, faremos o exercício de caracterizar o estatuto de verdade em relação a qual a escrita acadêmica corresponde. Há subentendido nesta frase a constatação de que não há uma verdade unívoca e transcendental, mas sim múltiplos regimes de verdade que se constituem mediante diferentes tipos de discurso. Sendo assim, a verdade da escrita acadêmica se apresenta a partir dos pressupostos da verdade científica, marcada na tradição moderna pelo primado da objetividade e neutralidade, concretizado em um tipo de discurso que busca conduzir o leitor a uma linha de raciocínio inequívoca. Logo, o discurso científico hegemônico é aquele que intenciona não deixar margens para os questionamentos em relação à sua própria verdade. Nesta perspectiva de ciência, “a linguagem científica é o que permite o controle da verdade, um conjunto de regras que distingue o verdadeiro do falso” (Foucault, 1993a, p. 13).

Dizer da escrita acadêmica é também correr o risco de cair em generalizações ou totalitarismos pouco producentes; e se esse é o risco de toda nomeação – Barthes já nos

atentava para o fascismo inerente à toda linguagem (1980) – cabe dizer que o que tipifica a forma de escrita que se apresenta enquanto objeto de estudo deste artigo fala mais de um contexto do que de uma forma única e circunscrita de escrever.

A escrita acadêmica para fins de titulação responde às exigências institucionais em formato de artigo, tese ou dissertação. Logo, definir isso que seria a escrita acadêmica é uma tarefa ingrata, tendo em vista a variedade de grupos de pesquisa de diferentes universidades e áreas de conhecimento ao redor do mundo, os quais respondem de formas variadas e exercitam múltiplas formas de escrever. Homogeneizar em excesso essa produção realizada dentro do escopo da universidade seria pouco justo com o trabalho de inúmeros pesquisadores comprometidos com uma verdade ética e com a diferença.

Ainda assim – imbuída do esforço de não mitigar as múltiplas produções e estilos de escrita praticados dentro da academia –, irei traçar algumas características que configuram certo modo de performatizar a escrita na área das humanidades e discorrer acerca das consequências disso para aqueles que escrevem. Em consonância com Jorge Ramos do Ó, pesquisador português da Universidade de Lisboa (2021), podemos dizer que se trata de um modelo, mais do que um conjunto de regras específicas. Não é uma surpresa que a escrita tenha regras: até mesmo o conto, a poesia, o romance e outros gêneros literários, aos quais atrelamos uma maior liberdade compositiva, possuem suas próprias especificações. A criatividade e o rigor não são categorias opostas – a não ser no imaginário romântico e solipsista que envolve a produção artística. Na prática, sabe-se que criar o campo da arte é um trabalho que exige pesquisa, técnica, disciplina, repetição, implicação, abertura e, sim, criatividade. E a pesquisa acadêmica também se trata de uma criação. Ainda que esse gesto argumentativo não coloque ambos os termos – a arte e a pesquisa acadêmica – como sinônimos, podemos pensar uma ressonância estética no ato de pesquisar a subjetividade.

O aspecto da escrita acadêmica que colocaremos em análise é, portanto, esse modelo que enrijece e coloca o texto científico como algo para fins estatísticos e pontuação em editais, produzindo, em consequência disso, artigos serializados para quem os escreve, desembocando em um cenário de sofrimento psíquico experienciado pelo corpo discente dos programas de pós-graduação (Silva, 2015).

Entende-se que há um padecimento característico de toda e qualquer escrita: um tipo de angústia que é preciso atravessar para dar corpo ao texto, essa natureza da palavra que funciona como uma trincheira entre a prisão e a liberdade do pensamento (Vilella, 2013). Se, por um lado, ao escrever fixamos ideias e experiências em palavras, por outro,

é ao nos lançarmos nessa aventura que temos a oportunidade de efetivar algo que existia apenas enquanto um murmúrio de pensamento. Ou seja, muitas vezes, escrevemos para dizer justamente aquilo que ainda não sabemos quando nos posicionamos, inocentemente, diante da folha em branco (Foucault, 2014). Logo, a escrita acadêmica será tratada enquanto essa zona de turbulência, caracterizada por constantes negociações que incluem o jogo entre leitor e escritor, entre aquele que demanda o texto e aquele que o escreve, entre a palavra e o pensamento.

Neste artigo, será averiguada quais torções sofre esse espaço fundamentalmente turbulento no processo de formação *stricto sensu* e de que maneira isto se reflete na experiência da escrita da pesquisa no campo de estudos da subjetividade. Ainda, nos interessa a aproximação com a maneira com a qual as exigências acadêmicas vinculadas à escrita se inserem no cotidiano dos estudantes de pós-graduação e afetam sua vida anímica e psíquica. Logo, objetivamos uma reflexão acerca das vicissitudes da escrita acadêmica, quais seus pontos de confluência e de divergência com a escrita de uma maneira geral, além de analisar as condições de possibilidade da escrita acadêmica ser um lugar para a experiência – em seu sentido profundo de formação e transformação (Larrosa, 2020; Foucault, 2014) – no atual cenário universitário brasileiro.

Método

Este escrito parte de uma pesquisa de mestrado que busca averiguar e acompanhar as condições da possibilidade da escrita se constituir enquanto um lugar de experiência para estudantes de pós-graduação no campo de estudos da subjetividade. Para tal, foram propostas oficinas estéticas de escrita para estudantes de pós-graduação *stricto sensu* de áreas do conhecimento que possuem alguma linha de pesquisa relacionada à temática da subjetividade. Foram feitas duas edições da oficina: uma na modalidade presencial, na Universidade Federal de Santa Catarina, e outra online, via Google Meet. As reflexões aqui expostas partem da experiência de coordenação das oficinas, da própria experiência de escrita da pesquisadora e de bibliografias produzidas sobre o tema.

A proposição das oficinas pretende não apenas analisar a experiência de escrita da pesquisa, mas também intervir nessas condições, buscando ampliar o regime sensível dos participantes com as palavras e a atividade escrita de maneira geral. As oficinas estéticas, em sua definição, além de designar o contato e o trabalho com linguagens

artísticas, buscam também a intervenção nos modos de ver, ouvir, sentir e pensar, se constituindo enquanto estratégia de tensionamento de olhares cristalizados e produção de olhares outros para determinadas atividades (Zanella, 2020). A partir da leitura de trechos literários, discussões com e entre os participantes e da proposição de exercícios, as oficinas tinham a intenção de conduzir os participantes a uma espécie de passeio de experimentação pela materialidade da palavra, tendo como direção a ampliação da capacidade de afetar e ser afetado por ela. A hipótese implícita na proposta é que criar essa intimidade com as palavras facilitaria o entendimento da processualidade inerente ao trabalho de escrita, azeitando as engrenagens da máquina de produção do texto.

A mediação literária foi baseada em uma apostila elaborada previamente com contos curtos, poesias, trechos de textos e imagens que foram trabalhados ao longo de 4 encontros de aproximadamente duas horas cada. Os encontros tinham uma temática específica que servia como ponto de partida para a exposição acerca de alguns aspectos da escrita, a troca entre os participantes sobre esses temas e a proposição de exercícios lúdicos que tinham como objetivo a ativação de certa natureza poética da linguagem.

Obtivemos 31 inscrições que, após passarem pelos critérios de inclusão e exclusão, totalizaram 15 participantes vinculados aos programas de pós-graduação de letras, literatura, psicologia, relações internacionais, saúde coletiva, antropologia social e educação. No entanto, para fins de análise, utilizarei somente dados de 10 participantes, referentes àqueles que tiveram uma participação consistente na oficina, ou seja, em ao menos 75% das atividades. Estes números englobam as duas edições realizadas no escopo da pesquisa. O presente trabalho irá trabalhar os dados emergentes do campo a partir das produções coletivas, logo não há necessidade de descrição detalhada dos indivíduos, entendendo que não se trata de entrevistas individuais, mas sim de um processo grupal.

Os procedimentos para coleta de informações utilizados foram o diário de campo e a gravação de voz dos encontros, posteriormente transcritas e decupadas. Ademais, foram coletadas e organizadas as produções escritas que os participantes realizaram ao longo dos encontros.

Para a análise dos dados, foram fundamentais os conceitos barthesianos de escritura, texto, semiologia e linguagem (Barthes, 1977; 2012) e a discussão foucaultiana acerca da figura do autor, do discurso e dos regimes de verdade (Foucault, 1993; 2019). O tratamento dado ao material de pesquisa se dá em forma de ensaio, ou seja, mediante um enlace da teoria e da experiência, da linguagem teórica e da linguagem poética, tendo

em vista a confusão ou a travessia das distinções modernas entre arte e ciência, conhecimento e imaginação, objetividade e subjetividade (Larrosa, 2020).

No limiar da escrita acadêmica

Pensando a escrita como essa zona de turbulência que nos exige constantes negociações, arrisco dizer que a mais delicada delas é essa espécie de força que retira o sujeito do seu lugar de saber e o atira em uma zona onde *ainda* não se sabe ao certo o que formular – uma negociação, portanto, que ocorre entre a interioridade do sujeito da escrita (seu desejo, consciência, racionalização) e o seu fora (desconhecimento e alteridade)¹⁵ (Vilela, 2013; Foucault, 2009). É como se nos lançássemos na aventura da escrita justamente quando não sabemos, mas *pressentimos* algo. Escrever é, portanto, atravessar – ou melhor dizendo habitar – esse limiar.

O limiar é uma categoria curiosa: de modo distinto do limite e da fronteira, ele não designa o encontro entre dois domínios, mas justamente essa zona de transição. A própria ambiguidade da palavra *zona* em português nos ajuda a abrir esse sentido. Sendo assim, o limiar é algo que se inscreve em um registro mais amplo de movimento, passagens e ultrapassagens (Gagnebin, 2014). Além disso, o limiar, conceito extraído da obra de Walter Benjamin e comentado pela filósofa Jean Marie Gagnebin, comporta a acepção de uma espécie de rito de passagem. Por conseguinte, entende-se que as palavras não são meros instrumentos e a escrita não se reduz à questão técnica comunicacional, mas sim diz de um jogo complexo de negociação, constituição e diferenciação do sujeito.

Por outro lado, no encargo de tratarmos da especificidade do nosso objeto, consideramos a definição da escrita acadêmica enquanto forma de escrita que busca um efeito de verdade (Vilella, 2013). Esse efeito é produzido a partir de um convencimento do leitor, mediante certos recursos retóricos, de que há em jogo uma lógica que não abre caminho para dúvidas, enganos ou ambiguidades. A objetividade como principal dispositivo de garantia da neutralidade e do rigor científico se materializam no texto, por exemplo, a partir de estratégias historicamente valorizadas e difundidas em manuais de metodologia científica, como a ocultação do sujeito da escrita, do uso do indicativo e da terceira pessoa (tem-se, observa-se...) e o afastamento do texto de expressões que

¹⁵ Essa distinção dicotômica é exposta para fins didáticos. Ao fim, sabe-se que as categorias “interiores” são o tempo todo atravessadas pelas forças do fora e vice e versa.

revelem o caráter processual e a dúvida, como o gerúndio e o particípio, que indicam uma *ação em andamento*.

A escrita acadêmica predominantemente valorada como científica aparece como produto e não parte do processo da pesquisa. De maneira geral, a forma seca da gramática e da sintaxe expressa certa hegemonia dessa forma de escrita, apesar, é claro, de cada área do conhecimento – e me vêm em mente três principais tipos: o discurso das ciências naturais, ditas duras, o discurso filosófico e o discurso histórico e sociológico – apresentarem torções dessa forma, com estereótipias características ainda em sua forma hegemônica. Vejamos alguns exemplos.

Camila Rezende é pesquisadora da Universidade Federal do Paraná, doutora pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia. Sua pesquisa de doutorado consistiu em uma sociologia artística das emoções em relação à escrita acadêmica e foi realizada junto a estudantes de graduação e pós-graduação usuários do CAPA – Centro de Assessoria de Produção Científica da UFPR. Ela nos diz:

Para ser reconhecido e legitimado institucionalmente o mestre acadêmico (e a mestra) precisa reservar para si a exposição daquilo que é íntimo, confuso, nascente e embrionário; devendo mostrar para o Outro apenas a expressão que representa a ética da autoridade científica: o acabado, o exterior, o neutro, o claro, o poente de imponência, o derradeiro. (Rezende, 2021 p. 144).

Logo, entre a zona de turbulência e o produto verdadeiro, neutro e objetivo, observamos um significativo descompasso, como se a escrita, ao adentrar o universo acadêmico e ser subjugada aos preceitos clássicos de produção científica, fosse forçada a suprimir suas vicissitudes.

Esse evidente descompasso cria o problema adicional de um cansaço decorrente da constante autovigilância e autoconsciência, sobretudo no que se refere à escrita. O indivíduo precisa portar-se sempre “como se” produzisse ciência [...]. Aí, o descompasso entre o que se faz e o que se diz fazer é causa de um evasivo – mas constante – sentimento de inadequação e hipocrisia. Esta é uma primeira dificuldade diretamente vinculada a hábitos de escrita no âmbito acadêmico. (Franco, 2019, p. 21).

Isto, evidentemente, inaugura um amplo campo de questões vividas por aqueles que escrevem dentro do contexto acadêmico. É a partir do diagnóstico desse descompasso, dessa descontinuidade fundante, que irei discorrer sobre dois pontos latentes que se apresentaram ao longo da condução das oficinas. Importante salientar que tais pontos não procuram esgotar as problemáticas relativas às vicissitudes da escrita acadêmica, nem apresentar algo de inédito; trata-se, enfim, de dar consistência – a partir

de uma abertura e de uma atenção – e talvez formular, de outra maneira e sob outras perspectivas, questões já conhecidas, mas não por isso superadas no processo de escrita da pesquisa.

A palavraafiada: oficina de escrita

*Era uma sexta-feira fria e a pesquisadora¹⁶ compunha o ambiente com os elementos que tinha ao seu alcance, as grandes almofadas de estofado colorido dispostas em forma de roda, algumas coisas escritas no quadro, título, frases, traços aleatórios; no centro da roda uma pilha de livros que trouxe de casa para passear um pouco na universidade, porque livro tem disso: gosta de passear e se entristece mofando nas prateleiras da biblioteca de casa, um conjunto de pranchetas, papel, caneta, lápis de cor, giz de cera, uma térmica com café, outra com chá e algumas coisas para comer tendo em vista o horário do encontro, quatro horas da tarde e a equidistância entre as grandes refeições do dia. Na verdade, a pesquisadora tinha a forte sensação de que esses artificios aparentemente desnecessários – os livros, o café, as frutas, o giz de cera que muito provavelmente nenhum dos participantes utilizaria para escrever – eram importantes agenciadores na construção do grupo. E ela sabia que o grupo não era algo dado de antemão e que precisaria ser construído a partir dos encontros que ali se iniciavam. Era algo que aprendera com experiências passadas, trabalhando em instituições de saúde mental e em outros dispositivos da universidade. Era algo que aprendera também com Manoel de Barros, quando este lhe contou ao pé do ouvido, em uma noite chuvosa lendo um livro de coletânea de suas entrevistas, que a prática do desnecessário e da cambalhota são fundamentais para o desenvolvimento do senso lúdico¹⁷. Aos poucos a sala ia se enchendo com pessoas, pesquisadores-escritores de diferentes nacionalidades e percursos acadêmicos, e após a espera de alguns minutos, deu-se início a uma oficina de escrita que a pesquisadora nomeou cuidadosamente de **a palavraafiada** – hiper consciente da importância de todo e qualquer ato de nomeação, resultado das muitas leituras que tivera antes de ir para o campo de pesquisa – e, de*

¹⁶ O uso da terceira pessoa é usado aqui enquanto estratégia narrativa ficcional para se aproximar da experiência vivida em campo. Para aprofundar a discussão: COSTA, Luis Artur. O corpo nas nuvens: o uso da ficção na psicologia social. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014.

¹⁷ “Só os poetas podem salvar o idioma da esclerose. Além disso, a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o sendo do lúdico. Se a poesia desaparecesse do mundo, todos os homens se transformariam em máquinas, monstros, robôs.” (Barros, 2012, p. 45).

repente, aquele conjunto de pessoas que se reuniam voluntariamente para praticar a escrita começava a ganhar espessura ao passo que as histórias eram compartilhadas e algumas palavras eram grafadas no papel. A pesquisadora acompanhava aquelas histórias como quem se equilibra em uma fenda, as pernas esticadas em um habilidoso alongamento, cada pé tocando uma das margens que inaugurava o espaço da oficina: em uma delas estava seu eu que rabiscava o caderninho vermelho na tentativa de registrar aquilo que seria de valor para a pesquisa; em outra, experimentava o fascínio e a curiosidade pueril de se ver diante de jovens escritores e pesquisadores, às voltas com as dores e delícias do escrever e do pesquisar, condição na qual ela se encontrava e compartilhava intensamente. Seu objetivo principal enquanto coordenadora da oficina era despertar naqueles que estavam presentes a sensação de “eu escrevo!”, tão rotineiramente soterrada pelo fantasma do fracasso que acompanha a escrita da pesquisa na pós-graduação. (Trecho do diário de campo, escrito posteriormente como exercício de rememoração, em 01 de março de 2023).

O bloqueio

As atividades de leitura e escrita são centrais do dia a dia do trabalho científico e em especial nas ciências humanas, tendo em vista que o objeto específico desta área do conhecimento é a própria matéria significativa (Amorim, 2002). Apesar disso, tais atividades acabam sendo negligenciadas na forma de uma desatenção em relação ao seu exercício e suas especificidades. C. é doutoranda em Saúde Coletiva e participou da primeira edição da oficina de escrita criativa na UFSC. Ao ser convocada a falar sobre sua relação com a escrita dentro e fora da universidade, em meio a uma rodada de apresentação do grupo, discorre:

Nas ciências sociais eu fiz sociologia e fiz um outro mestrado em saúde coletiva sobre sofrimento mental na pós-graduação. Ai eu achei interessante que essa coisa da escrita é um dos maiores sofrimentos que tem... Não só porque tem que publicar, mas também porque falta esse espaço. Falta espaço para exercitar isso. É muito cobrado, mas é pouco exercitado. (Trecho da transcrição da oficina, em 01 de julho de 2022).

A experiência de C. evidencia essa negligência que se expressa a partir de uma naturalização de tais atividades, que estão longe de serem triviais. Podemos atribuir a isso uma herança do cogito cartesiano, ou seja, da operação de fundamentar a existência no

pensamento, produzindo simultaneamente a cisão entre corpo e pensamento e a transcendentalização das atividades do pensar. Apesar de essa ser uma discussão feita exaustivamente no campo das ciências humanas, observamos uma carência de ações práticas para contra efetuar essas marcas tão batidas e tão atuais que constituem as estruturas universitárias, assim como o nosso imaginário sobre isso que seja a produção acadêmica (Franco, 2019). Não é à toa que Barthes (1960) nos diz, em seu célebre texto *Escritores e escreventes*, que a escrita acadêmica suscita uma evaporação do corpo. Essa ênfase no esforço intelectual e o afastamento da produção do conhecimento de sua dimensão processual e cotidiana acabam por produzir no imaginário de jovens pesquisadores a ideia de que a escrita do texto é algo dado. Assim, eles se encontram pouco receptivos para os entraves e angústias típicos do início da escrita, o que acaba encurtando as possibilidades de atravessar de modo criativo essa primeira barreira, desencadeando processos agudos de sofrimento psíquico – como também pode ser observado na fala de C.

A experiência enquanto assessora de escrita do CAPA (Centro de Assessoria de Produção Acadêmica) da UFPR, relatada por Rezende (2021) em sua tese de doutorado, é algo interessante a ser pensado nesse sentido. Aquele é, segundo a autora, o primeiro *writing center* do Brasil, um espaço institucional comum em instituições renomadas de ensino e pesquisa mundo afora. Apesar de se apresentar enquanto dispositivo de ajuda a docentes e discentes de graduação e pós-graduação com habilidades relativas à redação científica, ou seja, para “ensinar” e acompanhar o corpo discente a escrever conforme os pressupostos expostos criticamente no início do artigo, é também possibilidade e garantia de um espaço para se debruçar sobre a escrita em sua processualidade, enquanto atividade de trabalho. Um espaço para jovens pesquisadores e pesquisadoras partilharem as dificuldades, os hábitos, as estratégias e os prazeres da escrita, acompanhados de profissionais.

Ao final da primeira edição da oficina, propus uma rodada de avaliação coletiva, onde todos os presentes poderiam partilhar suas impressões em relação aos encontros. Três dos participantes compartilharam um sentimento de frustração no primeiro dia, pois tinham uma expectativa de que seria uma oficina técnica de escrita acadêmica, com dicas, informações e exercícios práticos relativos à redação científica. Mesmo entendendo que essa não era a proposta dos encontros, sustentaram a presença e disseram se sentir surpreendidos positivamente com a experiência de se aproximar, pensar e praticar a força da palavra. De todo modo, esse desentendimento que acometeu parte dos componentes

do grupo aponta para uma carência de espaço institucional que instrua e acompanhe os pesquisadores em seus processos de escrita e, quem sabe, futuramente, este tipo de dispositivo também pode servir para semear certas doses de inventividade no trabalho da escrita.

Ademais, ao serem indagados acerca da relação com a escrita dentro e fora da universidade, os participantes compartilharam de forma unânime a experiência de que tinham uma relação significativa e prazerosa com a escrita, e esta foi deixada de lado após o ingresso na universidade. Por conseguinte, por mais que a afinidade com a escrita e com a leitura caracterize de alguma forma o perfil daqueles que ensejam seguir uma carreira acadêmica no âmbito das ciências humanas – entendendo que essas são atividades fundamentais do cotidiano de trabalho – a entrada no universo acadêmico obstrui, de alguma forma, a experiência de prazer e fruição com o texto.

J., doutorando na área de Relações Internacionais, por exemplo, compartilha com o grupo que *“quando eu era criança, brincava com as palavras, eu fazia o que queria com as palavras, mas quando você entra na academia você vê que não tem liberdade para fazer o que você quiser”*. P., professora de artes e doutoranda em antropologia social, desdobra essa sensação: *“eu gosto de escrever, mas a academia tem essa coisa que meio que você se sente tolhida e também engessada dentro da questão dos parâmetros dentro dos quais você tem que escrever”*. Ainda, L., doutorando em educação física, contou que *“a academia foi meio que me tolhendo da minha subjetividade e parece que fui perdendo um pouco de uma espontaneidade da escrita”*. Os relatos dos/as participantes das oficinas evidenciam o fato de que essa frustração diante das exigências formais do escrever inaugura a ligação da escrita ao sofrimento psíquico na pós-graduação, sendo a experiência de escrita atrelada inicialmente à sensação do *bloqueio* e depois a termos como *tolhida, engessada, vergonha, constrangimento, sofrimento*.

Tal sofrimento é agravado com as exigências de produtividade conformada a parâmetros de avaliação das agências de fomento e com a precarização de condições de trabalho, diante das tendências privatistas que reduzem o investimento nas universidades públicas brasileiras. Assim, *“a universidade perde seu lugar de caráter de mediação entre os estudantes e a realidade social, na medida em que os atira ao abandono do imperativo da responsabilidade individual e desempenho”* (Leão; Ianni; Goto, 2019, p. 61).

O bloqueio referido é, portanto, vivido de forma individual e não como algo coletivo e inerente à operação da escrita. Essa dificuldade é então subjetivada como fracasso, gerando a sensação latente de que as produções estão sempre aquém daquilo que

deveriam ser. Costa (2017), pesquisador e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ao problematizar a escrita acadêmica nos designs do neoliberalismo, formula perguntas que ainda se fazem ecoar:

Como instaurar outros planos de imaginação política quando a imagem majoritária que nos chega é a de que fracassamos? [...] Em outras palavras, como nos mantermos resistentes através do que escrevemos, quando nossa escrita já está, ela mesma, mimetizada a um design do qual deveríamos justamente escapar? (Costa, 2017, p. 25).

Se o ato de escrever já não recebia a devida atenção devido à incongruência dos pressupostos da redação científica e das vicissitudes próprias da escrita, com a consolidação do design neoliberal na cultura acadêmica esse cenário encontra um forte agravante. A alta demanda de produtividade – intimamente ligada às ações de fomento e distribuição de bolsas – faz com que, ainda mais, a produção científica se volte para o seu *produto* e seus *resultados*. Isso aponta para a urgência de se instaurar, em meio ao trabalho científico, espaços para se pensar não somente a escrita, mas o próprio texto, isto é, espaços para “gestos políticos que envolvam um tratamento atencioso à linguagem” (Costa, 2017, p. 26).

Texto: corpo da pesquisa

Voltar-se ao texto: eis o que invariavelmente fazemos quando se trata da pesquisa. Mas o que é isso? O texto, segundo Barthes (2012), é entendido como um campo de forças textuais e, portanto, não se resume ao gesto de reunir letras e construir sentido, isso que tocamos ao pegar no papel. O texto é aquilo que possui textura, isto é, relevo – uma construção e transformação do espaço através da ação do tempo; tessitura de vários elementos. Podemos, de saída, pensar em ao menos dois tipos: o texto da leitura¹⁸ e o texto da escritura. É evidente que ambos os tipos de texto se afetam mutuamente e é muito comum, no processo de escrita da pesquisa, experienciarmos essa espécie de *escrileitura*, com a perdão do neologismo, que é quando a leitura nos desperta o súbito desejo de escrever (Costa; Costa, 2017). Quanto à escritura, referimo-nos a uma espécie de escrita poética, “prática que possibilita o autoconhecimento e autocrítica da linguagem, assim

¹⁸ “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu de ler levantando a cabeça?” (Barthes, 2012, p. 26). Nesta passagem, o autor nos fala de um tipo de texto da leitura: “esse texto que escrevemos em nossa cabeça quando levantamos” (Barthes, 2012, p.27).

como sua abertura ao ainda não dito” (Perrone-Moysés, 2012, p. XVI). É importante dizer que essa prática não se trata de um espontaneísmo da escrita, um “fazer o que quiser” com o texto, mas algo que se alcança justamente a partir de um sério *trabalho de linguagem*.

Pensar o texto e aprofundar o seu sentido é abrir possibilidade para um olhar mais atento para esses fenômenos que vivemos, mas pouco compartilhamos. Assim, “a partir do momento que a pesquisa diz respeito ao texto (e o texto vai muito além da obra), a própria pesquisa se torna texto, produção: [...] a ‘pesquisa’ é então o nome prudente que, sob a imposição de certas condições sociais, damos ao trabalho da escritura” (Barthes, 2012, p. 393).

Dito de outro modo, a escritura é uma prática de escrita daqueles que pensam a linguagem em seu estado de fruição. Leia-se: usufruto, prazer e proveito. Logo, “não se trata de colocar de um lado cientistas e pesquisadores e de outro os escritores e ensaístas: a escritura se faz em todo lugar que as palavras têm sabor” (Barthes, 2013, p. 20). É assim que a escrita acadêmica encontra a escritura como importante ferramenta para a construção de uma política do texto, onde “os objetos de escrita funcionam mais como condição de possibilidade que como Razão do escrever” (Costa; Costa, 2017, p. 175). Essa possibilidade seria justamente fruir de um espaço para experimentar a palavra em sua radicalidade e sua força, tateando com a língua o texto como uma oportunidade de efetiva formação e transformação.

A radicalidade da palavra diz respeito à sua fonética, sua semântica e sua sintaxe, ou seja, ao seu regime de sons, seu regime de sentido e sua estrutura gráfica. Glória Kirinus, professora de didática da UFPR e criadora da oficina de escrita “*lavra palavra*”,¹⁹ atenta-nos para o fato de que a própria palavra, em sua etimologia, possui uma *espessura histórica* (Kirinus, 2011). Passear pela palavra é, portanto, passear para muito além dele, acionando essa articulação histórica de produção de sentido. Leyla Perrone-Moisés, no prefácio de uma coletânea de textos de Barthes, apresenta uma ideia consonante com o pensamento de Kirinus, ao dizer que “as línguas carregam uma história, trazem nelas marcas de usos anteriores [...] não basta, pois, usar a linguagem no intuito de comunicar sentidos novos, é preciso trabalhar as suas formas, libertá-la do que ela tem de estereotipado, de velho” (Perrone-Moisés, 2012, p. XVI). Em outros termos, uma política do texto é uma estratégia de combate contra certo apodrecimento da língua.

¹⁹ Mais informações em: <<http://gloriakirinus.com.br/courses/lavra-palavra/>>.

Ao longo das oficinas, pôde-se observar que a experiência de escrita vem normalmente acompanhada de uma pressão, como se para além do difícil exercício de exprimir em palavras uma experiência, fosse necessário também se encaixar em um formato que está alheio aos anseios do pesquisador. Dessa maneira, a sensação de inadequação e desconforto com as normas científicas acompanham grande parte dos discentes de pós-graduação.

Penso que a elaboração de uma política do texto serviria para criar ferramentas para ampliar esse formato, ou ao menos não se constranger com ele, tendo em vista que “os contornos do canonicamente aceitável, quando se trata de um texto acadêmico, são pontos de negociação para a escrita da pesquisa” (Moschen; Do Ó, 2021, p. 746). Trata-se de dar ênfase à palavra “negociação”, que parece recuperar para o sujeito da pesquisa sua agência em relação à forma da produção escrita.

Entre a autoria e a referência

Em 1969, Foucault (2009) realizou uma conferência junto à sociedade francesa de filosofia acerca da figura do autor. Na época, o filósofo se preocupava com uma espécie de “apagamento” dessa figura, e mesmo que esse diagnóstico não possa ser imediatamente transferido para o contemporâneo, é possível extrair da conferência válidas reflexões acerca dessa figura que se fez presente nos tensionamentos observados ao longo do campo de pesquisa.

Resumidamente, o filósofo francês propõe quatro pontos importantes relativos à problemática do autor: o primeiro deles diz respeito à sua emergência histórica, que está ligada ao sistema jurídico e institucional que articula o universo do discurso, ou seja, a possibilidade de poder inferir penalizações ao sujeito que escreveu ou disse determinada formulação. O segundo refere-se ao fato de a figura do autor não ser exercida de forma uniforme ao longo do curso histórico, apresentando distintas conformações. O terceiro – e talvez o ponto de maior interesse para a nossa discussão – é o autor não se definir pela correspondência de um discurso a um indivíduo. Consequentemente, o quarto ponto sinaliza que um único autor pode dar lugar para vários e simultâneos egos – e podemos pensar como exemplo o próprio Foucault: um arqueólogo, um genealógico e outro da

estética da existência. De todo modo, conclui o filósofo, o autor seria aquele que inaugura uma discursividade (Foucault, 2009). Assim,

[...] o que no indivíduo é designado como autor (ou o que faz de um indivíduo um autor) é apenas a projeção, em termos sempre mais ou menos psicologizantes, do tratamento que se dá aos textos, das aproximações que se operam, dos traços que se estabelecem como pertinentes, das continuidades que se admitem ou das exclusões que se praticam. (Foucault, 2009, p. 277).

Percebe-se que o pensador francês constrói, nessa citação, uma relação íntima entre a autoria e o “tratamento que se dá aos textos”, colocando a correspondência imediata que fazemos entre o autor e o indivíduo como uma *projeção*. Logo, nos debruçarmos sobre a questão da autoria na medida em que pensaremos sobre o texto e suas políticas, seus tons de estilo e diferentes formatos e não a partir dos sujeitos que escrevem.

Essa temática também se sobressaiu nas discussões da oficina de escrita a partir de um estranhamento relativo ao uso das referências bibliográficas. Esse estranhamento era vivido com base em uma dificuldade de discernir aquilo que é uma formulação própria e aquilo outro que foi lido em um texto de outra pessoa. O que remete prontamente à discussão foucaultiana acerca da propriedade do texto:

É um sofrimento isso na hora de escrever, porque... É claro que quando a gente vai fazer uma pesquisa lemos sobre muitas coisas. Então, essa fronteira do que é seu e do que é do que você leu e ter que referenciar é difícil [...]. Isso é uma angústia. Porque às vezes quando você cita a referência, você perde aquilo que é teu. (C., transcrição da oficina, 22 de julho de 2022).

Dois aspectos na fala da participante chamam a atenção: o primeiro é o uso da palavra angústia, que denuncia, por um lado, um certo sofrimento vivenciado pela pesquisadora – comentado anteriormente no artigo como sintoma coletivo referente à experiência de pós-graduação – e, por outro, a escrita da pesquisa enquanto experiência intensiva, o que a torna parte integrante do processo de formação na pós-graduação e não apenas produto de um caminho já trilhado. A experiência de escrita, portanto, é algo que toma a pesquisadora e a coloca em um lugar de padecimento que perde de vista sua causa, a angústia – algo que a atravessa intensamente. O segundo aspecto que me salta aos olhos é a *perda daquilo que é teu*, que também possui uma análise ambígua: é simultaneamente uma expropriação do pesquisador de sua capacidade de criar, como se tudo em sua produção escrita fosse referenciado a outrem, mas também uma reflexão acerca da propriedade do pensamento e do fato de que, muitas vezes, a partir do momento que

formulamos uma ideia e a jogamos no mundo, ela não mais nos pertence. Barthes tem uma citação muito interessante a esse respeito, na qual diz que “o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor” (2012, p. 64). Assim, há uma exposição inevitável quando se trata da escrita – uma exposição e um desapego com aquilo que foi arduamente trabalhado – o que coloca o exercício de autoria como algo ainda mais desafiador.

Nota-se, mais uma vez, que a questão limiar se sobressai em meio às processualidades da escrita da pesquisa, esse espaço entre alguma coisa e outra que não conseguimos definir muito bem. Isto transparece nas ambiguidades dos enunciados dos participantes expostos acima, mas também no conflito escancarado entre o desejo e a cobrança que permeia o percurso da pesquisa. Me parece que a exigência da escrita acadêmica com o acabado e o limpo, acaba por suprimir esse espaço que permite uma melhor elaboração acerca de todos os embates, sustentações e afetos que caracterizam o processo de escrita.

Por conseguinte, a voz do autor é o ponto crucial do encontro entre a forma e o conteúdo do texto (Amorim, 2002). Logo, é nesse exercício que temos a oportunidade de negociar com os parâmetros da escrita científica hegemônica para darmos passagem, a partir de torções e criações no texto, a coisas que tateamos, vivemos e pensamos ao longo da pesquisa e para as quais nos faltam palavras – um desafio típico da transmissão de um conhecimento oriundo do território existencial. Porém, há que se ter prudência para não acabar situando essa voz em um lugar originário da escrita, reduzindo-a ao lugar do indivíduo. Sendo assim, essa voz do autor é como uma miscelânea de vozes, e o lugar da autoria diz mais de uma tarefa de tessitura do que de um lugar de partida. Logo, o autor, “não é a origem da escrita, nem está em uma posição de completo domínio em relação a esta [...] ele decanta do percurso do texto, como resultante – e não resultado – dos impasses do pensamento” (Moschen; Do Ó, 2021, p. 741). Desse modo, arrisco dizer que o próprio percurso de pesquisa, enquanto trajetória de formação, concerne a uma autorização de se tornar autor, de apropriar-se do discurso do outro, fazendo ligeiras torções e imprimindo pequenas diferenças singulares.

Desdobrando a discussão disparada por C. acerca de sua angústia em articular o embasamento teórico da pesquisa com o seu próprio pensamento, L. comenta que

[...] talvez essa dificuldade de usar referência – e eu também passo por essa dificuldade – está mais ligada a uma ignorância nossa de entender a real função da referência do que ser uma dificuldade. Porque aquilo que você se apropriou, que é teu conhecimento, se você firma nas suas palavras, ninguém

vai questionar: “*ah, mas você não colocou tal referência*”. (Transcrição do diário de campo, 22 de julho de 2022).

Ainda, o mesmo participante irá colocar a referência como uma espécie de proteção do pesquisador: “*ali onde você vacila, é onde devia ter colocado uma referência para se esconder atrás de alguém*” (Transcrição de diário de campo, 22 de julho de 2022). É interessante o uso da palavra vacilo, que remete à um tropeço, um obstáculo, uma falha, uma dificuldade. Assim, ao contrário da citação referenciada ser algo que interrompe o fluxo de escrita, como na experiência descrita por C., pode também servir como ponto de apoio quando encontramos entraves, quando entramos em dúvida, enfim quando não sabemos direito o que fazer. Talvez não se trate exatamente de “se esconder atrás de alguém”, mas sim a assunção do texto em sua dimensão coletiva, na medida em que se apresenta como composição de forças onde a alteridade está sempre em jogo: nos interlocutores teóricos, nos interlocutores do campo e na interlocução consigo mesmo que a escrita inaugura.

De todo modo, podemos pensar que, diante dos parâmetros rígidos de escrita e do cenário neoliberal de altas exigências de produtividade, é possível e frequente uma espécie de alienação do trabalho da pesquisa, em que o pesquisador se encontra alheio ao sentido de certas exigências formais, tais como o uso das referências bibliográficas, que necessariamente acompanham a produção do texto científico. Tal constatação abre espaço para pensarmos um processo de burocratização da escrita acadêmica, no qual ela se baseia somente na reprodução automática de certos protocolos. Em uma escrita protocolar, não há a criação de familiaridade com o ato de escrever, desencadeando uma substituição da originalidade pelo exercício de seguir esquemas de escrita previamente instituídos e institucionalmente consagrados. Entende-se, portanto, que o constrangimento e a obstrução da escrita causada pelo uso e pelas regras de referências bibliográficas se deve muito mais por uma burocratização desse modelo, que se reflete por meio de uma aceitação acrítica, porém ressentida, das normas, do que por uma falta de pertinência de tais rituais acadêmicas.

Não é raro ouvirmos de mestrando e doutorandos comentarem e se queixarem dos caminhos vertiginosos da produção de pesquisa em que não há tempo a perder com experiências outras que possam desestabilizar o que já se convencionou como mais adequado e relevante para figurar nos relatórios e produzir impactos nos artigos. (Linhares, 2016, p.10).

Logo, esse modelo rígido de escrita contamina as formas coletivas de escrever, criando uma resistência nos próprios pesquisadores em se aventurar em uma relação criativa com a linguagem. Entretanto, do mesmo modo que há um contentamento por parte dos estudantes, há também algo da própria natureza da escrita que insiste, implicando-os intimamente nesse processo: *“não é nem que eu goste de escrever, eu meio que preciso. Não sei, é uma coisa que me ajuda a manter a cabeça no lugar. É bem difícil escrever e ao mesmo tempo é mais difícil não escrever”* (S., transcrição do diário de campo, 01 de julho de 2022).

É preciso, então, resgatar o sentido das normativas de escrita, não em forma de imposição, mas enquanto um aspecto de responsabilização da produção do conhecimento, injetando doses de implicação e invenção no texto. Enfim, trata-se de resgatar uma capacidade de agência do pesquisador com as solicitações institucionais sem que isso esmague e mortifique os desejos e inquietações da pesquisa.

Barthes (2007) propõe uma distinção entre duas figuras que escrevem: o escritor e o escrevente. O escritor é aquele para o qual escrever é verbo intransitivo. Ou seja, não há a necessidade de complementação alguma. Para o escritor, a escrita é um modo de existir, e a palavra, uma matéria infinitamente trabalhada. Assim, ele se encontra aberto e compromissado com os movimentos de deriva para o qual leva a escrita. Por outro lado, o escrevente é aquele para o qual a linguagem é um instrumento, meio para a obtenção de algo, e o escrever, portanto, exige uma transitividade. O interessante é que Barthes irá formular um tipo bastardo, o escritor-escrevente, que é justamente a posição onde se encontram aqueles que pesquisam. Sendo assim, “a escrita acadêmica ou científica pode ser, ao mesmo tempo, domínio (determinação do objeto, injunção da procura) e desejo e derrapagem (ir para onde o movimento levar)” (Henriques, 2021, p. 253). Essa dupla função e simultaneidade entre o domínio e o desejo – ou entre o saber e o sabor, para colocar em termos barthesianos – é o que cria condições de possibilidade para a escrita acadêmica ser um espaço de construção de uma autoria, isto é, de formação singular do pesquisador.

Considerações Finais

Se “a palavra é uma arena e o sentido não é um lugar confortável” (Amorim, 2002, p. 8), esse item final não é um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida. A conclusão, então, ganha cara de abertura, pensando o texto em sua circularidade. Doravante, abrem-se caminhos para a maturação de algumas questões relativas à escrita acadêmica e suas vicissitudes, em especial a aposta desta enquanto *limiar*.

É no “entre” que ela se faz: entre a forma e a formação, a referência e a autoria, o bloqueio e a necessidade, o leitor e o escritor, entre a solicitação e o desejo de pensar e escrever. Apostar na escrita acadêmica enquanto um lugar limiar significa localizá-la entre a liberdade e a responsabilidade do pensamento, afirmando a importância de se instaurar no seio dessa prática uma boa dose de inventividade, sem que isso caia em um lugar vazio, uma língua apodrecida, feita de jargões, citações e frases de efeito. Trata-se, ao fim e ao cabo, de pensar a inventividade enquanto um tipo rigor – já que se preocupa em abordar o objeto de estiva em sua singularidade.

Por fim, é de bom tom salientar que as questões aqui apresentadas já foram amplamente discutidas no âmbito das ciências humanas e não pretendo inaugurar uma novidade. O que o artigo propõe – enquanto fragmento de uma pesquisa que busca pensar os mútuos atravessamentos entre a escrita, a experiência e a subjetividade – é trazer novas tessituras acerca dessas reflexões lateralizadas com a proposta efetiva de oficinas estéticas de escrita com estudantes de pós-graduação no campo da subjetividade.

De que maneira a aproximação com a materialidade da palavra – saboreando o saber e fazendo da escrita da pesquisa um exercício de escritura – pode nos ajudar a modular a tensa negociação que caracteriza a escrita acadêmica em um processo mais prazeroso e criativo? A pergunta segue, agora com o esboço de algumas pistas que nos ajudarão a atravessar os impasses da produção do texto científico.

Referências

AMORIM, Marília. Vozes e Silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 7-19, julho, 2002.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

_____. **Escritores e escreventes. Crítica e verdade**. Ed. Perspectiva. São Paulo: 2007.

_____. **O rumor da língua**. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo: 2012.

COSTA, Luciano Bedin. Aos que ainda escrevem: a escrita acadêmica nos designs do neoliberalismo. **Linha mestra**, n. 33, p. 21-28, set. dez. 2017.

_____. Short Scenes: a escrita acadêmica como combate. **Rev. Polis Psique**, [v.]. 2019, 9, 2, pp. 171-186.

COSTA, Luis Artur. O corpo nas nuvens: o uso da ficção na psicologia social. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014.

FRANCO, Gustavo Naves. Complexidade e cotidiano acadêmico: práticas de escrita, leitura e presença. In: **Metodologia e relações internacionais: debates contemporâneos**: vol. II / Isabel Rocha de Siqueira ... [et al.] (organizadores). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2019, pp. 15-35.

FOUCAULT, Michel. A verdade e o poder. In: **Microfísica do poder**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2014.

_____. O que é um autor. In: **Ditos e escritos III: estética: literatura e pintura, música e cinema**. Forense Universitária: 2009.

HENRIQUES, Antônio. A grande travessia: textos acadêmicos para gente do risco e do movimento ousado. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 523-539, maio/ago. 2021.

KIRINUS, Gloria. **Synthomas de poesia na infância**. São Paulo: Paulinas, 2011.

KOHAN, WALTER. Sobre a escrita acadêmica, a política e a amizade... In: **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2016.

LINHARES, Célia. Escrever e viver: estranhamentos e estranhamentos recíprocos. In: **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2016.

MOSCHEN, Simone. DO Ó, Jorge Ramos. A escrita da pesquisa: uma conversa a partir de Freud, Lacan e Foucault. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 740-767, maio/ago. 2021.

PEREIRA, Marcos Villela. A escrita acadêmica - do excessivo ao razoável. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18 n. 52 jan.-mar, Rio Grande do Sul, 2013.

REZENDE, Camila Ribeiro Almeida. **Como escrever academicamente? Uma sociologia artística das emoções**. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

6. ARTIGO 3: A PALAVRA AFIADA: COORDENANDO OFICINAS ESTÉTICAS DE ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Resumo

É objetivo deste artigo apresentar e analisar a experiência de criação e coordenação de oficinas estéticas de escrita destinadas a estudantes de pós-graduação *stricto sensu* do campo de estudos da subjetividade. A palavra afiada, modo como foram intituladas as oficinas de escrita, buscou, por meios de exercícios lúdicos com a palavra, acessar a natureza poética da linguagem, tendo em vista ampliações no regime sensível de seus participantes. O presente artigo se ocupa de analisar os registros em diário de campo e as produções dos/as participantes das duas edições da oficina – uma virtual e outra presencial –, bem como as inquietações da própria pesquisadora em seu processo de escrita. A partir das considerações de Jorge Larrosa sobre a relação entre experiência e o campo pedagógico, do pensamento de Roland Barthes sobre a prática escritural e das questões postas por Glória Kirinus sobre a relação entre a infância e a linguagem, é apresentado e analisado o percurso de experimentação proposto a partir de fragmentos que visam contribuir com os embates característicos ao exercício da escrita inventiva no meio acadêmico. O encontro da pesquisadora com os embates característicos da prática escritural, também apresentados e analisados, possibilitam afirmar a própria escrita da dissertação como campo de pesquisa.

Palavras-chave: oficina estética, escrita, experiência, escrita acadêmica.

Abertura

Meu negócio é com a palavra. Meu negócio é descascar as palavras, se possível, até a mais lírica semente delas. Nem uma, porém, se me entregou de nudez ainda.

(Manoel de Barros)

A poesia de Manoel de Barros sempre me provocou o espanto alegre de testemunhar, na leitura de seus versos, a transmissão do simples em toda a sua acuidade poética. Podemos pensar que, de fato, é tarefa da poesia despir a palavra, ainda que essa nudez nos seja inacessível. Nesse sentido, a roupa das palavras – sua marca civilizatória, aquilo que irá cobrir suas vergonhas ou ainda, sua marca de estilo, expressão de uma cultura, emblema de determinadas contingências históricas – pode ser compreendida como o sentido incrustado, os usos e significados enrijecidos. Poder despir as palavras, portanto, consiste em liberá-las para uma certa flutuação significativa, ampliando a sua capacidade de ação no mundo. As palavras guardam, então, essa espécie de mistério, um ponto cego que nem mesmo a mais sofisticada técnica ou a mais aguçada intuição é capaz de acessar. Não sei se por excesso de pudor ou por inexistência, as palavras – ao menos essas que se apresentam nos versos do poeta pantaneiro – resistem à entrega total, mantendo sempre algo encoberto, algo que nos incentiva a mirar mais uma vez as letras, os sons e tudo que as acompanha.

Às voltas com a força, a roupa e a nudez das palavras, ingressei no programa de pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina com a marca e a curiosidade de averiguar a palavra e seus usos na interface da escrita científica e da literatura. Me inquietava, particularmente, a operação promovida pelo gesto de escrever que acaba por provocar significativas transformações no sujeito que escreve. É a partir, portanto, dos mútuos atravessamentos entre a escrita e a subjetividade que este texto se fundamenta.

A pesquisa desenvolvida teve como foco a experiência de escrita na pós-graduação para estudantes do campo de estudos da subjetividade. Trabalhei com o dispositivo de oficinas de escrita, pensando-as como um acesso às experiências de escrita na pós-graduação, mas também enquanto possibilidade de produzir pequenas diferenças nesse cenário. A proposta das oficinas foi baseada em exercícios lúdicos de escrita e no conceito de oficinas estéticas (Zanella, 2021). O termo estética, para além de se referir à disciplina ou à utilização de linguagens artísticas, diz de um certo regime do sensível (Rancière, 2005) que as oficinas de escrita objetivam tensionar. Logo, não se tratava de uma oficina de escrita acadêmica, apesar do meu objeto de estudo ser especificamente este, mas sim de provocar os participantes das oficinas a experimentarem exercícios despropositados com a palavra. Queria compreender se, e de que maneira, essas proposições, que visavam uma aproximação com certa natureza poética da linguagem (Kirinus, 2011), poderiam intervir, ainda que de forma indireta, nas escritas das teses e

dissertações das quais os participantes se ocupavam. Havia ali uma hipótese de que o contato com recursos poéticos e literários poderia, de alguma maneira, azeitar as engrenagens da experiência da escrita acadêmica, muitas vezes caracterizada pela sensação de bloqueio e sofrimento (Silva, 2015; Rezende, 2021).

A partir dessa vontade, participei previamente, durante o período de desenvolvimento do projeto de pesquisa, de algumas oficinas para experimentar o desafio e a potência desse dispositivo. Destaco, entre elas, a oficina “Brincar com a palavra”, vinculada à ONG Casa da Árvore no Rio de Janeiro e ministrada pelas psicólogas Melissa Botrell e Luísa Benevides; a oficina “Escrever antes de esquivar”, ministrada por Patrícia Galleli; e a participação no laboratório do Clube de Escrita do IFSC, também ministrado por Patrícia Galleli. A participação nesses espaços me trouxe uma sensação que pode ser resumida na seguinte sentença: eu escrevo.

Essa pequena oração, um sujeito e um verbo, alguém e uma ação, provocou-me a pensar – mais uma vez, porque isso já era algo que me inquietava desde a elaboração do problema de pesquisa – na íntima relação entre a escrita e os processos de subjetivação. E, olhando de modo mais focal para o meu objeto de pesquisa, a escrita acadêmica no campo de estudos da subjetividade, na íntima relação entre a escrita e a formação da pesquisadora. Ainda, a insistência da palavra intimidade foi se tensionando com os atravessamentos constantes da escrita com o mistério, o desconhecido, o inominável, o inexprimível, o fora. Um atravessar que por vezes parece que só a literatura sabe fazer.

Nesse sentido, a escrita da pesquisa foi se desenhando, com traços cada vez mais firmes, como o campo de batalha e palco por excelência dos impasses do percurso de produção do conhecimento científico em ciências humanas, onde as múltiplas experiências – em campo, na leitura de textos, na aula – se debatem e, com sorte, se integram, nesse desafio do/a pesquisador/a de fazer texto e de se fazer em texto.

Logo, a proposta desta escrita, a qual se configura como seu objetivo, é apresentar e analisar a experiência de criação e coordenação de oficinas estéticas de escrita destinadas a estudantes de pós-graduação *stricto sensu*, assim como uma tentativa de dar passagem para questões latentes do processo de escrever sobre a escrita em vista da demanda institucional de produzir uma dissertação de mestrado. Trata-se, portanto, de um ensaio sobre essa espécie de metaescrita, e o que disso reverbera no corpo da pesquisadora.

Redigi ao longo do percurso da pesquisa uma espécie de diário de campo da minha própria experiência de escrita, onde destacava o meu encontro como pesquisadora com

os embates característicos da prática escritural, forjando um tipo de mapeamento dos vícios, estilos, prazeres e incômodos desse processo. Pretendo, neste texto, resgatar do diário alguns desses aspectos, apresentá-los e analisá-los, ensaiando e afirmando assim a própria escrita do texto como campo de pesquisa – não apenas como uma representação de uma vivência, mas palco propriamente dito para a apresentação e emergência onde o vivido pode se articular em uma experiência (Larrosa, 2020). Trata-se, portanto, de pôr à prova o texto como processo de formação, à mútua constituição das frases e de si mesmo.

A palavra afiada: a proposta

A sexta e última precaução consiste em tratar de fazer da palavra experiência uma **palavra afiada**, precisa, uma palavra inclusive difícil de utilizar, e isso para evitar que tudo se converta em experiência, que qualquer coisa seja experiência, para evitar que a palavra experiência fique completamente neutralizada e desativada. (Larrosa, 2020, p. 45).

Em seu texto *A experiência e suas linguagens*, Jorge Larrosa (2020) discorre acerca da urgência e do desafio de atuar com a palavra como experiência no campo pedagógico, explorando as possibilidades de ampliação das discussões relativas à educação, para além da tradição calcada no binômio de oposição entre positivismo e crítica. Essa oposição se dá, respectivamente, entre aqueles que acreditam que a educação é uma questão técnica e aqueles que acreditam ser uma questão de prática reflexiva. O filósofo, além de dizer da importância de legitimar a experiência como modo de ir além das problemáticas suscitadas por esse binômio, diz da necessidade de fazer esta palavra soar de modo particular, com precisão. Com isso, ele enumera seis precauções: i) diferenciar a experiência do experimento, ii) tirar da experiência qualquer pretensão de autoridade, iii) diferenciar a experiência da prática e aproximá-la do sujeito passional, aberto; iv) evitar fazer da experiência um conceito, pensando-a não como determinação, mas abertura do real, algo que escapa à conceitualização; v) evitar fazer da experiência um fetiche ou, ainda pior, um imperativo e, por fim, vi) fazer da experiência uma palavra afiada.

No estudo do texto de Larrosa, fico fisgada pela junção dos termos palavra afiada, tanto pelo sentido como pelos sons que ele evoca. Já familiarizada pelo método de me demorar nas palavras para escutar as histórias que elas nos contam, a espessura histórica e o saber recôndito que elas guardam (Kirinus, 2011), vou abrindo os sentidos de afiar, aproximando-me cada vez mais do seu radical, o fio, que me liga a outras palavras

imprescindíveis ao processo de escrita, como a confiança. Começo, então, a trabalhar essa ideia que se transformou no nome da oficina: a palavra afiada.

Foram realizadas duas edições da oficina, uma presencial na sala de grupos do SAPSi – Serviço de Atenção Psicológica, localizado no Centro de Ciências Humanas e Filosofia da UFSC – e outra na modalidade online. A divulgação foi feita pela rede de e-mails institucionais da UFSC e via redes sociais e a inscrição foi realizada pelo preenchimento de um formulário virtual.

Na primeira edição, obtivemos 13 respostas de estudantes de pós-graduação dos programas de relações internacionais, enfermagem, saúde coletiva, literatura, letras-francês, antropologia social e história. O interesse em participar da oficina vinha desde a sensação da “*escrita como porto seguro*” e a busca constante por se aproximar de espaços que se debruçam sobre essa, a busca por elegância e limpeza na escrita, os bloqueios vividos na forma de escrever, a aproximação com outras perspectivas teóricas e a necessidade de poder avançar com mais segurança na pesquisa, além do fato de poder ajudar na escrita de textos científicos que se debruçam sobre temas que exigem a “*união do conhecimento à sensibilidade necessária*”.²⁰

De maneira geral, dois aspectos chamam a atenção em relação ao que convoca as pessoas a se abrir para uma experimentação com a escrita: de um lado, a experiência de um bloqueio e insegurança com tal atividade e, por outro, uma afinidade com o gesto do escrever, ambos atravessados pelo reconhecimento da importância da escrita no processo de produção e transmissão do conhecimento. A “sensibilidade necessária”, tal qual nos aponta uma participante acerca do seu interesse pela atividade escrita, me remete à responsabilidade ética de tratar determinados objetos de pesquisa em sua complexidade.

Já a segunda edição, realizada de forma remota, contou com 18 inscrições de estudantes vinculados/as a programas de pós-graduação das áreas de psicologia, antropologia social e educação; de diferentes IES (Instituições de Ensino Superior), como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Federal do Amapá. Houve um número maior de inscrições vinculadas à UFSC por conta de ter sido utilizada ainda a divulgação pela rede de e-mails institucionais. Os interesses manifestaram, como motivos para a participação nas oficinas, a vontade de um “*lugar da escrita que faça*

²⁰ As partes em itálico são transcrições diretas retiradas dos formulários de inscrição.

sentir/sentido”, o exercício de uma “*escrita menos rígida*”, a alternância entre momentos de travas e fluidez no processo da escrita do texto.

Algumas características relativas à composição dos grupos das duas oficinas são dignas de comentário. Na primeira edição, dentre as 8 pessoas que compareceram ao primeiro encontro, 3 não possuíam o português como língua materna. Nesse sentido, fui provocada a pensar na particularidade de escrever ciência em uma língua estrangeira, o que agrava, segundo relato de participantes, as inseguranças e o bloqueio que caracterizam de maneira geral a fala dos participantes da oficina sobre o processo de escrita no ambiente acadêmico. Ainda, me coloquei a pensar na possível carência da instituição acadêmica em encaminhar a demanda específica de acolher e exercitar a escrita entre estudantes migrantes de outros países. Por outro lado, tais pessoas compartilharam a experiência de ser mais difícil escrever em uma língua estrangeira quando se está escrevendo um texto poético ou literário; o que me leva a pensar que a literatura exige um outro tipo de rigor na relação com a linguagem, dificultando o seu exercício para aqueles que não possuem o completo domínio da língua. A escrita acadêmica, em contrapartida, pela sua pretensão globalizante ou pelo seu viés técnico, torna-se uma forma de escrita mais fácil de ser aprendida e exercitada por essas pessoas, pelo uso de certas formulações disseminadas no meio acadêmico e de se definir como discurso que não abre margem para equívocos (Vilella, 2016).

Ambas as edições contaram com 8 pessoas no primeiro encontro e 5 que tiveram uma participação consistente na oficina, com a presença em ao menos 75% dos encontros. Na primeira edição da oficina, as produções escritas foram posteriormente transcritas em conjunto com as transcrições dos encontros; na edição online, foi elaborado um documento coletivo anônimo onde os participantes inscreviam coletiva e simultaneamente seus registros. Trarei algumas dessas produções aqui, assim como anotações em diários de campo para ilustrar e compreender, em seus efeitos, o percurso de experimentação proposto.

Afiando palavras: os encontros e a escrita

Segundo o dicionário, afiar é verbo de vários sentidos: dar fio a, tornar cortante, picante ou mordaz, melhorar ou aperfeiçoar algo, apurar-se, preparar para o ataque ou bote. Deixar a palavra curtir na boca para apurar sabores. Como afiar palavras? Como fiar com as palavras? Como confiar palavras? É palavra afiada ou palavra fiada? Essas

são algumas perguntas que nos acompanharão ao longo desse percurso de experimentação.

A palavra é uma faca e o corte produz, simultaneamente, um movimento de separação e de abertura. Na pele, por exemplo, a separação daquilo que antes era uma coisa só faz emergir sangue e carne viva. A partir da imagem da palavra enquanto faca e sua resultante ação enquanto corte que penso a oficina enquanto um espaço de afiar as palavras. Ou seja, de amolar – isto que afia ou em sentido figurativo significa importunar ou aborrecer; isto que se faz a partir de um movimento de repetição e atrito, isso que produz calor pelo contato, que roça e dá o fio. Afilar a palavra é, portanto, um projeto de ativação da força da palavra – sua capacidade de agenciar novos sentidos de mundo.

Esse foi o texto de apresentação da proposta aos/às participantes e que orientou a organização da oficina em quatro temas que foram trabalhados respectivamente ao longo dos encontros. A ideia era percorrer diferentes aspectos da palavra que poderiam auxiliar os presentes a ampliar a ideia e a experiência com a linguagem, percurso que se deu mediante a exposição e discussão de textos literários e filosóficos e a proposição de exercícios de escrita.

i) Como afiar a palavra?

O encontro inaugural tinha a tarefa de traçar um mapeamento da relação dos presentes com a escrita dentro e fora da universidade, a partir de uma pergunta disparadora sobre o tema: *como é a sua relação com a escrita dentro e fora da universidade?*

Foi destacada pelos participantes a entrada no ambiente universitário como divisor de águas da relação com a literatura, provocando um abandono da leitura de textos que não estão ligados à formação acadêmica. Mesmo entre aqueles que escrevem “*para não ficar maluco*” (anotação em diário de campo, 29 de setembro de 2023) ou que a escrita “*é uma coisa que me ajuda a manter a cabeça no lugar*” (transcrição de diário de campo, 01 de julho de 2023), ficou evidente o modo como a vida acadêmica provoca um sufocamento de outras possibilidades de ler e escrever por prazer.²¹

²¹ Esse tema é trabalho de maneira mais substancial no segundo artigo da dissertação: *No limiar da escrita acadêmica: tensão, pressão e invenção.*

Também cabe discutir as diferenças apontadas entre a escrita acadêmica e a escrita de maneira geral, tendo em vista o fato da primeira “*ser feita para se fazer entender*” (anotação de diário de campo, 29 de setembro de 2023). Ainda que toda forma de escrita busque inevitavelmente alcançar um outro, um leitor, há uma inteligibilidade específica da escrita científica que diz respeito à clareza e equivocidade do texto que constrange certas experimentações. Foram também levantadas questões interessantes relativas à relação da escrita acadêmica com a inevitável dimensão subjetiva da pesquisa e do texto, formulada com a seguinte questão: “*como me colocar no texto sem ser confessional?*” (anotação de diário de campo, 29 de setembro de 2023). De forma mais incisiva no campo de estudos da subjetividade, os problemas de pesquisa costumam vir entranhados com questões latentes relacionadas à vida e ao trabalho.

Após essa primeira rodada de conversa, ocorreu a leitura do conto *As bibliotecas*, de Valter Hugo Mãe (2019), no qual o escritor português discorre sobre a natureza infinita dos livros, “parentes directos dos aviões, dos tapetes-voadores ou dos pássaros”, e as bibliotecas “da família dos aeroportos, porque são lugares de partir e de chegar” (p. 83). Este livro de contos se debruça sobre o universo infantil e foi escolhido como o primeiro material para a mediação literária, tendo em vista a circunscrição da proposta da oficina: uma espécie de retorno à experiência com a linguagem enquanto algo novo e fragmentário, tal como uma criança lendo o mundo pela primeira vez. Desse modo, havia uma proposta de poder fazer desta, além de uma artimanha comunicativa e instrumento de trabalho, também um lugar de espanto, descoberta e invenção.

No segundo momento do encontro, foi feita a proposição de um exercício que consistia em escolher uma palavra pela qual os participantes sentiam uma especial afeição e afiá-la, brincando com possíveis definições e desdobramentos sonoros. Aí faz valer a imagem da faca amolada a partir de uma repetição de movimento que vai produzindo pequenas diferenças, uma repetição em formato de atrito, ou seja, contato tensão que potencializa a sua função. Seguem abaixo duas produções, uma de cada edição da oficina, as quais visibilizam as afiações produzidas:

Ressonância: reverberação. coisa que passa vibrando e fazendo soar. não é apenas sonância mas RESsonância, porque tem algo de duplo. só dá pra saber o que tem de duplo ao sentir no corpo. muitas coisas ressoam. sons de todo tipo ressoam. estou na cidade e as buzinas ressoam, toques do interfone, carros, prensa, poeira, anúncio. estou na aldeia e o rio ressoa, as risadas das crianças, o crepitar do fogo, a mata, o vento, os cantos. cada

coisa ressoa e cada qual passa pelo nosso corpo ressoando. se o som é de algo forte como uma palavra antiga e verdadeira que vem do coração ele realmente atravessa o corpo, fazendo-o vibrar. cada palavra faz o corpo vibrar de um jeito. (Produção escrita de participante da segunda edição da oficina, 29 de setembro de 2023).

Casa

Com a asa

asa

Comer a casca

Descascar

casca

Descascar em casa

E comer a asa

Descascar e comer

fazer da casa, asa.

Comer a asa

E ficar em casa

Descascar

Comer

Fazer

e

Ficar

em casa

(Produção escrita de participante da oficina 1, 01 de julho de 2023)

ii) A infância da língua

Era objetivo desse encontro tratar especificamente da relação entre a infância e a poesia, mediante exercícios de rememoração da iniciação literária de cada uma, a partilha dos livros que marcaram a infância e a realização de brincadeiras com as palavras.

Em meio aos encontros, trocamos sobre o convívio e a experiência com as crianças, na tentativa de captar algo do brilho do olhar infantil para com as coisas que as coloca para além de uma relação de utilidade. Uma das participantes disse que hoje em dia não convive com crianças, mas com pessoas psicóticas, e observa uma certa semelhança no que diz respeito a “*um acesso às palavras*”, ou seja, à “*possibilidade de fazer conexões com as palavras que não estamos acostumados*” (transcrição da gravação, dia 07 de julho de 2023).

Nesse sentido, a ideia de nos aproximarmos das lembranças relativas à experiência da nossa criança com o livro era para facilitar esse acesso à palavra em sua potência germinal. Manoel de Barros (2012, p. 45), em entrevista, nos diz que “a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o sendo do lúdico”. Esse sendo do lúdico, tal como nos diz o poeta, é o próprio ser da criança, e a proposta era, mediante esse exercício compartilhado de rememoração, ativar essa condição ontológica soterrada pelas exigências da vida adulta.

Foi proposto o exercício chamado “o colecionador de palavras”, que consistia em redigir uma lista de palavras curiosas para depois observarmos coletivamente de que modo uma palavra ia se juntando a outra. Segue abaixo a produção de um participante:

bagunça
cambalhota
pantufa
pipoca
batuque
barbante
minhoca

(Produção escrita de participante da oficina 2, 13 de outubro de 2023).

Na lista elaborada pelo participante, é interessante observar como, de maneira geral, todas as palavras pertencem a um mesmo universo semântico: o de brincadeiras infantis. E, depois, o modo como cada palavra vai se juntando a outra por diferentes vias, primeiro pelo sentido, depois pelo som da primeira letra e, enfim, com uma rima na última

sílaba. Cria-se, assim, um ritmo de três compassos, formado por uma sequência de palavras proparoxítonas de três sílabas, que lembram a cadência das brincadeiras de roda.

Nesse ínterim, poder brincar com a palavra é promover, de alguma maneira, uma descontextualização semântica, a fim de trabalhar os significantes, ou seja, a imagem acústica da palavra – que, segundo Saussure (2006), não é apenas o som da palavra falada, mas a impressão psíquica desse som, o que ele evoca, que linhas ele traça, que mundos ele cria. Assim, podemos pensar que “próprio da criança não é ser apenas uma etapa, uma fase numerável ou quantificável da vida humana, mas um reinado marcado por outra relação – intensiva – com o movimento” (Kohan, 2005, p. 2). Essa relação intensiva com o movimento inaugura uma outra temporalidade, a do tempo do agora, que se exprime não por sucessão ou consecutividade, mas pela intensidade da duração das coisas. A infância é, então, essa prática interrogativa onde as perguntas produzem o efeito de dilatação do tempo e das coisas.

iii) carne viva

O terceiro encontro propunha adentrar a dimensão visceral da escrita, pensando a relação da suposta natureza humana com a natureza da linguagem de tal maneira que as palavras seriam para nós mais íntimas que “todos os órgãos de dentro” (Novarina, 2009, p. 14). Valère Novarina é poeta, artista plástico e autor teatral francês. Sua escrita nos serve de base para ativar a palavra na sua materialidade, principalmente quando nos diz que “sabemos muito bem que, no fundo, o interior é o lugar não do *meu*, não do *eu*, mas de uma passagem, de uma fresta por onde um sopro estrangeiro nos pega” (Novarina, 2009, p. 14). Diante dessa fenda que caracteriza a experiência da interioridade, o autor se pergunta o que a palavra faz ressoar, considerando que elas estiveram aqui muito antes de nós. É tecendo esse tipo de questão que ele afirma: “nem instrumentos nem utensílios, as palavras são a verdadeira carne humana e uma espécie de corpo do pensamento” (Novarina, 2009, p. 14).

Lido coletivamente, em voz alta, o texto de Novarina desdobrou interessantes discussões em ambos os grupos sobre o sujeito da escrita, que, a despeito da exposição inevitável que caracteriza esse processo, se apresenta enquanto lugar de passagem, promovendo uma espécie de desfalecimento do eu. Foi estabelecida por uma das participantes uma relação com o Hai Kai, uma forma poética japonesa que se caracteriza por ser curta, desenvolvida em três linhas e envolvendo uma linguagem sensorial capaz

de exprimir imagens e sensações. Literalmente, “Hai” significa brincadeira, gracejo, e “Kai” harmonia, realização.²² Segundo a participante:

É como uma luta contra o ego. Então não é possível que você enquanto voz poética fique aí. Pra que seja um Hai Kai, não pode ter uma voz poética. Que é diferente de outros gêneros... “eu sinto, eu isso...”. Ali é tudo sobre fora de nós. Claro que tem a ver com que nós olhamos, como nós sentimos a natureza, mas não fica a identidade presente. Acho que isso é bem interessante. (Transcrição das oficinas, 15 de julho de 2022).

Destaco o trecho em que se diz “ali é tudo sobre fora de nós”, onde se tensiona, de maneira concisa – tal como um Hai Kai –, o imaginário da escrita poética como a expressão de um aspecto íntimo, particular e calcado na experiência subjetiva daquele que escreve. Essa tecnologia capaz de expressar o “fora de nós”, esse fora de nós que nos toca de uma maneira singular, que empurra palavras para fora de nós, me remete, de alguma maneira, à escrita da pesquisa como produção de um texto.

Como última atividade desse terceiro encontro, foi proposto um exercício que consistia em escrever uma cena baseada em uma palavra, sem poder utilizar a palavra na descrição da cena. A ideia era trabalhar seus elementos narrativos: tempo, espaço, possíveis personagens, ritmo. As palavras escolhidas foram “movimento”, “espera” e “desconforto”. Foi interessante observar coletivamente como diferentes recursos podem ser utilizados para construir imagens e sensações correspondentes às palavras escolhidas.

Vimos que o uso consecutivo de vírgulas, enfileirando uma série de elementos do espaço, é aliado do efeito de movimento, tendo sido utilizada por alguns participantes na realização do exercício; ou que a espera, por exemplo, remete a situações que possuem um peso no imaginário coletivo, como ambientes hospitalares, onde a assepsia médica produz a sensação de um tempo que não passa. O desconforto, talvez pelo seu apelo pessoal, foi interessante para observar como as cenas, por mais objetivas que fossem, exprimiam a subjetividade em jogo nas situações que produzem essa sensação, como: a luz dos holofotes no palco, a bicicleta em uma via cheia de carros, a sensação de não ser ouvido. De maneira geral, salta aos olhos as inúmeras possibilidades e a riqueza da linguagem no entrelaçamento do universo subjetivo com a realidade externa e a escrita de cenas como um dispositivo interessante pra essa reflexão.

²² DIANA, Daniela. O que é Haicai?. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-haicai/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

iv) restos

O último encontro da oficina se debruçou sobre a temática dos restos que, pela sua definição, são aquilo que sobra ou permanece. O encontro foi aberto a partir da leitura de uma passagem de Manoel de Barros, onde ele vai dizer que:

[...] as coisas desimportantes, os inutensílios, são muito importantes porque servem para a poesia. [...] Um caneco furado que não carrega água é muito mais importante do que um tanque de água. Isso, claro, pela inutilidade do caneco furado. As coisas desprezadas pela civilização são objetos de poesia. Digo, aliás, que os desobjetos só prestam para a poesia. E isso não é uma brincadeira retórica. É uma brincadeira a sério. (Barros, 2012, p. 110).

Esses restos, segundo o poeta, se referem à própria realidade, às “*injustiças enquistadas no corpo do velho mundo*”, “*as estruturas podres de uma civilização*”, a esses pequenos cacos e materiais de demolição que estão, de alguma maneira, a serviço da poesia. Logo, a proposta feita aos participantes foi a de brincar com o binômio da importância-desimportância, entendendo que muitas vezes o material da escrita se encontra ali onde não despejamos muita atenção. A escrita, assim, se encontra intimamente ligada a um certo regime de atenção, uma postura que provoca como vemos e interrogamos as coisas ao nosso redor.

No escopo da escrita acadêmica, o resto pode também se referir a todos os gestos que acompanham o ato de escrever e que não costumam ganhar lugar entre as palavras que integram o corpo do texto. Esses outros movimentos, um pouco turvos ou demasiadamente contaminados pelo cotidiano e pela pessoalidade, trariam um aspecto excessivamente nebuloso e incerto para a objetividade e a assertividade almejadas pelo discurso científico. É nesse sentido que,

[...] na maioria das vezes a escrita “científica” deixa poucos rastros das inúmeras implicações que a teceu. As dúvidas, os impasses, as noites mal dormidas, as páginas em branco na tela do computador ficam para trás compondo uma memória que se quer esquecida ou uma ferida que se quer cicatrizada ou uma espécie de diário de “erros” superados. (Machado, 2004, 146).

Na sequência, foi realizada a leitura de um poema em forma de carta da poeta portuguesa Matilde Campilho (2015), *A primeira hora em que o filho do sol brincou com chumbinhos*, e foi feita a apresentação da proposição final da oficina: a escrita de uma carta para si mesmo sobre a temática da escrita. Conforme nos mostra Foucault (1983), para os gregos antigos, as cartas se apresentavam como uma das primeiras e principais

formas da escrita de si como prática ascética, ou seja, um treino de si por si para aprender a arte de viver. Esta teria, portanto, uma dimensão *ethopoietica* que significa a transformação da verdade em éthos, postura de vida, uma verdadeira filosofia ética prática. É nesse sentido que “a correspondência para os gregos se configurou como uma prática de cuidado de si através da escrita” (De Marchi, 2016, p. 29). E são ecos dessa escrita *ethopoietica* que de certo modo se fazem ouvir nas cartas escritas pelos participantes das oficinas.

Imersa até o pescoço nessas águas lamacentas da existência, sinto-me às vezes levada por uma curiosa correnteza, e outras vezes deixando-me levar por ela. E, no meio disso, é como se a palavra fosse uma pedra onde agarrar-me caso precise de algo como um porto seguro. E porto seguro, aqui, também pode querer dizer desatino. A escrita tem sido essa pequena brechinha de liberdade secreta, onde me confesso a mim mesma, sem ninguém ver. (Produção escrita de participante 1 da oficina 2, 28 de outubro de 2022).

O uso da literatura epistolar, nas oficinas, foi pensado enquanto estratégia de acolhimento ao sofrimento psíquico enfrentado pelo corpo discente da pós-graduação, referido em pesquisas sobre o tema (Silva, 2015; Rezende, 2021). Via criação de um canal de comunicação dos pesquisadores consigo mesmos, buscou-se aproximá-los de uma potência de negociação entre os desejos e as demandas da escritura científica. Tratava-se, então, de injetar uma dose de reciprocidade (De Marchi, 2016) ali onde a experiência é excessivamente conflituosa. A carta, mais do que suprimir esses afetos negativos, cria um espaço em que se pode dizer sobre eles, facilitando uma atividade reflexiva dos participantes para com a própria atividade escrita. Para além de criar lugar para os conflitos vividos no processo de escrita, a prática da correspondência também abre espaço para a entrada de restos diurnos, percepções passageiras, costumeiramente barrados na construção do texto.

Essa reflexividade promovida pelo exercício provocou interesse nos presentes, dilatando o tempo da escrita, normalmente espremido entre a demanda de produção e o prazo de entrega. O exercício dessa espécie de metaescrita, inclusive, dá lugar para palavras que nem nos damos conta que escrevemos, tão tomados pela dificuldade de escrever: as citações sublinhadas, anotações no canto de página, diários com as emoções turbulentas que acompanham o processo de escrita da pesquisa.

A carta exposta acima continua da seguinte forma:

Mas, para além de tudo isso, a rotina do escrever deve agora tomar uma nova forma, uma forma mais rigorosa, porque fala da vida de outras pessoas, que não eu. Palavras que carregam muito mais responsabilidade, porque falam de

acontecimentos (quiza só um pouquinho) mais reais que essa aquática paisagem interna de que há pouco falava. Não sei, tem dias que escrever ciência parece muito mais fácil. Mas acho que digo isso porque ainda não comecei, de fato, a destrinchar em letrinhas todas essas grandes coisas que aconteceram durante o meu fazer científico. O campo me atravessa, me balança [...] A lama, é verdade, está de certa forma em todos os lugares por onde passo... Resta a dúvida se devo, ou não, limpar os sapatos. para entrar na academia. (Carta 1). (Produção escrita de participante 1 da oficina 2, 28 de outubro de 2022).

Ressalto a parte da carta em que a participante diz da “nova forma” que agora irá tomar sua rotina do escrever, que é preciso “mais rigor”, porque diz da vida de outras pessoas. É interessante pensarmos a imagem da lama como uma espécie de crítica da assepsia característica da escrita acadêmica em contraponto com a experiência do campo: turva, misturada, lamacenta. O balanço e o atravessamento, encarnados na figura da lama, denunciam a implicação da pesquisadora com a sua pesquisa, o modo como, de uma maneira ou outra, ela vê sua vida tomada por aquelas experiências. Fazendo coro e uma pequena torção na dúvida erigida na carta, me pergunto: é preciso limpar os sapatos para entrar na academia ou deixar que a lama contamine a escrita, deixando rastros da “vida lá fora” no texto científico?

Há ali, ainda, um questionamento de qual seria a forma mais desafiadora de escrita, e endosso a persistência da dúvida afirmada de que não há desafio maior ou menor, mas sim uma diferença. Ainda, a necessidade do rigor, tendo em vista a produção de saber sobre outras pessoas, deixa evidente que se trata de uma questão ética na produção do conhecimento, muito mais do que escrever mediante uma forma que não transpasse o calor e a lama dos encontros.

Eu sei, eu sei, todo mundo repete que o único capaz de te salvar de uma queda livre é você mesmo – mas, admita, às vezes as palavras vêm de fora. Palavras novas, que dão contorno a coisas que você nem sabia que existiam, ou palavras antigas, cuja dádiva ficou guardada nas dezenas de rabiscos que você guarda para quando precisar lembrá-las – e você sabe que precisa/rá. (Produção escrita de participante 2 da oficina 2, 28 de outubro de 2022).

Se na carta anterior havia de certo modo uma crítica à escrita acadêmica, aqui destaca-se essa abertura possibilitada por palavras novas e antigas, em uma composição de diferentes saberes. Poderíamos radicalizar a afirmação feita na carta e pensar que, por certa perspectiva, toda palavra vem de fora. Segundo Bakhtin, “tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior, da boca dos outros” (1997, p. 379) O ato da escrita é, assim, um gesto que

possibilita o encontro do sujeito com essas palavras, tão outras e tão nossas, que compõem a língua própria.

De maneira geral, salta aos olhos a presença de uma ternura que atravessa todos os escritos produzidos pelos/as participantes das oficinas nesse exercício. A imagem que se esboça em minha mente enquanto acesso o material produzido nesse último encontro é um gesto similar ao de se pegar no colo, acariciar os próprios cabelos, linhas, palavras escritas, maçãs do rosto, formulações teóricas. O movimento de redigir uma carta para si mesmo possibilitou, assim, uma atividade reflexiva sobre si, na qual foi possível ver-se como outro, driblando o narcisismo latente no processo de escrita (Meira, 2016). E saindo para fora de si, falando consigo fora da tensa trama que caracteriza a escrita científica, observamos o aparecimento de um olhar cuidadoso, gentil e aberto às flutuações da escrita, às possibilidades das palavras.

Afiar a própria palavra, coordenar oficinas estéticas de escrita

É uma noite fria, os pés embrulhados, o chá quente, e os ruídos de um noticiário nacional de providência duvidosa ao fundo denunciam o conforto do marasmo de um domingo de trabalho. A pesquisadora se pergunta como veio parar aqui: os dedos suspensos, experimentando uma intensificação da resistência do ar – do ar? – a dificuldade em continuar a golpear as teclas do computador, preenchendo os últimos espaços, pigmentando os últimos contornos disso que virá a ser sua dissertação de mestrado. Sua? De repente, para cumprir essa última tarefa, sente a exasperada necessidade de revisitar toda uma história, fazendo avaliações ou se abrindo para sensações passageiras de tudo aquilo que carregou junto de si ao longo desses anos. De repente, ela começa a fazer perguntas como um movimento involuntário, um tique nervoso que a faz tropeçar em cada sentença; são tantas que mal consegue escrever. Para. Pensa. Pensa demais. Às vezes também dança, se alonga, passa um café, lava louça, mas ainda pensando, interrogando incessantemente os processos de escrita e de escrita da pesquisa, de escrita da vida, de escrita de si. Sua mente passa a funcionar com a curiosidade de uma criança que nunca se dá por vencida, sempre colocando mais um porquê.

Em um desses intervalos de escrita, a pesquisadora sai de sua caverna e começa a arrumar o quarto de uma criança que também habita aquela casa. Entre papéis picotados, galhos, folhas secas, bolinhas de massinha, acha preso em uma prancheta um papel

escrito: clube das línguas inventadas. Ela sorri pensando na criança recém alfabetizada criando línguas. Se pergunta, silenciosamente, se o aprender a ler e a escrever de uma criança não é precisamente a invenção de uma outra língua; como se o encontro do idioma com o frescor do traço infantil não fosse sempre como o surgimento de novas linguagens. A pesquisadora sorri com a lembrança da tarde que passou tentando destrinchar em argumentos essa aposta sua de reanimar a língua, de se aproximar da linguagem a partir de um lugar originário, ou seja, que não cessa de nascer, de poder experimentar a língua em estado de nascente. Essa aposta era tecida mediante o diagnóstico de uma linguagem apodrecida, em vista que

[...] não podemos senti-la como nossa, porque foi arrasada, aplainada, alisada, mutilada, simplificada, desumanizada, porque foi convertida em uma linguagem de deslinguados, em uma linguagem de ninguém, e sem ninguém, para ninguém. E por isso, sentimos que ficamos sem palavras, e nos sentimos mudo. E para imaginar a possibilidade de falar, temos que inventá-la, ressemantizá-la, dar-lhe um novo rigor, um novo sentido, para que possa continuar dizendo, dizendo-nos. (Larrosa, 2020, p. 87).

Com a cabeça arejada de passos e sorrisos, a pesquisadora volta a encarar a tela parcialmente preenchida de letras, em um movimento de contração de corpos e ideias para começar a narrar sua própria experiência de coordenar as oficinas e de escrever sobre a escrita; de escrever sobre a escrita acompanhando a escrita de outros. Ao se colocar diante da execução da tarefa, experimenta um tipo estranho de resistência, uma preguiça, as letras pesadas no movimento de se juntarem no papel. Há em jogo uma sensação de inconsistência, de artificialidade, de insuficiência para se tratar do objeto em questão. À que isso se refere? Seria a dificuldade de lidar com a própria produção, sempre mais ou menos imperfeita do que as ideias e os projetos, com os limites do próprio trabalho – dificuldade esta intrinsecamente ligada às vicissitudes do próprio ato da escrita?²³ Ou então uma resistência em terminar a pesquisa que é também expressão de um desejo de continuar, uma vivacidade na relação com a temática? Ou então seria um resquício de uma certa tradição do gesto de relatar a si mesmo, intensamente ligada à dimensão de responder a algum tipo de acusação e correr o risco de retaliações (Butler, 2015)?²⁴ Como se narrar a experiência fosse uma espécie de flagra e colocasse essa jovem pesquisadora

²³ Ver primeiro artigo, nesta dissertação: *Abismos navegáveis a barquinhos de papel: a escrita e suas vicissitudes*.

²⁴ “Para Nietzsche, a necessidade de fazer um relato de si só surge depois de uma acusação, ou no mínimo de uma alegação, feita por alguém em posição de aplicar um castigo se for possível estabelecer a causalidade. Conseqüentemente, começamos a refletir sobre nós mesmos pelo medo e pelo terror. Com efeito, são o medo e o terror que nos tornam moralmente responsáveis” (Butler, 2015, p. 16-17).

a falar de todos os tropeços, dúvidas, tudo aquilo que não deu certo, uma obrigação de expor todas as inseguranças e flutuações no compromisso com a pesquisa.

De repente, embriagada em meio à névoa de questões, achando tudo aquilo um pouco tenso e um pouco cômico, contagiada pela graça infantil e suas invencionices, ela lembra de uma bela passagem de Judith Butler (2015), em seu livro *Relatar a si mesmo*, onde a filósofa diz que “o fato de sermos interpelados pelo outro tem outros valores além do medo” (p. 17). A jovem se agarra, então, nessa frase como uma espécie de boia salva-vidas, que a ajudaria a atravessar esse mar de questões sem ser engolida pelas ondas, tendo como bússola esses valores outros que abriam espaço para ela se indagar sobre a sua própria experiência de escrita, sem ser tomada pelo sentimento de medo e inconsistência.

Assim, tendo em vista que “a ação ética não é totalmente determinada, nem radicalmente livre” (Butler, 2015, p. 24), a metaescrita da pesquisa vai se desenhando mediante técnicas de hibridização (Costa, 2014), acompanhando as flutuações e o caráter limiar da prática da escrita inventiva na academia. Por vezes, a pesquisadora se olha no espelho e acha que ficou um pouco mais séria ao longo desse processo, quase como se pesquisar sobre a escrita a tivesse tornado um pouco menos corajosa. Agora pode olhar mais de perto os diferentes tipos de discurso e forma de escrita científica. Depois, ela para e pensa que não se trata de menos coragem, mas sim de um olhar menos ingênuo para isso que gira em torno das inventividades. Convocada a escrever sobre a escrita, por vezes sentia o ímpeto de experimentar menos, quase como uma resposta infantil a uma cobrança silenciosa de fazer uma escrita diferente. Lembra da resposta de um colega de orientação a um texto que compartilhou com o grupo, o qual ele inicia dizendo “estava curioso para ler a escrita de alguém que pesquisa a escrita”. É claro que a curiosidade se difere da cobrança, mas, de alguma forma, pensava sobre certos imperativos, sintomas da linguagem apodrecida, que fazem valer tanto na forma rígida, quanto na forma fluída e da qual não podia se furtar em meio ao seu processo de escrita. Ressoava em sua cabeça uma passagem de Larrosa, na qual o filósofo questiona: “já não estão fartos de palavras vazias, de palavras fetiche, de palavras palavreadas repetidamente, usadas como moeda falsa, até esvaziar o seu sentido?” (Larrosa, 2020, p. 82). Começava a sacar, então, que não se tratava de fazer malabarismos com a linguagem, mas sim de escrever de tal maneira que a língua siga viva; poder, ainda que apenas em pequenos lapsos do texto, produzir um tipo de conversação. E para isso, há múltiplas e variadas formas. Nesse sentido, pensava no perigo de que escrever diferentemente caísse em um estereótipo:

Geralmente, o estereótipo é triste porque é constituído por uma necrose da linguagem, uma prótese que vem tapar um buraco de escritura; mas ao mesmo tempo não pode deixar de suscitar uma enorme gargalhada: leva-se a sério; julga-se mais perto da linguagem porque indiferente à natureza da linguagem: é ao mesmo tempo desgastado e grave. (Barthes, 2012, p. 394).

De repente, ela se via mais próxima a certas formas clássicas quase como uma recusa a um imperativo da invenção que parece tão somente o outro lado de uma mesma moeda. Refletia assim, na linha tênue entre o estilo e o estereótipo e o que poderia balizar essa distinção. Como exercitar o estilo? Como identificar o traço de singularidade nisso que é constituído pelos aprendizados, leituras, sugestões e comandos, entre liberdades e arbitrariedades?

O que se poderia nomear como nosso estilo é quadrado demais para nosso gosto, quadrado demais para nossa expectativa. Está contaminado pelo que aprendemos na escola, na faculdade, nos lugares onde trabalhamos. Gostaríamos de escrever um texto redondo, fluido, limpo, envolvente, criativo, original, substancioso... adjetivos não nos faltam. Mas não é o que sai. Algum tipo de exigência, contudo, parece requerer que assim se cumpra: que se escreva de tal ou qual jeito, o que pode nos impedir de – simplesmente – escrever. (Meira, 2016, p. 50).

Simplesmente escrever – essa expressão quase irônica, mas ainda assim aquilo que tentou transpassar nos encontros da oficina, conduzindo, afiando e desafiando palavras na companhia de pesquisadores/as. Elaborar e coordenar oficinas de escrita foi uma surpresa no percurso de pesquisa, que foi ganhando corpo a partir de uma espécie de insistência da sua orientadora, que lhe dizia: “para fazer pesquisa é preciso fazer alguma coisa, é preciso ir a campo! O que você vai fazer?”. A pesquisadora, aos poucos, se convence em elaborar algo para fazer, algo que não fosse somente sua escrita e suas leituras, e começa a trabalhar no projeto de oficinas de escrita. Se vê, então, flutuando em um vazio, pensando que seus estudos sobre a escrita não lhe transmitiam quase nada em matéria de facilitar um espaço a partir da proposição de um exercício para as pessoas experimentarem a escrita de outra forma.

Entre estudos e participações em oficinas de escrita, mergulhando ondas de insegurança ou então levando-as na cabeça, a pesquisadora de repente é tomada por uma lembrança. Uma lembrança de grupo: grupos em instituições de saúde mental, grupos na universidade, grupos terapêuticos dos quais já havia participado. Ela se vê, então, tomada por essa lembrança da experiência de grupo, esse fenômeno de transversalidade, essa “dimensão contrária e complementar às estruturas geradoras de hierarquização piramidal

e modos de transmissão que esterilizam mensagens” (Guattari, 2004, p. 116), faz chacoalhar os papéis, essa manobra coletiva que possibilita esse conjunto heterogêneo ser capaz de traçar um plano comum. Ao acessar essas lembranças, acopla ao corpo um sentimento de confiança para conduzir, como se de repente se lembrasse que não estaria sozinha, que era preciso confiar no grupo, que se tratava muito mais de facilitar um espaço e fazer proposições disparadoras, do que de possuir alguma expertise sobre o assunto para assim poder se autorizar nesse lugar, que se tentasse controlar demais, ia acabar por matar o grupo, e que era preciso mantê-lo vivo, que essa era a sua melhor chance para tornar aquele espaço um ambiente propício para a promoção e contágio de experiências estéticas (Villela, 2012).

Nesse sentido, a pesquisadora foi elaborando uma proposta de oficina que se tratava de compartilhar com os participantes alguns textos que ela própria tinha esbarrado em meio ao seu percurso e que provocaram profícuas reflexões sobre a escrita, ajudando-a, de alguma maneira, a se entregar nesse tortuoso processo de escrever. Isso inclui a experiência de participação em outras oficinas de escrita e também leituras de textos teóricos, poéticos e literários sobre o tema.

Feitas as movimentações internas, a divulgação foi lançada, os grupos foram se formando e os encontros tiveram início. Salta aos olhos da pesquisadora como aquilo que os participantes traziam era também o que aparecia na literatura sobre o tema: a sensação de bloqueio, as inseguranças, o fato de adentrar na universidade sufocar quase que por completo as outras possibilidades de ler e escrever. Juntos, eles puderam estranhar isso; essa experiência compartilhada que acaba sendo um contrassenso para as práticas do escrever tanto dentro quanto fora da universidade. Apesar, ou por conta disso, ela se impressiona também com a receptividade das pessoas presentes com a atividade, tanto em realizar as brincadeiras com as palavras quanto de compartilhar as produções com o restante do grupo.

E assim, apesar dos tremores iniciais, a leve taquicardia, os encontros foram se desenrolando de forma tranquila, e a pesquisadora pode se surpreender com a leveza na condução mediante a presença ativa das outras pessoas. Há algo ali, no simples fato de poder fruir de uma certa intimidade com até então desconhecidos, de poder criar zonas de contato sem perder de vista a heterogeneidade, que cria uma abertura no sujeito, condição de possibilidade para a experiência com as palavras, essa que a pesquisadora almejava alcançar. Ela testemunha, ao longo desse percurso, uma carência coletiva ou então uma vontade de se pensar a escrita e a força da palavra e o calor de sentir que esse não é um

encanto que carrega de forma solitária, que mesmo com os mais diversos avanços tecnológicos e as conseqüentes modulações nos regimes de atenção, as palavras seguem cativando diferentes tipos de pessoas a pensarem o seu uso.

Considerações Finais

A palavra afiada foi uma proposta construída e pensada no escopo de uma pesquisa de mestrado que busca averiguar as condições de possibilidade de a escrita de pesquisa ser um lugar para experiência (Larrosa, 2020) no campo de estudos da subjetividade. Imerso no campo temático relativo aos mútuos atravessamentos entre experiência, escrita e subjetividade, o trabalho foi ganhando o contorno de uma pesquisa intervenção, pautada na realização da oficina que aqui nos debruçamos, partindo do mote: *como afiar palavras?* A proposta foi então delineada enquanto oficina estética de escrita, buscando produzir pequenas diferenças no regime sensível dos presentes com a palavra.

O primeiro fio que gostaria de destacar diz respeito à carência de espaços coletivos no meio acadêmico para se falar e se praticar a escrita – seja ela acadêmica ou não. De maneira geral, os entraves e processos de escrita da pesquisa são vividos de forma individual, permeado de idealizações relativas tanto ao próprio texto como ao texto dos outros. Essa espécie de isolamento é expressada de forma explícita ou implícita mediante o uso do espaço das oficinas para o compartilhamento de vivências pessoais e as reverberações comuns relativas ao processo. O potencial terapêutico ou a dimensão clínica das oficinas estéticas de escrita ainda é algo a ser investigado em pesquisas futuras.

A experiência de Rezende (2021), assessora de escrita do primeiro *Writing Center* do país, presente na Universidade Federal do Paraná (UFPR); a pesquisa realizada por Zonta (2018); e outras iniciativas de prática de escrita dentro da universidade apontam também para a inauguração de um campo fértil relacionado a centros institucionais para o exercício da escrita.

Por fim, a oficina estética de escrita é uma experiência incipiente, mas potente no sentido de produzir processos de coletivização na experiência discente de pós-graduação e injetar pequenas doses de uma outra relação com a linguagem. De todo modo, espera-se ter conseguido desfiar alguns nós e afiar algumas direções possíveis relativas à experiência da escrita na universidade, em especial na área das humanidades. A aposta em experiências na interface da ciência e literatura e a inclusão da escrita enquanto parte integrante fundamental dos processos de pesquisa, aparece assim, como um rumo

interessante para o enfrentamento a certos enrijecimentos da linguagem científica que acabam por neutralizar os efeitos de suas produções.

Referências

- AQUINO, Julio Groppa; GARCIA Silas Sampaio. Uma palavra detestável: do encontro entre literatura, escrita e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e93433, 2020.
- BAKTHIN, MIKHAIL. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2012.
- BARROS, Manoel. In: MULLER; Adalberto (org). **Manoel de Barros**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CAMPILHO, Matilde. **Jóquei**. São Paulo: Ed. 34, 2015.
- COSTA, Luis Artur. O corpo nas nuvens: o uso da ficção na psicologia social. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014.
- GUATTARI, FÉLIX. A Transversalidade. In: **Psicanálise e Transversalidade**. Aparecida, SP: Ideias e letras, 2004.
- KIRINUS, Glória. **Synthomas de poesia na infância**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- KOHAN, Walter Omar. A infância da Educação: o conceito devir-criança. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 31 de dezembro de 2005.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MACHADO, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. **Psicologia & Sociedade**; 16 (1): 146-150, 2004.
- MÃE, Valter Hugo. **Bibliotecas**. In: Contos de cães e maus lobos. Rio de Janeiro: Biblioteca azul, 2019.
- MARCHI, Alice de. **Modulações para uma vida não fascista**. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- MEIRA, Ana Cláudia dos Santos. **A escrita científica no divã: entre as possibilidades e as dificuldades com o escrever**. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- NOVARINA, Valerie. **Diante da palavra**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34: 2005.

REZENDE, Camila Ribeiro Almeida. **Como escrever academicamente? Uma sociologia artística das emoções**. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

REZENDE, Camila Ribeiro Almeida. **Objetividade na escrita acadêmica: reflexões interseccionais sobre corpos que escrevem**. Gênero e resistência, volume 1: memórias do II encontro de pesquisa por/de/sobre mulheres, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix: 2013.

VILELLA, Marcos Pereira. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195, jan./abr. 2012.

ZANELLA, Andrea Vieira. **ArteUrbe: jovens, oficinas estéticas e cidade**. Curitiba: Appris, 2020.

ZONTA, Grazielle Aline. **Letramento Acadêmico e a construção da autoria em oficinas estéticas: prática em psicologia junto à assistência estudantil na universidade**. (Tese em Psicologia), Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

7 CONCLUSÃO

“À guisa de conclusão”: assim terminam tantos textos, segundo uma fórmula banal. Ou seja, apesar das aparências, isso não é uma conclusão, não é possível pôr um termo, um ponto final, deve-se continuar.

(Antoine Compagnon, 2007, p. 131)

É radical a sensação de que o fim é um começo. Essa aparente circularidade parece dizer da natureza inconclusa e infinita de certos problemas; senão de uma natureza, de uma ética: da maneira de se colocar diante de questões que são formuladas não para se obter uma resposta, mas sim para continuar caminhando de um modo ou de outro. Diante disso, cabe-nos, nesta tarefa final, último respiro da pesquisa, dar um contorno – função de contentamento e reconhecimento – daquilo que foi possível fazer, dizer e escrever nesse movimento sempre incipiente de pesquisa. A incipiência como uma qualidade daquilo que se posiciona perto dos inícios, assim como intentamos fazer com a linguagem, assentando a experiência de escrita nesse eterno “clube das línguas inventadas”.

Para além do contorno, penso que há também uma função de recapitulação, a fim de extrair dessa história fios soltos para posteriores desdobramentos, tropeços, além de sublinhar certas passagens que poderão nos servir como ferramentas para o pensar, o intervir, o escrever.

A pesquisa começou com um e-mail. Após isso, 4 meses de espera até uma chamada de matrícula que eu já começava a me sentir descrente. Estávamos em meio a uma pandemia mundial, cerrados em nossas próprias casas, debatendo-nos com neuroses, familiares, amantes, panelas, gatos, paredes e os noticiários da televisão. Logo, os processos institucionais se resumiam a isso: e-mails, chamadas, PDF's agrupados, reuniões virtuais, links, e imagens de pessoas pela metade.

A escrita da pesquisa começou, então, de forma virtual, tanto pela fibra ótica que permitiu a flexibilização dos regimes de trabalho – para assim podermos continuar o que

fazíamos de algum modo, ainda que inteiramente feridos, atravessados e atordoados pela catástrofe sanitária, política, econômica, social e afetiva – como no sentido de algo que ainda não se encarnou em matéria, de um indeterminável que perturba, mas não se formaliza; essa névoa de imagens virtuais que circundam todo objeto atual (Deleuze, 1996). Dessa indeterminação, nos trombos e encontros com colegas do percurso de mestrado, foi se esboçando um problema que circunda a experiência de escrita na pós-graduação no campo de estudos da subjetividade. Isso significou também interrogar as condições de possibilidade de se experimentar a escrita acadêmica na atual conjuntura brasileira de produção científica. Essa capacidade de experimentar a escrita e de fazer da escrita uma experiência diz da recuperação do sentido de uma linguagem que se encontra esvaziada e, conseqüentemente, perde sua força de ação no mundo. Larrosa comenta, em seu livro *Tremores: escritos sobre a experiência*, desse texto que seria um dos fundadores da crítica da linguagem, a *Carta a Lord Chandos*, de Hugo Von Hofmannsthal, publicada em 1902, mas datada de 1603, na qual ele comunica para seu amigo Francis Bacon a estranha enfermidade de sentir “as palavras abstratas se decompondo na boca como fungos apodrecidos”, de sentir que as palavras já não querem dizer nada, que ao tocarem a língua provocam asco e repulsa. A linguagem apodrecida, assim, “fabrica um mundo à sua medida, um mundo que já não é um mundo, e sim uma armação, ou uma jaula, ou um armário, ou um esquema ao qual tudo o que existe se submete ou deveria se submeter” (Larrosa, 2020, p. 89).

Pensava, então, nessa enfermidade de linguagem da qual padece Lord Chandos e a maneira com que essa condição atravessa o século e se atualiza na contemporaneidade – especificamente na experiência de escrita da pesquisa no campo de estudos da subjetividade, objeto sobre o qual nos debruçamos neste percurso. Reflito, portanto, na relevância de se pensar sobre o padecimento da língua para este campo que não apenas estuda sobre isso que é constituído de e pela linguagem, mas também possui as palavras enquanto principal instrumento de trabalho, seja lendo, escrevendo ou conversando. O que aconteceria se perdêssemos a capacidade de nos afetar por aquilo que lemos, aquilo que ouvimos, aquilo que escrevemos? Qual seria a finalidade da produção teórica se não conseguíssemos mais ser atravessados pelas ideias, deixando que elas nos impulsionassem a agir diferentemente? Para que servem as palavras se, repetidas exaustivamente, se automatizam caindo em uma serialização?

Essa espécie de anestesiamento, a dificuldade ou impossibilidade de fazer algo com aquilo que nos acontece – e nos tem acontecido tanta coisa, talvez por isso mesmo

não sentimos mais nada – é algo a ser melhor estudado, no sentido de traçar relações entre esse padecimento psíquico e o padecimento da língua, pensando as inferências disso na saúde mental do corpo discente da pós-graduação e na produção do conhecimento, amarrando as ligações entre o subjetivo e o linguístico em suas reverberações políticas, afetivas e pedagógicas. Nessa discussão, cabe inclusive a interrogação acerca de novas tecnologias de linguagem no âmbito da inteligência artificial e o esvaziamento de sentido das palavras. Me parece que há uma relação entre o excesso de estímulo e o anestesiamento que acaba por neutralizar as línguas e os corpos, na produção de uma estranha docilidade e contentamento que parece implicar a todos.

Assim, na interface da psicologia e da literatura e às voltas com as enfermidades da linguagem, emergiu a proposta de construção de uma oficina estética de escrita que tinha como objetivo aproximar os participantes da natureza poética da linguagem a partir de exercícios lúdicos com a palavra. Essa proposta decorreu de uma estranha insistência, uma cisma, de provar o sabor das palavras – porque para sentir que as palavras estão podres ainda é preciso ter uma língua (Larrosa, 2020) –, de escrever acompanhada de dicionários etimológicos, sinônimos, antônimos e definições; de dedicar uma atenção especial aos pequenos detalhes do texto que parecem revelar significativos embates que caracterizam tanto o jogo de produção do conhecimento como o processo de produção de subjetividade que acompanha a formação do pesquisador.

Nesse ínterim, a palavra afiada se apresentou enquanto espaço potente de partilha e contágio de pequenos encantos com a linguagem. Os encontros se deram de forma a acolher os movimentos do grupo, pensando na simultaneidade da pesquisa intervenção, que possibilita acessar determinadas experiências na medida em que interferimos sobre elas. Como havia um prazo exíguo para acompanhar o processo dos participantes, essas modulações se referem sobretudo a ajustes nos exercícios de escrita e tinham como direção dar mais palavras aos participantes, desafiando-os a produções mais longas e elaboradas, alargando as possibilidades criativas.

Cabe destacar a generosidade daqueles que aceitaram o convite de assuntar, estranhar e se encantar pelas palavras, na esperança torta de que tal empreitada auxiliasse de algum modo na aparentemente hercúlea tarefa da escrita científica. A tranquilidade e a abertura dos participantes com as atividades propostas contrastam com os relatos acerca da relação com a escrita após o ingresso na universidade, que de forma unânime apontam para uma sensação de constrangimento e obstrução das possibilidades de prazer e fruição com a atividade da leitura e da escrita em meio às exigências acadêmicas. A consonância

dos participantes com a proposição manifesta uma carência de espaços de formação para partilhar e exercitar a escrita da pesquisa, seja pela via das dificuldades enfrentadas em meio a esse processo, seja pelo desejo de escrever – que insiste em uma proximidade quase indistinta da vida.

Essa paradoxal impossibilidade e insistência do interesse pela escrita é um ponto fértil para ser investido, no sentido de pensar espaços que facilitem a construção de uma relação com a linguagem que se dê para além da representação e exposição, exercitando a possibilidade daquele que pesquisa e escreve de se espantar com as próprias palavras.

Ao fim e ao cabo, poder brincar e exercitar palavras é recuperar a escrita na sua processualidade – essa dimensão que a escrita acadêmica foi de algum modo arrancada e colocada como algo dado, ou seja, que se sabe ou conhece por antecipação. É quase cômica a assunção de que saber ler e escrever de alguma maneira garante a escrita, sendo as dinâmicas de alfabetização e letramento muito aquém da complexa amarração que envolve a escritura do texto. Para além disso, a produção do texto científico é ainda permeada por inúmeras e intensas solicitações e exigências relativas ao formato, às normas de referências, enfim, ao engessamento metodológico, às implicações éticas, às coerências epistemológicas, ao estatuto de verdade – que por mais que façamos o esforço da crítica, da localização e da diversificação, a ciência responde. Ainda que não possamos prescindir de tais exigências, podemos desburocratizá-las, pensando em formas singulares de responder a tais solicitações. Em vista essa imprescindibilidade, afirmo que o desafio é fazer da escrita científica uma resposta ativa às demandas institucionais, até porque a enfermidade das palavras não acomete apenas os modos positivistas e hegemônicos de escrita, mas também as críticas súbitas que se presentificam nos jargões, nos estereótipos e nas tautologias. Cabe-nos, portanto, habitar o limiar dessa performance específica do escrever, zona de tensão e ultrapassagens, exercitando a inventividade sem se furtar das questões éticas e institucionais em torno da produção do conhecimento.

Cabe observar, por fim, que o escrever em suas vicissitudes contrasta de maneira incisiva com essa perspectiva que impera no imaginário dos pesquisadores da escrita, que projeta uma lacuna entre o sujeito que escreve e o texto, suprimindo todo o árduo trabalho de deslocamento subjetivo que a escrita exige. Desse modo, mesmo diante do cenário produtivista, foi possível observar que os participantes da pesquisa experienciaram a escrita, brincaram com as palavras, ainda que nem sempre tenham conseguido fazer dessa uma experiência – tendo em vista que a experiência não é algo que se produz, mas que se padece (Larrosa). É como se os pesquisadores fossem atravessados pelas palavras, mas

suprimissem tais vicissitudes, tendo em vista a dinâmica da pós-graduação. Ainda que se tenha um formato, inúmeros dados e um objetivo bem definido, foi possível notar que escrever é, de algum modo ou de outro, colocar-se em um lugar de não saber – e essa experiência é tão radical que subsiste com e apesar de todas as prescrições que acompanham a escrita acadêmica. Ao fim, trata-se da afirmação de uma experiência de escrita, para, além e aquém das demandas e solicitações, preservar o máximo de sabor possível.

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: Sapiencia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível. (Barthes, 1978, p. 44).

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Vozes e Silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 7-19, julho, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A procura de poesia. In: **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

ANZALDÚA. Glória. Falando em línguas: carta às mulheres escritoras do terceiro mundo. **Rev. Estudos Feministas**, Ano 8, pp. 229-236, Santa Catarina, 2000.

AQUINO, Julio Groppa; GARCIA Silas Sampaio. Uma palavra detestável: do encontro entre literatura, escrita e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e93433, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

_____. Escritores e escreventes. In: **Crítica e verdade**. Ed. Perspectiva. São Paulo: 2007.

_____. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2012.

BARROS, Manoel. In: Adalberto Muller (org). **Manoel de Barros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. **Revista Serrote**, n. 16, 2014. Disponível em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas, volume I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

_____. Teses sobre o conceito de história. In: **Obras Escolhidas, volume I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CAMPILHO, Matilde. **Jóquei**. São Paulo: Ed. 34, 2015.

COLLINS, Patrícia Hill Collins. Epistemologia Feminista Negra. In: **Decolonialidade e Pensamento afro diaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

CONTI, Josselem; SILVEIRA, Marília. Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita? **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, Vol. 11 (1), pp. 53-68, São João del Rei, 2016.

COSTA, Luciano Bedin. Aos que ainda escrevem: a escrita acadêmica nos designs do neoliberalismo. **Linha mestra**, n. 33, p. 21-28, set. dez. 2017.

_____. Short Scenes: a escrita acadêmica como combate. **Rev. Polis Psique**, 2019, 9, 2, pp. 171-186.

COSTA, Luis Artur. O corpo nas nuvens: o uso da ficção na psicologia social. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014.

COSTA, Luis Artur; GALLI, Tania Mara. Da diversidade: uma definição do conceito de subjetividade. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, Vol. 42, Num. 3 pp. 513-519 5, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DIANA, Daniela. O que é Haicai?. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-haicai/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS: “Gesto”. [s.d.]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gesto/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. “Gesto”. [s.d.]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/gesto>. Acesso em: 17 dez. 2023.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parencças**.

FERRANTE, Elena. **As margens e o ditado**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

FERREIRA, Marcelo Santana. Walter Benjamin e a questão das narratividades. **Mnemosine**, Vol.7, nº2, p. 121-13, Rio de Janeiro, 2011.

FONSECA, Tania Mara Galli. O túmulo e a palavra: o after life para prolongar um último toque com a ponta dos dedos. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 25, n. 2, p. 259-278, agosto 2018.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993, pp. 1-14.

_____. O que é um autor: In: **Ditos e Escritos III**: Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Forense Universitária: 2009.

_____. **O belo perigo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.

_____. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FRANCO, Gustavo Naves. Complexidade e cotidiano acadêmico: práticas de escrita, leitura e presença. In: **Metodologia e relações internacionais**: debates contemporâneos: vol. II / Isabel Rocha de Siqueira ... [et al.] (organizadores). – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2019. pp 15-35.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas e completas de Sigmund Freud** (Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROHLICH; MILMANN; KIERNIEW. Do letramento à escrita inventiva na universidade: a potência transformadora da linguagem. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 475--498, maio/ago. 2021.

GAGNEBIN, Jean Marie. Walter Benjamin: uma história aberta. In: **Obras Escolhidas, volume I. Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

_____. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo, Editora 34.

_____. Experiência e Transmissão. In: **Redobra**, n. 14, ano 5, 2014.

GALESSO; S.; MARCONDES, A.; REGO, T. A produção de texto para entrar no ensino superior: desafios da docência perante uma escrita protocolar. **Mnemosine**, Vol.16, nº1, p. 188-207 (2020).

GALLI, Tania Mara. O túmulo e a palavra: afterlife para prolongar um último toque com a ponta dos dedos. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 25, n. 2, p. 259-278, agosto 2018.

GUATTARI, FÉLIX. A Transversalidade. In: **Psicanálise e Transversalidade**. Aparecida, SP: Ideias e letras, 2004.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Vol.5, pp. 7-41, 1995.

HENRIQUES, António. A grande travessia: textos acadêmicos para gente do risco e do movimento ousado. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 454-474, maio/ago. 2021.

HOUAISS, Dicionário Eletrônico. A etimologia da palavra escrever. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-etimologia-da-palavra-escrever/27806>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

KIRINUS, Glória. *Synthomas de poesia na infância*. São Paulo: Paulinas, 2011.

KOHAN, Walter Omar. A infância da Educação: o conceito devir-criança. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 31 de dezembro de 2005.

_____. Visões da filosofia: infância. **ALEA**, Rio de Janeiro, vol. 17/2, p. 216-226, jul-dez 2015.

_____. Sobre a escrita acadêmica, a política e a amizade... In: **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2016.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LEÃO, Thiago Marques; IANNI, Aurea Maria; GOTO, Carine Sayuri. Individualização e sofrimento psíquico na universidade. **Humanidades e Inovação**, v. 6 n. 9, 2019.

LINHARES, Célia. Escrever e viver: estranhamentos e entranhamentos recíprocos. In: **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Crônicas para jovens: de escrita e vida**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2010.

_____. **Água Viva**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2020.

MACHADO, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. **Psicologia & Sociedade**; 16 (1): 146-150, 2004.

MÃE, Valter Hugo. Bibliotecas. In: **Contos de cães e maus lobos**. Rio de Janeiro: Biblioteca azul, 2019.

MARCHI, Alice de. **Modulações para uma vida não fascista**. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MEIRA, Ana Cláudia dos Santos. **A escrita científica no divã: entre as possibilidades e as dificuldades com o escrever**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa. **ECOS, Estudos contemporâneos da subjetividade**. Vol. 5, n. 2, pp. 200-208, 2015.

_____. **Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.

MORAES, M. Política ontológica e deficiência visual. In: M. Moraes, & V. Kastrup (Orgs.). **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual** (pp 26-51). Rio de Janeiro: Nau/Faperj, 2010.

_____; TSALLIS, A. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. Em: **Rev. Polis e Psique**; Vol. 6(1): pp. 39 – 50, 2016.

MOSCHEN, Simone. DO Ó, Jorge Ramos. A escrita da pesquisa: uma conversa a partir de Freud, Lacan e Foucault. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 740-767, maio/ago. 2021.

NOVARINA, Valerie. **Diante da palavra**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Lingua Geral, 2007.

ORIGEM DA PALAVRA. “Gesto”. [s.d.]. Disponível em: <<https://origempalavra.com.br/artigo/gesto/>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

PAMPLONA, Marina Harter. **Luminosidades da infância: a memória como jogo**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.

PASSOS, E.; BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

PELEJERRO, Eduardo. O signo da nossa paixão. **Rev. Polis e Psique**, 2017; 7(1): 74 – 83.

PEREIRA, Marcos Villela. A escrita acadêmica - do excessivo ao razoável. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18 n. 52 jan.-mar. Rio Grande do Sul: 2013.

PETERLE, Patrícia. O corpo a corpo da e na escrita. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 2, p. 454-474, maio/ago. 2021.

PIAZZA, Maria Cecília Paladini. **O ensaio como forma em Walter Benjamin: contribuições do gênero ensaístico para a educação**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, 2016.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA. Manual do/a discente. UFSC, 2023. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14CUR1gtqtkKZqJG7Ig4cVT4oQ-s2IEGf/view>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLACSO: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires,

2005.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Editora 34: 2005.

REZENDE, Camila Ribeiro Almeida. **Como escrever academicamente?** Uma sociologia artística das emoções. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

_____. **Objetividade na escrita acadêmica: reflexões interseccionais sobre corpos que escrevem**. Gênero e resistência, volume 1: memórias do II encontro de pesquisa por/de/sobre mulheres, 2019.

RIVERA, Tania. Desejo de ensaio. In: RIVERA, Tania; CELES, Luiz Augusto; SOUSA, Edson Luiz André (Org.). **Ensaio brasileiro contemporâneo: psicanálise**. Rio de Janeiro: Funarte, 2017. p. 11-26.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 8, julho de 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas abissais globais a uma ecologia de saberes. In: **Epistemologias do Sul**. Coimbra (PT): Edições Almedina, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix: 2013.

SETIC-UFSC. AcolheUFSC. Página Inicial. Disponível em: <<https://acolheufsc.ufsc.br/>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

SILVA, Raísha Gonçalves. **Nas Entrelinhas da Pós-graduação: o processo de subjetivação na experiência da escrita acadêmica**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Belo Horizonte, 2021.

SILVA, Rosane Neves. Notas para uma genealogia da Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, 16 (2): 12-19; maio/ago, 2004.

SIMAS, Luis Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

_____. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir um ensaio? **Remate de Males**, Vol. 31, n. 1-2 pp. 13-24, Campinas-SP, 2011.s, 2019.

VILELLA, Marcos Pereira. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195,

jan./abr. 2012.

WIKIPEDIA. “Oficina”. Disponível em:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Oficina#:~:text=A%20palavra%20oficina%2C%20define%20o>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

ZANELLA, Andrea Vieira. **ArteUrbe**: jovens, oficinas estéticas e cidade. Curitiba: Appris, 2020.

_____. BRITO, Renan. Jovens e cidade: a experiência do projeto ArteUrbe. **Polis e Psique**, Vol. 2 , n. 1, pp. 43-62, 2012.

ZONTA, Grazielle Aline. **Letramento Acadêmico e a construção da autoria em oficinas estéticas**: prática em psicologia junto à assistência estudantil na universidade. (Tese em Psicologia), Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

APÊNDICE - APOSTILA DA OFICINA
(MATERIAL ELABORADO PARA MEDIAÇÃO LITERÁRIA)

•
a palavraafiada
•

I. como afiar palavras?

Segundo o dicionário, afiar é verbo de vários sentidos: dar fio a, tornar cortante, picante ou mordaz, melhorar ou aperfeiçoar algo, apurar-se, preparar para o ataque ou bote. Deixar a palavra curtir na boca para apurar sabores. Como afiar palavras? Como fiar com as palavras? Como confiar palavras? É palavra afiada ou palavra fiada? Essas são algumas perguntas que nos acompanharão ao longo desse percurso de experimentação.

A palavra é uma faca e o corte produz, simultaneamente, um movimento de separação e de abertura. Na pele, por exemplo, a separação daquilo que antes era uma coisa só faz emergir sangue e carne viva. A partir da imagem da palavra enquanto faca e sua resultante ação enquanto corte que penso a oficina enquanto um espaço de afiar as palavras. Ou seja, de amolar - isto que afia ou em sentido figurativo significa importunar ou aborrecer; isto que se faz a partir de um movimento de repetição e atrito, isso que produz calor pelo contato, que roça e dá o fio. Afiar a palavra é, portanto, um projeto de ativação da força da palavra - sua capacidade de agenciar novos sentidos de mundo.



“A sexta e última precaução consiste em tratar de fazer da palavra experiência uma **palavra afiada**, precisa, uma palavra inclusive difícil de utilizar, e isso para evitar que tudo se converta em experiência, que qualquer coisa seja experiência, para evitar que a palavra experiência fique completamente neutralizada e desativada”

Jorge Larrosa, A experiência e suas linguagens, 2020, p.45.

“Meu negócio é com a palavra. Meu negócio é descascar as palavras, se possível, até a mais lírica semente delas. Nem uma, porém, se me entregou de nudez ainda.”

Manoel de Barros, Encontros

IMAGENS DO FIO: A FACA, A ISCA, A AGULHA.



Cena de O cão andaluz, Luís Buñuel, 1928

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreve. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente.

Água Viva, Clarice Lispector



Map of lopo homem II, Adriana Varejão, 1992 - 2004

Bibliotecas.

As bibliotecas deveriam ser declaradas da família dos aeroportos, porque são lugares de partir e de chegar.

Os livros são parentes directos dos aviões, dos tapetes-voadores ou dos pássaros. Os livros são da família das nuvens e, como elas, sabem tornar-se invisíveis enquanto pairam, como se entrassem dentro do próprio ar, a ver o que existe para depois do que não se vê.

O leitor entra com o livro para o depois do que não se vê. O leitor muda para o outro lado do mundo ou para outro mundo, do avesso da realidade até ao avesso do tempo. Fora de tudo, fora da biblioteca. As bibliotecas não se importam que os leitores se sintam fora das bibliotecas.

Os livros são também toupeiras ou minhocas, troncos caídos, maduros de uma longevidade inteira, os livros escutam e falam ininterruptamente. São estações do ano, dos anos todos, de o princípio do mundo e já do fim do mundo. Os livros esticam e tapam furos na cabeça. Eles sabem chover e fazer escuro, casam filhos e coram, choram, imaginam que mais tarde voltam ao início, a serem como crianças. Os livros têm crianças ao dependuro e giram como carrosséis para as ouvir rir e para as fazer brincar.

Os livros têm olhos para todos os lados e bisbilhotam o cima e o baixo, a esquerda e a direita de cada coisa ou coisa nenhuma. Nem pestanejam de tanta curiosidade. Podemos pensar que abrir e fechar um livro é obrigá-lo a pestanejar, mas dentro de um livro nunca se faz escuto. Os livros querem sempre ver e estão sempre a contar.

As bibliotecas só aparentemente são casas sossegadas. O sossego das bibliotecas é a ingenuidade dos ignorantes e incautos. Porque elas são como festas ou batalhas contínuas e soa canções ou trombetas a cada instante. E há invariavelmente quem discuta com fervor o futuro, quem exija o futuro e seja destemido, merecedor da nossa confiança e da nossa fé.

Adianta pouco manter os livros de capas fechadas. Eles têm memória absoluta. Vão saber esperar até que alguém os abra. Até que alguém se encoraje, esfaima, amadureça, reclame o direito de surgir maior viagem. E vão oferecer tudo, uma e outra vez, generosos e abundantes. Os livros oferecem o que são, o que sabem, uma e outra vez, sem se esgotarem, sem se aborrecerem de encontrar infinitamente pessoas novas. Os livros gostam de pessoas que nunca pegaram neles, porque têm surpresas para elas e divertem-se com isso. Os livros divertem-se muito.

As pessoas que se tornam leitores ficam logo mais espertas, até andam três centímetros mais altas, que é efeito de um orgulho saudável de estarem a fazer a coisa certa. Ler livros é uma coisa muito certa. As pessoas percebem isso imediatamente. E os livros não têm vertigens. Eles gostam de pessoas baixas e gostam de pessoas que ficam mais altas.

Depois da leitura de muitos livros pode ficar-se com uma inteligência admirável e a cabeça acende como se tivesse uma lâmpada dentro. É muito engraçado. Às vezes, os leitores são tão obstinados com a leitura que nem se lembram de usar candeeiros de verdade. Tentam ler só com a luz própria dos olhos, colocam o livro perto do nariz como se o estivessem a cheirar. Os leitores mesmo inteligentes aprendem a ler tudo, até aquilo que não é um livro. Lêem claramente o humor os outros, a ansiedade, conseguem ler as tempestades e o silêncio, mesmo que seja um silêncio muito baixinho. Alguns leitores, um dia, podem aprender a escrever. Aprendem a escrever livros. São como pessoas com palavras por fruto, como as árvores que dão maçãs ou laranjas. Pessoas que dão palavras.

Já vi gente sair de dentro dos livros. Gente atarefada até com mudar o mundo. Saem das histórias e vestem-se à pressa com roupas diversas e vão porta fora a explicar descobertas importantes. Muita gente que vive dentro dos livros tem assuntos importantes para tratar. Precisamos de estar sempre atentos. Às vezes, compete-nos dar apoio. Alguns livros obrigam-nos a pôr mãos ao trabalho. Mas sem medo. O trabalho que temos pela escola dos livros é normalmente um modo de ficarmos felizes.

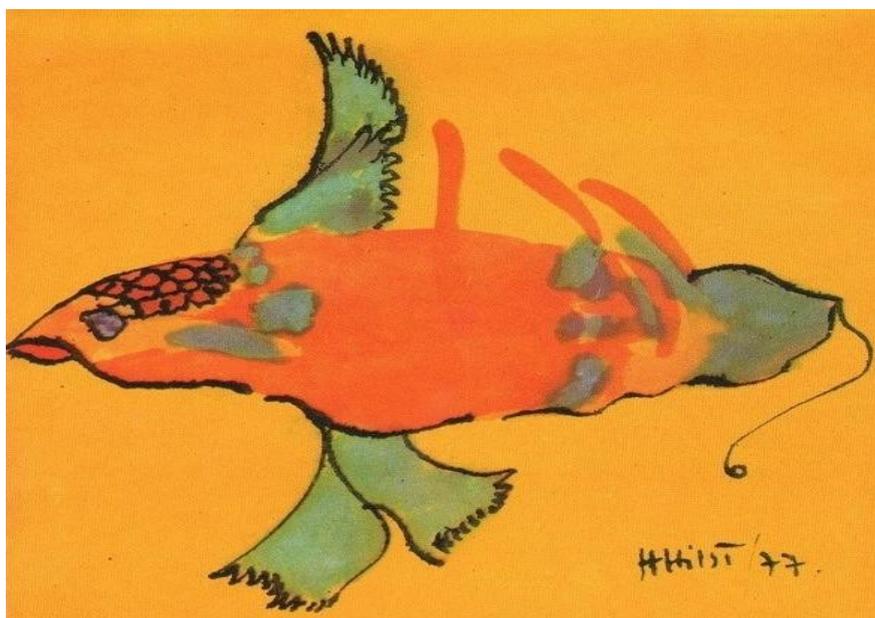
Todos os livros são infinitos. Começam no texto e estendem-se pela imaginação. Por isso é que os textos são mais do que gigantescos, são absurdos de um tamanho que nem dá pra calcular. Mesmo os contos, de pequenos não têm nada. Se os soubermos entender, crescemos também, até nos tornarmos monumentais pessoas. Edifícios humanos de profundo esplendor.

Devemos sempre lembrar que ler é esperar por melhor.

Valter Hugo mãe, Contos de cães e maus lobos

II. a infância da língua

“Quanto às funções da poesia... creio que a principal é a de promover o arejamento das palavras, inventando para elas novos relacionamentos, para que os idiomas não morram a morte por fórmulas, por lugares comuns. Os governos mais sábios deveriam contratar os poetas para esse trabalho de restituir a virgindade a certas palavras ou expressões, que estão morrendo acariciadas, corroídas pelo uso em clichês. Só os poetas podem salvar o idioma da esclerose. Além disso, a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o sendo do lúdico. Se a poesia desaparecesse do mundo, todos os homens se transformariam em máquinas, monstros, robôs.”



Hilda Hilst, 1977.

“Poesia pra mim é a loucura das palavras, é o delírio verbal, a ressonância das letras e o ilogismo. Sempre achei que atrás da voz dos poetas moram crianças, bêbados, psicóticos. Sem eles a linguagem seria mesmal. Pra ver o mundo com poesia boto meu olho torto. Mas eu não entendo operar sem a consciência estética. Eu quero desentender-me com clareza. Prefiro escrever o desanormal.”

“O que constrói a radiância de um verso nem é a presença do sol ou da luz, nem é a presença de uma alma alegre - a radiância de um verso vem das suas radiâncias letrais”

Manoel de Barros, Encontros

A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente dos seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano, O livro dos abraços

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética.

Sigmund Freud, Escritores criativos e devaneios.

A leitura da literatura, em verso ou em prosa, requer do leitor uma atitude de *pacto ficcional*, isto é, entrar numa sintonia e num acordo com o texto literário, chamado ficcional, porque finge uma realidade. Para entrar em sintonia com a criança também é preciso compreender sua natureza poética plena de fantasia. A própria palavra *infância*, compreendida na sua etimologia de raiz latina *fantilis*, que nasce do verbo *for, fatus, sum faire* que significa dizer, predizer e celebrar em poesias, denota a relação infância-fantasia-poesia.

Glória Kirinus, Synthomas de poesia na infância

III. carne viva

Nós, os falantes, cavamos a língua que é a nossa terra.



Lygia Clark, a estruturação do self, em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/243/estruturacao-do-self>

As palavras são a verdadeira carne humana e uma espécie de corpo do pensamento: a fala nos é mais interior que todos os órgãos de dentro.

(...)

Falar não é comunicar (...) falar é antes abrir a boca e atacar o mundo com ela, saber morder. O mundo é por nós furado, revirado, mudado ao falar. (...) As palavras não vêm mostrar coisas, dar-lhe um lugar, agradecer-lhes educadamente por estarem aqui, mas antes parti-las e derrubadas. “A língua é o chicote do ar” dizia Alcuíno; ela é também o chicote do mundo que ela designa.

(...)

As palavras não são objetos manipuláveis, cubos de encaixe para se empilhar, mas trajetos, sopros, cruzamentos de aparências, diretivas, campos de ausência, cavernas e um teatro de reviravolta: elas contradizem, caem. A língua não capta nada, ela chama – não para fazer vir mas para espelhar afastamento e fazer vibrar um pouco de distância entre tudo; ela toma sem tomar, afasta – aproxima; ela mantém distante e toca.

Entre as palavras e a fala e o pensamento, há desde sempre um combate, uma luta que não para. (...) A palavra humana é uma profecia de animal; a fala chama, não nomeia. O francês diz:

“Nós não nomeamos as coisas, nós as chamamos”. Nós as chamamos porque elas não estão aqui, porque não sabemos seus nomes.

(...)

Pensar, falar, não é emitir ideias, encadeá-las, desenrolá-las - mas conduzir toda a palavra até o limiar e o avesso das palavras.

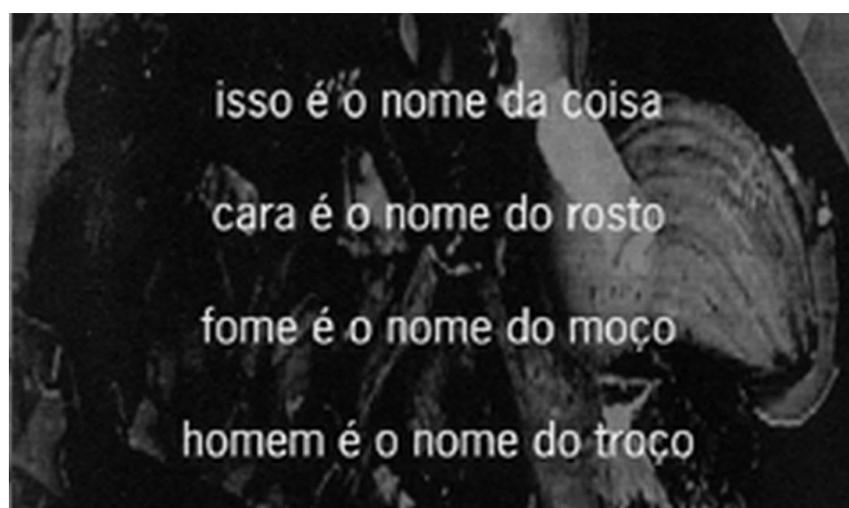
(...)

O que todas as palavras nos dizem em segredo? Qual é o segredo que passamos uns aos outros ao falar?... Se chamamos as coisas por um nome, é para ouvir que todo real é falado. É sobre a fala que repousa a matéria: a fala é a pausa do tempo, sua cruz. Com outras palavras, nossos olhos veriam outro mundo. Nossa visão é falada. O visível é uma renovação perpétua de falas. Nada é sem voz.

(...)

A fala não nomeia, chama. É um raio, um relâmpago: as palavras não evocam, elas talham, racham a pedra. A linguagem não tem nada para descrever já que ela começa. Não há nada que esteja mais no segredo da matéria do que o mistério verbal. O mundo é uma linguagem, nossa fala se lembra disso. Ela se adianta. Abrindo o universo, ela se imprime em você. Nada de material no fundo do homem, fora sua boca aberta, sua passagem furada. Nenhum conteúdo. Nascido perfurado e espelho do sem-fundo.

Diante da Palavra, Valerie Novarina



Arnaldo Antunes, Nome

Inscrevia suas palavras não para se elevar acima de outrem pela escrita, pelo pensamento, pela língua portuguesa dominada, mas para descer abaixo, ir sempre mais baixo, descer sua paixão descendente, como uma descida manipulária, como uma paixão que lhe furou os olhos.

Passava centenas de horas nos exercícios de preparação, de arrumação dos lugares e dos tempos, até começar a ouvir o tempo, até começar a ver a palavra se manter sozinha, sair sem ele. Ele se dizia acometido de “linguismo”, de uma palavra que lhe falava perpetuamente aos ouvidos. Tinha um animal no seu animal, uma voz na barriga, uma voz dentro.

Tinha usado a linguagem como um animal, ele tinha renunciado à sua cabeça, renunciado a ser, pela língua, o mestre das coisas. Ele tinha proibido a si mesmo nomear o que quer que fosse. Para ir às coisas, para descer, ver mais baixo. Ele tinha aceitado ver coisas sem ter palavras para designá-las. Tinha renunciado a nomear. Até que todos os objetos em frente estivessem a igual distância, sem inteligência, sem apreensão, sem compreensão, sem ação possível. O mundo lhe era incompreensível porque ele havia renunciado a nomeá-lo, a segurá-lo na sua mão. Ele ofereceu sua língua às coisas.

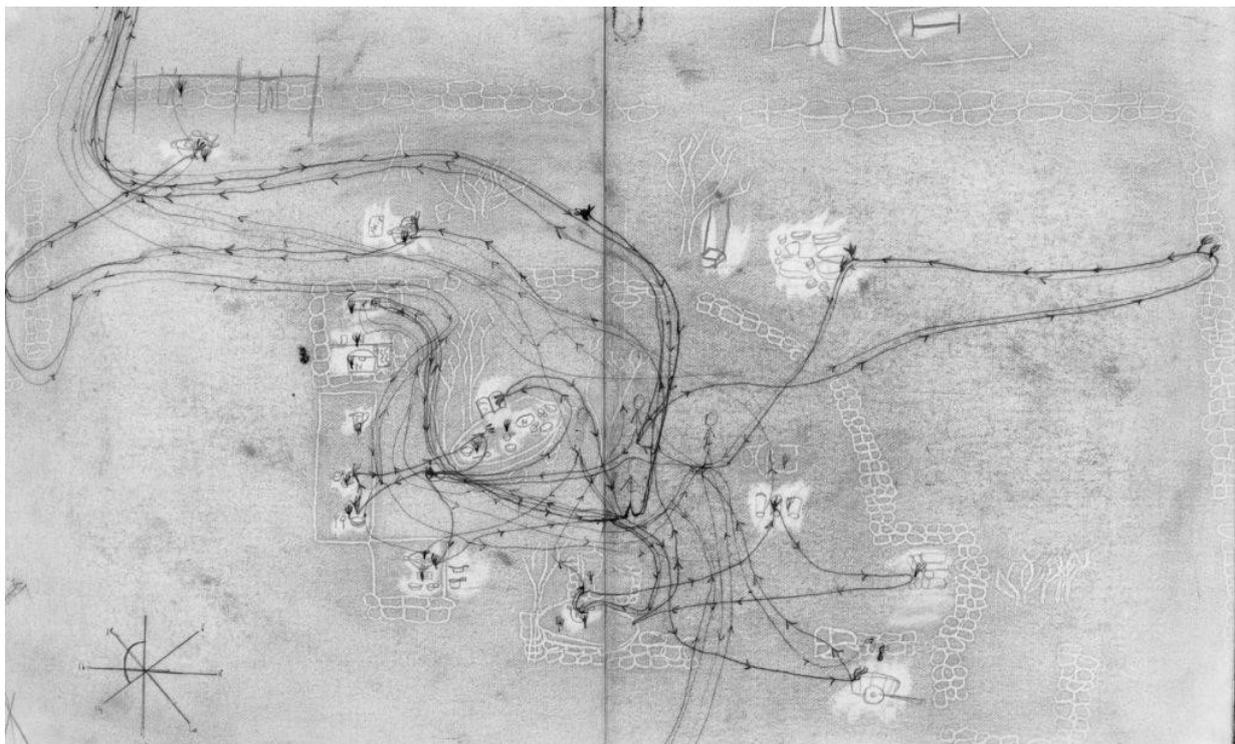
Eclipse, ponto cego, buraco negro, crepusvirginamento, crepusculação, síncope, branco no espaço, na percepção, branco dos sentidos, perder a língua, nuclear, jogar seus miolos, piorar, fazer a experiência, descer no sopro, na coluna de ar, lesões experimentais, buracos de memórias, vazios de sentido, vertigens linguais, linguismo, generada perpétua, queda do sistema de reprodução, queda do sistema de ação, escrevo sem mim, como uma dança sem dança, escrevo renunciado, desfeito. Desfeito de minha língua, desfeito de meu pensamento. Sem pensamento, sem ideia, sem palavra, sem lembrança, sem opinião, sem ver e sem ouvir. Escrevo com os ouvidos. Escrevo pelo avesso. Ouço tudo.

As palavras travam um combate, representam uma comédia, um drama. Porque a cada palavra subsiste um crime. Porque todas as palavras são cômicas. Porque são pronunciadas pelo orifício superior do tubo digestivo, enquanto que são pensadas bem baixo. Pois aquele que pronuncia as palavras no pensamento está embaixo. É ele que pronuncia as palavras em pensamento. A boca fala, mas é a boca muda de baixo, voz abafada, que imita o pensamento os movimentos da boca, que lança, que pronuncia os sons em silêncio.

Sempre quis produzir pelo avesso, a partir da célula menor. São palavras, ao se amplificarem, que fazem a história, o som que faz o tempo. A elevação, a gravitação das línguas, sua queda, a pulsação dos corpos cômicos.

A língua não é teu instrumento, teu utensílio, mas tua matéria, a própria matéria da qual você é feito; os tratamentos aos quais você a submete, é a você mesmo que você infringe, e mudando a tua língua, é você mesmo que você muda. Pois você é feito de palavras. Não de nervos e de sangue. Você foi feito pela língua, com a língua.

Valerie Novarina, O teatro dos ouvidos



Fernand Deligny, Cartografias

“Como se a água ficasse
A um dedo da minha boca
E todo o deserto à volta
Me segurasse”

Hilda Hilst, Cantares de perda e predileção

Dir-se-ia, quando aparece
dançando por siguiriyas,
que com a imagem do fogo
inteira se identifica.

Todos os gestos do fogo
que então possui dir-se-ia:
gestos das folhas do fogo,
de seu cabelo, sua língua;

gestos do corpo do fogo,
de sua carne em agonia,
carne de fogo, só nervos,
carne toda em carne viva.

Então, o caráter do fogo
nela também se adivinha:
mesmo gosto dos extremos,
de natureza faminta,

gosto de chegar ao fim
do que dele se aproxima,
gosto de chegar-se ao fim,
de atingir a própria cinza.

Porém a imagem do fogo
é num ponto desmentida:
que o fogo não é capaz
como ela é, nas siguiriyas,

de arrancar-se de si mesmo
numa primeira faísca,
nessa que, quando ela quer,
vem e acende-a fibra a fibra,

que somente ela é capaz
de acender-se estando fria,
de incendiar-se com nada,
de incendiar-se sozinha.

Estudos de uma bailaora andaluza,

João Cabral de Melo Neto

IV. restos

“As coisas desimportantes, os inutensílios, são muito importantes porque servem para a poesia. Tocar um violão num beco é muito mais importante para a poesia do que uma joia pendente. O cu de uma formiga é muito mais importante para a poesia do que uma usina nuclear. Não tenho nenhuma dúvida quanto a isso. Um caneco furado que não carrega água é muito mais importante do que um tanque de água. Isso, claro, pela inutilidade do caneco furado. As coisas desprezadas pela civilização são objetos de poesia. Digo, aliás, que os desobjetos só prestam para a poesia. E isso não é uma brincadeira retórica. É uma brincadeira a sério.”

Manoel de Barros, Encontros

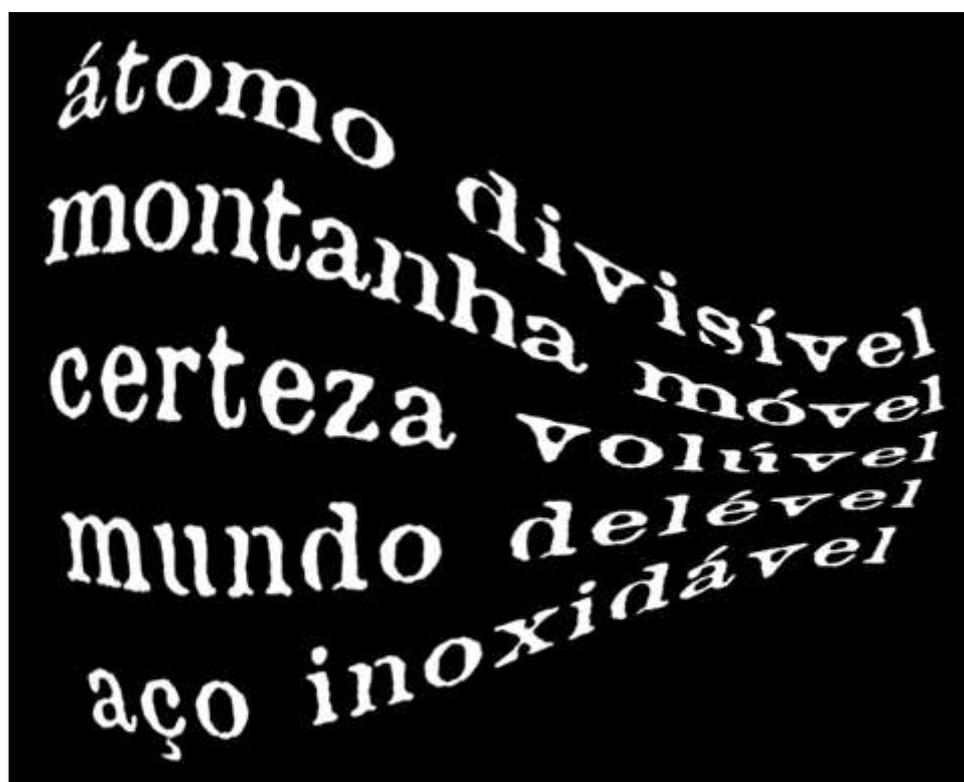


Vik Muniz, Atlas (detail), from the series 'Pictures of Garbage', 2005-9

Tudo escrevia quando eu escrevia na casa. A escrita estava por toda parte. E quando eu via os amigos, às vezes tinha dificuldade em reconhecê-los. Houve muitos anos assim, difíceis para mim, sim, uns dez anos talvez, foi quando isso durou. E quando até mesmo os amigos mais queridos vinham me ver, também era terrível. Os amigos não sabiam nada a meu respeito: me queriam bem e vinham num gesto de gentileza, acreditando me fazer bem. E o mais estranho é que eu não pensava nada sobre isso.

Isso faz da escrita algo selvagem. Unimo-nos a uma selvageria anterior à vida. E a reconhecemos sempre, é a das florestas, antiga como o tempo. A do medo de tudo, distinto e inseparável da própria vida. Ficamos ferozes. Não podemos escrever sem a força do corpo. É preciso ser mais forte que si mesmo para abordar a escrita, é preciso ser mais forte que aquilo que se escreve. É curioso, sim. Não somente a escrita, o escrito, mas os gritos das feras da noite, de todos, você e eu, os dos cachorros. É a vulgaridade maciça, desesperadora, da sociedade. A dor, ela é o Cristo também e Moisés e os faraós e todos os judeus e todas as crianças judias e também a felicidade mais violenta. Ainda acredito nisso.

Margherite Duras, Escrever



Arnaldo Antunes, Átomo divisível

Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmago das coisas.

Quando meu olhar
se perde no nada,
por favor,
não me despertem,
quero reter, no adentro da íris,
a menos sombra,
do ínfimo movimento.

Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor,
não me forcem.
Caminhar pra quê?
Deixem-me quedar,

deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante
anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio
da poesia penetra.

Da calma e do silêncio,

Conceição Evaristo

atrás
 dos prédios adivinho a sombra
 da lua baça presa no concreto
 dança e voo imóvel sobre o medo
 e o teto inexistente da cidade

atrás
 do duro sonho de edifícios
 passa um feto de satélite
 descubro o duende difícil intercalado
 e doo em mim ao projetar o tédio sobre a festa
 feita em pedra de luz da noite casta

e onde se quebra o vasto peso do projétil
 o leite em lua deita indiferente
 ausência gasta
 entre o tátil que me perde sem perder-me
 e o verme louco da vontade

me afasto percebendo toda inútil
 a gorda mancha esvaziada
 talvez desconhecendo o medo vivo
 deixe indelével um rastro na calçada

Ana Cristina Cesar, mar/71.

estou atrás
 do despojamento mais inteiro
 da simplicidade mais erma
 da palavra mais recém-nascida
 do inteiro mais despojado
 do ermo mais simples
 do nascimento a mais da palavra.

Ana Cristina Cesar, mai/69
em “Inéditos e dispersos”.

A primeira hora em que o filho do sol brincou com chumbinhos

para o Francisco, aos nove anos

*Não é que eu queira que você saiba manejar armas
mas quero sim que se prepare para afinar sua pontaria.*

Meu querido, as árvores falam. Os tigres correm olimpíadas em pistas muito mais incríveis do que aquelas feitas de cimento laranja. Usain Bolt vezes cem, o sorriso de Usain Bolt vezes mil. A matemática não é difícil se você comparar tudo ao aparecimento de um cardume. Alguns frutos nascem no chão, outros caem dos ramos. É preciso estar atento. Certas canções despertam em nós a vontade de uma história que já aconteceu mas que não vai acontecer mais. Algumas histórias têm a duração exata de uma música rock, outras se dividem em cantos. No intervalo dá para comprar pipocas. Poucas pessoas contaram as riscas de uma zebra, mas todos os que o fizeram regressaram diferentes. O alvo de um humano está no terceiro olho e um dia alguém vai explicar para você como o afagar e onde ele fica. Nunca aponte ao terceiro olho, com aquilo é só cuidados. Algumas vezes vão te empurrar e você vai empurrar de volta, provavelmente vai até querer pegar uma pedra para jogar no peito de quem te feriu. Isso não está certo, mas é humano. Quase tudo o que é humano é justo, não deixe que ninguém te diga o contrário - só não vale enfiar o dedo no tal olho porque isso é igual a matar. A morte é o contrário da justiça. Os peixes respiram debaixo de água e se você mergulhar entre as rochas e se concentrar muito também vai conseguir. Ah é: os peixes brilham mais que as chamas, e alguns deles vão morar dentro de seus pulmões. Segure-se. Faça por polir seu riso, principalmente ao entardecer. *Afine diariamente a pontaria e reze para que nunca seja necessário o disparo. Não existe proteção melhor do que a consciência de que podemos decidir atirar ao lado. Sim, daqui a muitos anos você vai conseguir acertar direitinho nessa lata de coca-cola que a gente suspendeu no sobreiro.* Só acho que não vai querer. Também vai saber por que razão é melhor segurar uma arma descalço - é que é na terra que está a consciência do mundo, e é preciso escutar o seu ruído para agir em verdade. Saiba também, querido, que muitas vezes a sombra de um desenho é bem mais bonita do que o desenho que está à vista. É preciso estar atento, e descobrir o bichinho que se mexe debaixo da folhagem. Não o mate: se cubra de flores e entre para brincar com ele.

Matilde Campilho

ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (profissional)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: **Os usos da palavra: escrita e experiência no campo de estudos da subjetividade**. Esta pesquisa está associada ao projeto de mestrado da psicóloga Clara Urzedo Rocha Motta, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com orientação da Prof.^a Dr^a Andréa Vieira Zanella.

Possui como objetivo tatear a experiência de escrita de estudantes de pós graduação no campo de estudos da subjetividade, além fomentar experiências estéticas com a escrita por meio de oficinas lúdicas com a palavra.

A participação e os procedimentos de coleta de informações será feito mediante Oficinas Estéticas de Leitura e Escrita, que serão realizadas online, com encontros semanais de 2 horas de duração ao longo de um mês. O material de análise será colhido a partir da gravação dos encontros e das produções individuais e coletivas realizadas durante as oficinas.

A pesquisa está sendo organizada para não gerar nenhum tipo de desconforto ou constrangimento para os participantes. No entanto, durante a participação nas oficinas pode surgir alguma situação inesperada que cause desconforto do ponto de vista psicológico, como inibição e ansiedade diante da solicitação de participação em atividades em grupo e/ou diante do registro das atividades em áudio ou vídeo. Nestes casos e em outros que possam surgir, durante todo o período de realização da pesquisa e após a sua conclusão, você será acompanhado(a) pela pesquisadora Clara Urzedo Rocha Motta que lhe prestará toda a assistência necessária ou acionará pessoal competente para isso. Sinta-se à vontade para nos procurar a qualquer momento caso tenha alguma dúvida sobre os procedimentos, entrando em

contato com a pesquisadora Clara Urzedo Rocha Motta pelo telefone (21) 967079519 e com a pesquisadora Andréa Vieira Zanella pelo telefone _____

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar a qualquer momento. Além disso, você é livre para recusar-se a participar, retirar o seu consentimento, ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo. Todos os dados coletados somente serão utilizados para esta pesquisa e para a divulgação acadêmica e científica de seus resultados. Serão tomadas todas as providências para manter o sigilo das informações coletadas, sendo que em nenhum momento, nem em materiais publicados ou na apresentação oral desta pesquisa, a identidade dos participantes será revelada, se assim o desejarem. Uma cópia deste termo de consentimento informado será arquivada pelas pesquisadoras e outra será fornecida a você, pois contém informações importantes de contatos e dos seus direitos ao participar desta pesquisa. A participação no estudo não acarretará custos para você e não disponibilizará nenhuma compensação financeira. A sua participação na pesquisa ocorrerá na própria instituição onde trabalha regularmente, em horário em que você esteja disponível para participar das atividades relacionadas a esta pesquisa. Você não terá nenhuma despesa advinda da participação na pesquisa e caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, esta será coberta com recursos das despesas previstas no projeto. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa você também poderá solicitar indenização conforme a legislação vigente. A pesquisadora responsável por esta pesquisa, Prof.^a Dr^a Andréa Vieira Zanella, que também assina este documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução CNS 466/12, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

Eu, _____,
RG _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas, tendo decidido dela participar por livre e espontânea vontade. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações, ou retirar meu consentimento, se assim o desejar. As pesquisadoras certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e me forneceram uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido.

Em caso de dúvidas poderei chamar a pesquisadora Clara Urzedo Rocha Motta ou a

professora orientadora Andréa Vieira Zanella nos telefones (21) 967079519 e (48) 3331-8566 ou o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFSC no telefone (48) 3721-6094.